

MARCILENE GARCIA DE SOUZA.

JUVENTUDE NEGRA E RACISMO: o Movimento Hip Hop em Curitiba e a apreensão da imagem de “Capital Européia” em uma “harmonia racial”.

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rodolfo Bodê de Moraes.

Curitiba
2003

A Minha mãe Neuzina Inácio de Souza e meu pai
Antônio Garcia de Souza (in memória).

Aos meus irmãos:

Narzarino Garcia de Souza.

Maria Lúcia de Souza.

Marina Garcia de Souza.

José Garcia de Souza.

Marinete Inácio de Souza.

Darcy Garcia de Souza.

Maria de Lourdes (Santa) de Souza e

João Garcia de Souza.

À todos nós negros e negras que no Brasil, vítimas
da violência do racismo sempre morremos antes e
morremos mais. Morremos mais antes de nascermos,
antes de crescermos, antes de nos tornarmos jovens,
quando jovens, quando adultos e quando idosos.



Ata referente à sessão pública de defesa de dissertação para obtenção de título de Mestre, a que se submeteu a aluna MARCILENE GARCIA DE SOUZA.

Aos onze dias de dezembro de dois mil e três, às 8:30 horas, na sala de reuniões do mestrado - 9º andar do Ed. D. Pedro I, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores Doutores: Pedro Rodolfo Bodê de Moraes -Orientador (UFPR), Maria Tarcisa Silva Bega (UFPR) e Jacques d'Adesky - (Univ. Cândido Mendes-RJ), designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Sociologia, para a sessão pública de defesa de dissertação intitulada "JUVENTUDE NEGRA E RACISMO: o movimento hip hop em Curitiba e a apreensão da imagem de "Capital Européia" em uma "harmonia racial", apresentada por MARCILENE GARCIA DE SOUZA. A sessão teve início com a apresentação oral da aluna sobre o assunto desenvolvido, tendo o Professor Doutor Pedro Rodolfo Bodê de Moraes, na presidência dos trabalhos, concedido a palavra a cada um dos examinadores, para sua arguição. Em seguida, a aluna apresentou sua defesa. Na seqüência, o Professor Doutor Pedro Rodolfo Bodê de Moraes, retomou a palavra para fazer suas considerações. Na continuação, a Banca Examinadora reunida, decidiu pela APROVAÇÃO da candidata, atribuindo-lhe os seguintes conceitos: o Professor Doutor Pedro Rodolfo Bodê de Moraes (orientador), conceito B.....; Profª Drª Maria Tarcisa Silva Bega, conceito B..... e o Prof. Dr. Jacques d'Adesky, conceito B..... . Em seguida, o Senhor Presidente declarou aprovada....., conceito final B....., à aluna Marcilene Garcia de Souza, que recebeu o **Título de Mestre em Sociologia**. Encerrada a sessão, eu, Sueli Helena Andolfato de Sales, secretária, lavrei a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela Candidata.

Em Tempo: a Banca recomenda a incorporação das sugestões

Prof. Dr. Pedro Rodolfo Bodê de Moraes -Orientador (UFPR) Pedro R. B. Moraes

Profª Drª Maria Tarcisa Silva Bega (UFPR) Maria Tarcisa Silva Bega

Prof. Dr. Jacques d'Adesky - (Univ. Cândido Mendes-RJ) Jacques d'Adesky

Marcilene Garcia de Souza Marcilene Garcia de Souza

e normatização do trabalho para o depósito legal.

AGRADECIMENTOS

Ao corpo docente da Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná: Professores José Miguel Rasia, Tarcisa Maria Begga, Dimas Floriani, Rafael Villa, Renato Monseff Perissinotto, Ricardo Costa Oliveira, Mário Fucks e Nelson Rosário de Souza, pela oportunidade. Também a secretária do Mestrado, Sueli que sempre esteve pronta a nos auxiliar.

Agradeço a CAPES/CNPq pelos seis meses de bolsa que recebi durante pós-graduação.

Ao meu orientador, Professor Pedro Rodolfo Bodê de Moraes pela paciência e pela liberdade de ação na pesquisa.

A todas as bandas de rap de Curitiba e Região Metropolitana que com muito respeito se dispuseram a entregar as suas letras de música, assim como permitir que eu os entrevistasse e observasse suas ações.

Ao D'J Robson de Barros, por ser o intermediário fundamental na aquisição das letras de rap, assim como ao MC Cipó que sempre esteve a disposição para me informar dias e horas das variadas festas que aconteciam na cidade e o surgimento de novas bandas.

A Márcia Regina Santos de Jesus, sempre ao meu lado, contribuindo com a pesquisa de campo, mas também na minha vida profissional afim de que eu pudesse me dedicar mais tempo a pesquisa.

Ao meu irmão Darcy Garcia de Souza que me acompanhou na pesquisa de campo, sobretudo nos horários noturnos, e aos meus sobrinhos Gislaine Garcia de Souza, Thiago

Garcia de Souza, Angélica R. de Carvalho que sempre estiveram prontos para digitar as letras de rap, e também, me acompanhando nas festas de rap de quase todos os sábados e domingos a tarde.

Ao querido amigo Eduardo David (Duda) de Oliveira que em todos os momentos esteve ao meu lado, dialogando com a minha pesquisa do início ao fim. Ao Luiz Carlos Paixão da Rocha pela fundamental amizade e companherismo nesta trajetória. A minha amiga do peito Rita de Cássia Gonçalves pela dedicação diuturna nesta e em outras fases da minha vida acadêmica.

Agradeço a Yagunã Dalzira Maria Aparecida, pela oportunidade de aprender um pouco mais sobre a verdadeira função de uma pesquisa acadêmica para nós negros. Também aos amigos Marcos Rodrigues da Silva, Samuel Gomes pelo estímulo que tantas vezes precisamos e ao Adilson Fernandes a quem também sempre pude contar.

Resumo

O presente trabalho intentou analisar os sentidos que os jovens curitibanos integrantes do Movimento Hip-Hop, em especial os rappers, conseguiram apreender os discursos construídos pelo poder local e meios de comunicação acerca da cidade de Curitiba como sendo de Primeiro Mundo e uma Capital Européia numa “Harmonia Racial” entre os povos. O período privilegiado foi a década de 1990 e os primeiros anos do século XXI. Buscou-se mapear suas representações da cidade, a partir do discurso dos atores mais visíveis do rap, assim como analisar letras de músicas que refletiam suas experiências de vida, percebidas e imaginadas no cotidiano da periferia de Curitiba e Região Metropolitana. No mesmo sentido, identificar algumas especificidades e singularidades na atuação dos rappers de Curitiba com algumas teorias que identificam a atuação dos rappers no país no que diz respeito às práticas discursivas no combate ao preconceito racial, discriminação racial e racismo. Temas estes que, no cenário nacional, foram identificados como sendo centrais e recorrentes em seus discursos e letras. O conjunto de informações apresentadas teve como principal fonte de análise 153 integrantes do rap, que totalizaram 40 bandas em Curitiba e Região Metropolitana. Para tanto, foram realizadas entrevistas, observação de seus discursos também pronunciados durante alguns shows, assim como análise das principais questões sociais levantadas em 150 letras de música. Os integrantes foram diagnosticados a partir do grupo a que pertencem (Banda), região da cidade em que atuam, idade, cor e grau de escolaridade. A pesquisa foi desenvolvida entre os anos de 2001 e 2002. Para entender a construção da imagem de Curitiba como sendo de Primeiro Mundo e Capital Européia, foi necessário apresentar alguns pressupostos teóricos acerca do Movimento Paranista, apontado por estudiosos como o cerne da construção da identidade paranaense, tendo a cidade de Curitiba como teste. No mesmo sentido, tenta-se entender se a construção da identidade do Paraná esteve fundamentada pela teoria do branqueamento anunciada por abolicionistas no país e defendida por alguns intelectuais, com intuito da criação de uma identidade nacional. No caso de Paraná, triunfaria como idéia de progresso, técnica, ciência, baseada em certo determinismo geográfico (clima), em torno do elemento branco e o incentivo à imigração européia e uma “raça superior”. Neste sentido, é que objetivamos nesta análise, entender como certos atores sociais que residem na cidade, de acordo com algumas características, sobretudo raciais e espaciais, podem apreender os discursos construídos acerca da identidade cultural da cidade, que por sua vez são reproduzidos pelo poder local, pelos meios de comunicação e pela educação escolar.

Palavras chave: Juventude negra; Rappers; Visibilidade Racial.

SUMÁRIO:

Glosário do rap curitibano.....	01
Lista de tabelas	03
INTRODUÇÃO	04
CAPÍTULO. I: NEGRO E RACISMO EM CURITIBA.	07
1.1. A idéia de Democracia Racial Curitibana.....	07
1.2. Branqueamento e Racismo.....	09
1.3. A Construção de uma “Harmonia Racial” Falseada em Curitiba	17
1.4.O Movimento Paranista.....	23
1.4.1.O Negro no Paraná.	28
1.4.2. Paraná: O melhor clima do mundo para o branqueamento.....	29.
1.5. Contextualização Histórica: A Invenção do Paraná.	34
CAPÍTULO. II: DÉCADA DE 90: A IDEÍA DA CIDADE QUE “DEU CERTO”..	36
2.1. Curitiba para todos (os imigrantes).	42
2.2. Espaço e Reconhecimento.....	48
CAPÍTULO III: O MOVIMENTO HIP HOP E RACISMO EM CURITIBA.	53
3.1. Movimento Hip Hop em Curitiba.....	59
3.1.2. Projetos Sociais na Cidade.....	93
3.1.3. As festas.....	95
3.1.4. Tendências dentro do Movimento.....	97
3.1.5. Os Estilos de rap.....	98
3.1.6. As gírias e apelidos.....	103
3.1.7. Vestuário dos rappers.....	104
3.1.8. Uso de drogas.....	105
CAPÍTULO IV: MOVIMENTO HIP HOP E A APREENSÃO DA IMAGEM DE CAPITAL EUROPÉIA E DA HARMONIA RACIAL.....	107
4.1. Movimento Hip Hop e Movimento Negro.....	107
4.2. Movimento Social e Movimento Hip Hop.....	110
4.3. Identidade Cultural e Identidade Social.....	117
4.4. Identidade Racial dos Jovens Negros do Rap de Curitiba.....	126
4.5. “Pretos”que passam em “brancos” no imaginário dos rappers negros de Curitiba	134
5.0. Considerações Finais.....	138
6.0. Referências Bibliográficas	141

Glosário Rap Curitibano - 2001-2002.

- 4 elementos:** rap, breack, grafite e D,J
B.Boy: Dançarino de Breack
Bagulho: crack
Banca: união dos integrantes de bandas
Banguela: Curitiba
Barraco: moradia
Batalha: disputa
Bazeado: Maconha
Bicho pega: piorar a situação
Black power: penteado afro (idéia de rebeldia)
Boca de Cachimbo: usando crack
Boca: lugar de comércio de drogas
Breack: elemento do Movimento Hip Hop
Boteco: bar da periferia.
Cara de mau: cara de bandido, rosto com expressão fechada
Cela ou caixão: prisão ou morte; xadrez ou cemitério;
Curtindo de você: tirando um sarro
Curtir na moral: curtir sem brigas
Drão: rap de ladrão (rap realista); rap que fala da criminalidade.
Dread look: penteado afro (idéia de rebeldia)
Embaçar: atrapalhar
Enquadrando: pretendo
Esquech: Quando o D’J risca o vinil para tirar um som.
Esquema: plano
Falar bonito: usar palavras estranhas ou inteligentes
Falsário na fita: falsário, dedo duro, falso, quem fala mal das pessoas por trás
Faveleiro: morador da favela
Fazer um *Freestyle* : fazer uma letra cantada em forma de repente
Foda: expressão que dá idéia de algo muito ruim ou algo muito bom
Freestyle: estilo de rap onde a letra é construída na hora, como uma espécie de “repente”.
Galera: união de amigos
Gangsta: estilo de rap realista
Gangues: grupos
Grafite: Desenhos e pinturas feitas nas ruas.
Gueto: periferia
Hip hop na veia: ativista do movimento
Júri: integrantes da Banda J A. C
M.C: Mestre de Cerimônia.
Malandro: inteligente
Maluco: pessoa
Mano: irmão
Massa: expressão que dá idéia de algo bom
Mina de moral: que tem moral
Mina: menina; mulher

Movimento Hip Hop: Movimento de arte música que é caracterizado por 4 elementos: rap, break, grafite e D.J.

Mulher de atitude: mulher responsável

Mundo da Malandragem: quem sobrevive roubando ou traficando para comer.

Noiado: viciado

Pagá-pau: puxar o saco; pagar um mico, etc

Paia: expressão que dá idéia de “algo ruim”

Pancozinho: rap que usa roupas (do estilo rap) de marcas internacionais (EUA)

Pedra: crack

Pick`ups: toca disco

Pó: Cocaína

Porcos fardados: polícia

Quebrada: local de moradia

Questão social: problemas sociais; pobreza

Rap inteligente: rap com palavras diferentes e com pesquisas

Rap ladrão: rap realista

Rap sanguinário: rap realista que fala de mortes e violência; rap pessimista;

Rap submundo: rappers que não gostam de aparecer (sentido de visível)

Rap: Estilo de Música do Movimento Hip Hop, uma espécie de grande conversa;

Rapper: quem faz o rap

Resposta: responsável

Rima: letra de rap ou de um repente

Rone: polícia que age com violência pra matar

SDG: sobreviventes do gueto

Seguir na reta: seguir o caminho

Sistema: sociedade

Som venenoso: som pesado; letras que mexem com a cabeça; letras radicais

Submundo: nível avançado do rap

Tela: TV; telinha;

Tirando você de otário: enganando você

Trampar: trabalhar

Tretas: brigas

Tubão: mistura de cachaça com refrigerante

Underground: Estilo de rap com letras menos realistas e pessimistas.

Vixe: expressão de espanto

Z. L: Zona Leste

Z. S: Zona Sul

Zona: Região da Cidade.

Lista de tabelas:

TABELA 01- Bandas de rap de Curitiba e Região Metropolitana. 2001-2002	66
TABELA 02- Bandas de rap de Curitiba e Região Metropolitana por nome e espaço geográfico. 2001-2001.	71
TABELA 03- Bandas de rap de Curitiba e Região Metropolitana Zona Espacial. 2001-2001	72
TABELA 04- Bairros de Curitiba. 2003.....	73
TABELA 05 - Bairros onde não há bandas de rap. 2001-2002.....	74
TABELA 06- Rappers a partir do sexo. 2001-2002.....	80
TABELA 07- Rappers a partir da cor. 2001-2002.....	84
TABELA 08- Rappers do sexo masculino a partir da cor. 2001-2002.....	84
TABELA 09- Rappers do sexo feminino a partir da cor . 2001-2002.....	84
TABELA 10- Rappers a partir do grau de escolaridade. 2001-2002	87
TABELA 11 -Rappers do sexo masculino a partir do grau de escolaridade. 2001-2002..	87
TABELA 12 - Rappers do sexo feminino a partir do grau de escolaridade. 2001-2002..	88
TABELA 13 - Rappers do sexo masculino e negros a partir do grau de escolaridade 2001-2002.....	88
TABELA 14- Rappers do sexo masculino e brancos a partir do grau de escolaridade 2001- 2002.....	88
TABELA 15- Rappers do sexo feminino, negras a partir do grau de escolaridade. 2001-2002.	89
TABELA 16- Rappers do sexo feminino e brancas a partir do grau de escolaridade. 2001-2002.	89
TABELA 17- Rappers a partir da idade. 2001-2002.....	89
TABELA 18- Rappers do sexo masculino a partir da idade. 2001-2002.	89
TABELA 19- Rappers do sexo feminino e idade. 2001-2002.	89
TABELA 20- Rappers do sexo masculino, brancos a partir da idade. 2001-2002.	90
TABELA 21- Rappers do sexo masculino, negros a partir da idade. 2001-2002.....	90
TABELA 22 - Rappers do sexo feminino, negras a partir da idade. 2001-2002.....	90
TABELA 23 - Rappers do sexo feminino, brancas a partir da idade. 2001-2002.....	91
TABELA 24- Número de CDs gravados por bandas. 2001-2002.....	92

INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa é fruto do resultado de um estudo realizado na graduação em Ciências Sociais na UFPR, em 1999, sobre a invisibilidade da população negra em Curitiba, a partir de coleção de livros *Lições Curitibanas*, assim como a invisibilidade presente também nos festivais folclóricos, parques e bosques da cidade.

Já neste estudo, buscou-se analisar os sentidos que os jovens curitibanos integrantes do Movimento Hip Hop, em especial os rappers, conseguiram apreender os discursos construídos pelo poder local e meios de comunicação acerca da cidade de Curitiba como sendo de “Primeiro Mundo” e uma “Capital Européia” numa “Democracia Racial”. O período privilegiado foi a década de 1990 e os primeiros anos do século XXI.

Buscou-se mapear suas representações da cidade, a partir do discurso dos atores mais visíveis do rap, assim como analisar letras de músicas que refletiam suas experiências de vida, percebidas e imaginadas no cotidiano da periferia de Curitiba e Região Metropolitana. No mesmo sentido, identificar algumas especificidades e singularidades na atuação dos rappers de Curitiba com algumas teorias que identificam a atuação dos rappers no país no que diz respeito aos discursivos¹ no combate ao preconceito racial, discriminação racial e racismo. Temas estes que, no cenário nacional, foram identificados como sendo centrais e recorrentes em seus discursos e letras.

O conjunto de informações apresentadas teve como principal fonte de análise 153 integrantes do rap, que totalizaram 40 bandas em Curitiba e Região Metropolitana. Para tanto, foram realizadas entrevistas, observação de seus discursos também pronunciados durante alguns shows, assim como análise das principais questões sociais levantadas em

¹ Discursos aqui entendido como uma fala de protesto como forma de denúncia.(sentido lingüístico).

150 letras de música. Os integrantes foram diagnosticados a partir do grupo a que pertencem (Banda), região da cidade em que atuam, idade, cor e grau de escolaridade. A pesquisa foi desenvolvida entre os anos de 2001 e 2002.

Para entender a construção da imagem de Curitiba como sendo de Primeiro Mundo e Capital Européia, será necessário apresentar alguns pressupostos teóricos acerca do Movimento Paranista, apontado por estudiosos como o cerne da construção da identidade paranaense, tendo a cidade de Curitiba como teste. No mesmo sentido, tenta-se entender se a construção da identidade do Paraná esteve fundamentada pela teoria do branqueamento anunciada por abolicionistas no país e defendida por alguns intelectuais, com intuito da criação de uma identidade nacional. No caso de Paraná, triunfaria como idéia de progresso, técnica, ciência, baseada em certo determinismo geográfico (clima), em torno do elemento branco e o incentivo à imigração européia.

No primeiro capítulo, nos propusemos a analisar os efeitos da modernização da cidade de Curitiba na virada do século XIX para o XX e os ideais que fundamentaram a construção da identidade cultural paranaense, embasada também no meio físico e na raça. Para tanto analisaremos a construção da ideologia do branqueamento, o conceito de “raça” e construção da harmonia racial falseada em Curitiba. Neste momento estaremos dando uma ênfase ao Movimento Paranista que fundamentou esta construção da identidade paranaense. No mesmo sentido em que destacaremos alguns contextos históricos sobre o negro na Paraná e a construção de sua “ausência” a fim de inventar um Estado Europeu.

A análise do segundo capítulo priorizará apontar algumas características da construção da representação da imagem de Curitiba como sendo a cidade que deu certo, a modelo do país, da convivência racial harmoniosa num espaço que reconhece e valoriza somente os descendentes de europeus.

No terceiro capítulo, faremos uma rápida apresentação do surgimento do Movimento Hip Hop no país e suas ações no combate ao racismo. Posteriormente estaremos apresentando os resultados da pesquisa empírica realizada entre 2001 e 2002 a partir de tabelas com número de bandas por bairro, zona da cidade, cor, sexo, grau de escolaridade, número de cds gravados, etc. Além disso, constarão também algumas descrições das festas, projetos sociais que eles desenvolvem, as tendências e estilos dentro do Movimento, etc.

O quarto capítulo se propõe a analisar os discursos e letras musicadas dos rappers, com a intenção de entender em que medida os discursos construídos acerca da cidade de Curitiba como sendo de Primeiro Mundo e uma Capital Européia onde todos convivem na mais perfeita harmonia racial, foi apreendida pelos atores que são majoritariamente negros.

Assim tentaremos contextualizar as desigualdades sociais e raciais existentes no país e na cidade, partindo do entendimento de que a exclusão social atinge os pobres em geral e os negros de forma singular e específica. No mesmo sentido, apresentamos um debate acerca do “movimento social hip hop” e da identidade cultural destes atores negros pertencentes a este movimento que se auto-reconhece como porta-voz da periferia, porém, convivem com uma representação de uma imagem europeizada da cidade e um processo de invisibilização da população negra num discurso de harmonia racial entre todos os povos.

I - NEGRO E RACISMO EM CURITIBA

1.1. A idéia de democracia racial curitibana

O intento deste capítulo é apresentar um enfoque que possibilite um “novo olhar” acerca de algumas características da modernização da cidade de Curitiba na virada do século XIX para o XX. Ou seja, analisar os efeitos da “modernização”, que do ponto de vista dos seus ideais fundamentaram a construção da identidade cultural paranaense (curitibana), embasada também no “meio físico” e na “raça” (PEREIRA, 2002). Verificaremos ainda em que medida os discursos consolidados em Curitiba na década de 1990 sofreram influência desta característica de modernização que possibilitou o reconhecimento pelos meios de comunicação, inclusive internacionalmente, como a “cidade que deu certo” também do ponto de vista de sua harmonia racial.

Identificamos que tais ideais corroboraram para a construção de uma idéia assentada numa “democracia racial” firmada num discurso plurirracial pelo “poder local”, segundo o qual existiria uma harmonia racial entre todos os indivíduos, mas com características singulares daquelas construídas na vertente brasileira. No que concerne às “teorias do branqueamento”, no caso curitibano, somente as “etnias” européias e raramente as asiáticas participam desta “democracia racial”. A população negra² não chega a ser considerada parte *incluída* ou *excluída*³ desta “ágora”.⁴

Considera-se, ainda, a existência de um processo de “invisibilização” da população negra, seja na arquitetura, parques, bosques, portais, meios de comunicação e educação nas

² A categoria “negro” é compreendida como a junção dos “pretos” e “pardos”, conforme denominação do IBGE.

³ Nos referimos ao conceito de inclusão e exclusão apresentado por Boaventura de Souza SANTOS, 1999.

⁴ A metáfora da “ágora” remete à idéia da democracia grega: mulheres, crianças e escravos não eram considerados cidadãos. Somente os indivíduos do sexo masculino adultos.

escolas, que contribui para a percepção de que ela não chega a se constituir como um grupo racial⁵ “merecedor” dos bens sociais, econômicos e culturais do *pacto social* que consideraria todos os indivíduos como “cidadãos”⁶, independentemente do sexo, cor, raça, etnia, religião ou procedência nacional.

Este contingente populacional no Estado do Paraná representa 22% do total (IBGE2001) e na cidade de Curitiba e Região Metropolitana representa pouco mais de 20% da população.

Entretanto, existe por parte dos meios de comunicação, oficiais ou não, o reforço na imagem da existência de uma miscigenação racial, no Estado e/ou em sua capital, que resulta na percepção de uma convivência racial harmoniosa dos grupos responsáveis pelo desenvolvimento do Estado. Esse discurso é evidente no texto abaixo, o qual faz parte de um material do Banestado, que escolheu o tema “etnias” para ser apresentado em seu calendário de 1997.

Os quase 200 mil quilômetros do território paranaense abrigam uma miscigenação de raças que convivem na mais perfeita harmonia. São portugueses, italianos, alemães, poloneses, ucranianos, holandeses, árabes, entre outros, formando frentes de colonização, que encontram no Paraná uma terra com formação semelhante à da pátria de origem. A diversidade geoclimática do Estado ofereceu aos imigrantes um recanto acolhedor, fértil, convidativo ao trabalho e plenamente capaz de alimentar as esperanças das famílias que se dispuseram a recomeçar a vida em um mundo novo. Foi através do trabalho árduo de cada um desses imigrantes que a Região Sul, a menor divisão geopolítica do País, transformou-se na segunda mais desenvolvida e maior volume de alimentos. O Banestado, que além da preocupação em apresentar resultados positivos em seu balanço financeiro, acredita em seu quadro de clientes composto pelas diversas etnias, reconhece a importância de cada imigrante na história do desenvolvimento do Paraná. As etnias formam o Paraná, e o Banestado, que é fruto da força dos paranaenses, homenageia nossa história.

Somos tantos mas somos um, somos o Paraná de todos os povos.

Calendário do Banco Banestado: **Etnias 1997**

O Paraná de todos os povos que abrigam uma “miscigenação de raças” que convivem na mais perfeita harmonia, identificada pelo Banco como sendo os portugueses,

⁵ Racial entendido aqui como categoria social e não biológica.

⁶ Cidadão foi entendido como sendo os indivíduos “incluídos” numa sociedade democrática que gozam dos 4 Bens Públicos: Legitimidade da Governação, Bem Estar Social, Econômico e Segurança Coletiva. (Conforme Boaventura Santos.)

italianos, alemães, poloneses, ucranianos, holandeses, árabes, etc, foram as principais etnias reconhecidas como importante na história do desenvolvimento do Estado. Note-se como característica do clima foi positiva para esta população (um recanto acolhedor e convidativo ao trabalho).

Em Curitiba, o codinome de “Capital de todas as etnias”, comunga com o codinome de “Capital Européia”, onde haveria uma grande harmonia racial entre todos os povos, uma espécie de “democracia racial” expressa na idéia de “todas as etnias”, ainda que esta harmonia racial encontra-se efetivada em torno do elemento “branco”, haja vista que somente os imigrantes europeus, e com raras exceções os asiáticos (japoneses), são reconhecidos como os “responsáveis” pela formação da cidade, não só pelos meios de comunicação e propagandas oficiais da prefeitura, mas também na educação das escolas municipais. (GARCIA DE SOUZA, 1999).

1.2. Branqueamento e Racismo

Quando nos propomos a discutir a democracia racial curitibana, tendo em vista a representação de sua modernização que teve como característica uma idéia de não conflito racial e nem social, assentada, portanto, numa imagem de harmonia racial entre todas as etnias, estamos também partindo do entendimento dos desafios colocados pela relação “liberdade e igualdade”, na qual a questão democrática tem aparecido como centro do problema dos direitos humanos e na distribuição da justiça. Justiça, entendida em termos sociais e políticos, enquanto uma prática de distribuição dos direitos em nome da “universalidade” e “igualdade”. Pensando, portanto, a democracia como alargamento das transformações sociais.

Neste sentido, Teresa SALES (1994), ao adentrar nas raízes da desigualdade social na cultura política brasileira, considera que a “privatização das relações raciais, têm na “democracia racial” e no “homem cordial” suas expressões ideológicas”. (SALES p.51).⁷ Contudo, a democracia racial existente no caso brasileiro se apresentaria como um mito fortemente refutado pelos cientistas sociais, mas, que na verdade, se fertiliza num ambiente em que consegue transmigrar-se, ora como mito de realidade e, ao mesmo tempo, como a representação da verdade no imaginário das populações brancas e negras.⁸ O que no caso curitibano apresentaria uma singularidade que vem ser o processo de invisibilização da população negra, uma espécie de negação da sua existência enquanto grupo racial.

A partir desse pressuposto, atentamos para a importância de discussões que possam possibilitar análises para o entendimento das formas concretas da construção de uma ideologia falaciosa de “cordialidade” social e racial como estratégias centrais na constituição do desigual acesso de oportunidade na distribuição dos bens sociais das populações negras em relação às brancas, mesmo que pobres.

Entendemos que a construção da cidadania brasileira deve passar por pensar os direitos civis à liberdade individual de ir e vir, de justiça, direito à propriedade, direitos ao trabalho, que foram outorgados ao homem livre, durante e depois de período escravocrata. Contudo, da escravidão e do processo da abolição resultou o fenômeno da pobreza, da miséria – da exclusão – que atinge um grupo majoritário de pessoas de acordo com sua cor. Esta exclusão aparenta estar assentada não no processo de escravização como um todo, mas

⁷ Homem Cordial (Buarque de Holanda) e Democracia Racial (Gilberto Freyre).

⁸ A afirmação resulta da análise de que, no Brasil, apesar de os dados estatísticos revelarem há muitas décadas a desigualdade racial presente nas relações sociais brasileiras, o mito de sociedade “igualitária” tem surtido muito efeito no imaginário da maioria da população (de acordo com dados do IBGE).

no da “abolição” e nas estratégias de perpetuação das diferenças raciais presentes na escravidão.

A interpretação para justificativa da perpetuação das diferenças raciais há décadas entre as populações negras quando comparada às não negras, acredita-se estar fundamentada no “mito da democracia racial”.⁹

Tal interpretação resultaria na análise de que o “Estado” parece não legitimar a existência do processo desigual a que este grupo esteve e está submetido historicamente. Por não reconhecer esse processo desigual, legitimam-se a vantagem, o benefício e o privilégio que um outro grupo, de acordo com sua cor, mesmo que pobre, tem tido na sociedade brasileira e na curitibana.

Assim, para pensar o Paraná e a construção de uma identidade europeizada do ponto de vista social, econômico e racial, foi necessário observarmos algumas discussões nacionais que permeavam no país, sobretudo no que concerne à construção da idéia de nação, tendo o imigrante europeu e as teorias do “branqueamento” como características do progresso brasileiro. Tais idéias, pensadas por alguns intelectuais, possibilitaram a construção de um fim pacífico para a escravidão, tendo como base uma “teoria da ausência do preconceito racial entre brancos e negros”¹⁰. O que parece ter uma repercussão direta no entendimento da sociedade brasileira atual, que comunga do mito de democracia racial, resultante também da imagem construída de uma abolição pacífica e ordeira, de uma escravidão mansa e solidária, de um cativo generoso, dócil e passivo ¹¹. Essas idéias, diga-se, estão apoiadas nas teorias raciais do seu século.

⁹ Ver: AZEVEDO(1975); SKIDMORE (1976); CHIAVENATO (1980); MUNANGA (1988); GUIMARÃES (1999); SODRÉ(1999.); GORENDER (2000); D’ADESKI.(2001).

¹⁰ NABUCO:2000.

¹¹ Conforme NABUCO: 2000.

Esse projeto de modernização carregava consigo “idéias preconceituosas sobre os negros, a despeito de pretender representar o Brasil como um paraíso de convivência inter-racial”, tendo em vista que, os argumentos liberais visavam “mobilizar as elites brasileiras para arrancar o país do isolamento da economia mundial e fornecer uma imagem atrativa para a importação de mão-de-obra européia.” (CARONE, 2002:16)

Num outro sentido, “reflete o interesse dos abolicionistas em selecionar aqueles que deveriam compor a República, seus cidadãos de fato e de direito. Cidadãos que percebessem a importância da instituição do Estado como sujeito político e que aceitassem a inexistência de conflitos sociais”¹². Entretanto, os negros, libertos ou não, não eram os cidadãos almejados pelos abolicionistas.

A construção da ideologia do branqueamento, por exemplo, era uma espécie de Darwinismo social que apostava na seleção natural em prol da “purificação étnica”, na vitória do elemento branco sobre o negro com a vantagem adicional de produzir, pelo cruzamento inter-racial, um homem “ariano” plenamente adaptado às condições brasileiras.

A teoria brasileira do branqueamento foi aceita pela maior parte da elite do país entre 1889 e 1914:

A tese do branqueamento baseava-se na presunção da superioridade branca, às vezes, pelo uso dos eufemismos raciais “mais adiantadas” e “menos adiantadas” e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata. À suposição inicial, juntavam-se a mais duas. Primeiro - a população negra diminuía progressivamente em relação à branca por motivos que incluíam a suposta taxa de natalidade mais baixa, a maior incidência de doenças, e a desorganização social. Segundo – a miscigenação produzia “naturalmente” uma população mais clara, em parte porque o *gene* branco era mais forte e em parte porque as pessoas procurassem parceiros mais claros do que elas (a imigração branca reforçaria a resultante predominância branca).¹³

Esta afirmação resulta numa análise positiva da miscigenação como não produtora de “degenerados”, mas uma população mestiça, sadia e capaz de tornar-se branca

¹² CARONE, 2002:118.

¹³ In SKIDMORE, 1976: 81.

fisicamente e culturalmente.¹⁴ Os mestiços estariam num patamar de superioridade física e intelectual quando comparado aos pretos,¹⁵ o que contradizia as idéias de Nina Rodrigues, que, antes de morrer (1906), se opôs à opinião da valorização do mestiço (crença difundida entre a elite de que a miscigenação levaria mais cedo ou mais tarde a um Brasil branco), escrevendo muitos ensaios com tópicos que destaca a degenerescência física e mental dos mestiços. Nina Rodrigues preocupa-se, sobretudo, com o Norte do Brasil, em função do clima, embora acreditasse que processo de branqueamento pudesse triunfar, de fato, no Sul do Brasil, justamente pelas características climáticas, o que resultaria na possibilidade da construção de um país racialmente dividido entre o Sul branco e o Norte mestiço. Acreditava, contudo, que o clima quente era “inóspito” aos brancos. Por outro lado, entendia “as vastas mestiçagens que, entregando o país aos mestiços, acabará, por outro lado, privando-o, por longo prazo, pelo mesmos, da liderança marcante da raça branca. Esta, teria sido a garantia da civilização dos Estados Unidos.”¹⁶

Os defensores da teoria do branqueamento acreditavam que até 2012 estaria extinta a população negra do país. O recenseamento de 1890 mostrava que a população branca representava 44% do total. Em 1940, o censo mostraria que a população branca representava 63% do total nacional. Joaquim Batista de Lacerda, utilizando dados estatísticos de Roquete Pinto, produziu gráficos projetando a composição racial da população brasileira até 2012, demonstrando o acréscimo da percentagem da população branca que resultaria, nessa data, em 80% de brancos, 3% de mestiços, 17% de indígenas e a população negra teria sido extinta completamente.¹⁷

¹⁴ Tese apresentada por João Batista de Lacerda em Londres em 1911, conforme SKIDMORE, 1989.

¹⁵ SKIDMORE, 1976: 82 e 83.

¹⁶ SKIDMORE, 1976: 78.

¹⁷ SKIDMORE, 1976: 84.

A tese defendida por Joaquim Batista Lacerda pressupunha que o cruzamento do preto com o branco não produzia *progênie* intelectual inferior, prosseguindo em teses que descreviam o grande papel que os mestiços tiveram na história do Brasil, assim como a defesa de casamentos inter-raciais e não a sua proibição. Segundo ele, “já se viam filhos de mestiços apresentarem na terceira geração, todos os caracteres físicos da raça branca”. Outros intelectuais corroboravam para a idéia de que o “sangue caucásico” era o “mais forte”. Em São Paulo, graças ao clima e a outros fatores antropológicos, o sangue negro desapareceria somente na quinta geração.¹⁸

A imigração européia, portanto, corrigiria a extrema mestiçagem estabelecida, e firmaria a supremacia branca. Nos estados do Sul, como descreveu surpreso o americano Clayton Cooper em 1917 numa visita ao Brasil, existia um

“novo experimento entre as nações”... “diferente de tudo o que se conhece nos Estados Unidos ou em qualquer parte da Europa na colonização de gente de cor diferente”... “ Uma honesta tentativa está sendo feita aqui para eliminar os pretos e pardos pela infusão de sangue branco. Pretende-se que um dos fatores nesse processo é a seleção natural pela fêmea de um parceiro de cor mais clara do que a sua”... “Certas partes do Sul do Brasil, onde são encontrados comparativamente poucos dos tipos negróides ou de pele escura, são dadas como exemplo do progresso já alcançado nessa façanha audaciosa e sem precedentes”. “ Muitos brasileiros mais cultos vos dirão que este país revelará um dia ao mundo inteiro o único método existente de interpenetração racial, o único que evitará guerras raciais e derramamento de sangue. (s/grifo e s/ negrito)¹⁹

O viajante destaca, entre as regiões brasileiras, o Sul como representação do progresso (étnico) já alcançado em função da tentativa de eliminar os negros pela mestiçagem. O Sul do Brasil se apresenta como um experimento entre as nações, diferente de tudo o que já se encontrara em colonizações de gente de cor diferente.

Neste mesmo sentido, é relevante destacar que a imagem do Brasil (1890-1914) no exterior era prejudicada, sobretudo pelo clima tropical diferenciado do da Argentina, Chile

¹⁸ In SKIDMORE 1976:83, citando o viajante Martin Frâncico Ribeiro de Andrade, 1899.

¹⁹ SKIDMORE 1976: 91.

e Estados Unidos. Assim, somente São Paulo e os Estados do Sul atraíram mais os imigrantes europeus potenciais. Para tanto, foi necessária a criação de representações que favorecessem a imagem do país no que diz respeito ao clima e à harmonia racial. As propagandas eram veiculadas em grandes mostras internacionais. Domingos Jaguaribe (1893), propagandista da Primeira República, acerca da democracia racial, afirmava que “felizmente não há preconceito racial no Brasil. Vêm-se homens de cor casando com mulheres brancas e vice-versa, de maneira que a população negra tende a diminuir extraordinariamente. Dentro de cinquenta anos se terá tornado muito rara no Brasil”.²⁰ Quanto aos imigrantes alemães, a recomendação (da elite) era que se acolhesse muito bem, sendo estes identificados como um “coeficiente étnico de primeira grandeza.”

No fim a década de 80 (1887), o ideal de branqueamento aglutina-se ao “liberalismo político econômico”, a fim de produzir uma imagem nacional mais definida, o que repercute diretamente nas propagandas dirigidas aos estrangeiros e na produção dos intelectuais que refletiam o pensamento da elite, sobretudo no que dizia respeito à popularidade do ideal do branqueamento, que alcançara expressão significativa em 1916, quando alguns escritores empenharam-se em reexaminar a “identidade nacional” e a necessidade de resolver o problema de qual identidade étnica deveria ser exibida internacionalmente.²¹

A consolidação da construção do ideal do branqueamento e sua aceitação implícita de seus formuladores da doutrina e pelos críticos sociais se deu no Brasil nos anos 20 e 30. Escritores afirmavam que o Brasil “branqueava a olhos vistos” e que o problema

²⁰ SKIDMORE, 1976:147.

²¹ Conforme SKIDMORE:1976.

caminhava para uma solução, ou seja, a crença, portanto, era de que o Brasil estava se tornando branco progressivamente e continuaria neste rumo.²²

Uma das grandes inovações da Assembléia Constituinte de 1934, eleita pelo voto popular em 1934, foi a política de imigração (artigo 121, seção 6) que adota o princípio de cotas. Ou seja, o artigo rezava que *a entrada de imigrantes no território nacional sofrerá restrições necessárias à garantia da integração étnica e capacidade física dos imigrantes.*(Fernando Mendes de Almeida, 1963).²³ Mesmo em 1945, um mês antes de ser deposto, o presidente Getúlio Vargas assinou um decreto-lei nº. 7967, de 18 de setembro de 1945, estipulando que os imigrantes seriam admitidos de conformidade com a “necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características mais convenientes de sua ascendência européia”.²⁴ Contudo, nenhum outro corpo de lei sobre imigração foi aprovado até pelo menos 1976.

Para SKIDMORE (1976), em 1940 o censo confirmava que a população brasileira estava mesmo ficando branca. Porém, o censo de 1970 não coletou dados sobre raça. Nos anos de 1960, o quadro das relações raciais no Brasil tinha emergido com novas pesquisas de cientistas sociais brasileiros e estrangeiros, que demonstravam que quanto mais escuro fosse o brasileiro, menos mobilidade social este teria. O mito da democracia racial começa a ser combatido, assim como a demonstração de que a escravidão no Brasil foi tão cruel quanto em qualquer lugar do mundo. No entanto, o fato de que o censo não quantificara os negros e brancos demonstrou que não existia uma séria preocupação com o problema racial brasileiro, mesmo que não havia novidade de que a população negra sofria de discriminação racial na educação, renda, habitação e emprego, etc.

²² Idem.

²³ In SKIDMORE, 1976:217.

²⁴ SKIDMORE, 1976:219 (s/grifo).

1.3. A Construção de uma “harmonia racial” falseada em Curitiba

Para caracterizarmos a construção da idéia de “harmonia racial” presente especialmente em Curitiba, será relevante apontar algumas singularidades históricas da “modernização” desta cidade na virada do século XIX para o XX, que refletiu os ideais que fundamentaram a construção da identidade cultural paranaense, cuja característica de sua população também obedeceria a uma certa composição étnica racial: a população branca. (PEREIRA, 2002)

O foco principal de PEREIRA (2002), ao pretender analisar este assunto, foi a cidade de Curitiba no período da Proclamação da República, em especial as duas primeiras décadas do século XX, e a modernização da cidade que teria determinado profundas alterações no espaço urbano local, auxiliando a compreensão da identidade cultural forjada pela intelectualidade local, que “inventou” tradições e construiu a idéia – apoiada nas teorias raciais do século XIX e nas noções de progresso e ciência, assim como a idéia de meio físico com clima mais ameno (supostamente mais propenso à civilidade) e de uma mistura racial que privilegiou o imigrante europeu – de melhoria da raça. (PEREIRA, 2002)

Das principais teorias raciais no Brasil, enfatizamos a teoria do branqueamento, que teve maior aceitação por parte da elite do país. Contudo, no final do século XIX e início do XX, a elite paranaense identificava um quadro caótico do Estado do Paraná, no que concerne ao seu desenvolvimento econômico e político. Além disso, a região apresentava características e indefinição geográfica, sem identidade, com uma população heterogênea sem identidade cultural própria. Ou seja, de imigrantes, migrantes de partes variadas do

país e do planeta. Portanto, o desafio era “construir uma identidade cultural própria de inventar tradições”. Este teria sido o objetivo comum dos intelectuais e artistas que formaram a primeira geração local, construindo o desenvolvimento econômico em Curitiba. Conforme PEREIRA:

A experiência de construção de sua identidade ganhou impulso fundamental no período da Primeira República (1889-1930), pela adoção do princípio federativo, consolidado pela constituição de 1891 e pela efervescência cultural pela qual passou sua capital, Curitiba, colhendo os frutos do “bom” da erva-mate.²⁵

Em 1934, o Paraná recebe cerca de 101.331 imigrantes, que poderiam ser base para a construção de uma identidade cultural. A presença dos imigrantes facilitaria a construção de um perfil cosmopolita para a identidade cultural local, sem levar em conta “a indústria da erva-mate que financiara a construção da identidade paranaense, contribuindo para o processo de mecanização com características do modelo fabril europeu”. Entretanto, após a Guerra do Paraguai, o Paraná se transformou no maior produtor mundial do produto, possibilitando a reformulação do espaço urbano de Curitiba. Esta explosão industrial mudara o perfil daquela sociedade. (PEREIRA, 2002)

O movimento cultural que surgiu para construção da identidade levava em conta “exatamente o xadrez étnico que marcou o Estado, tendo o imigrante europeu como peça chave”. Neste sentido, o ponto de partida serão os estudos sobre o Movimento Paranista²⁶, que foram a fonte para explicar o ideário “europeu de identidade”, contribuindo para explicar a construção da identidade paranaense e formulando uma nova “idéia de nação” e na criação de um “mito de sociedade” que, no Estado do Paraná, “contará também com certas características específicas em termos de imaginário”; ou seja, há um positivismo exacerbado defendido pelos republicanos paranaenses assim como pelos literatos do

²⁵ PEREIRA, 2002:10.

²⁶ O termo Paranista apareceu pela primeira vez em 1906.

Estado, criando uma “crença em uma sociedade superior” entre seus habitantes, fortalecida pela educação nas escolas. Superior do ponto de vista da técnica e da raça. (PEREIRA, 2002)

Em síntese, o Paraná

“Onde as raças se encontram
Com amor e esperança
Onde as vidas se defrontam
No horizonte da bonança

(...) Paraná das etnias
Do trabalho e do lazer (...)

(...) Paraná, Paraná, Paraná
União de raças e de amor”

(Britez, 1989)

A idéia da “raça”, da ciência e da técnica do trabalho e do europeu foram características principais na construção da identidade paranaense e conseqüentemente curitibana, sobretudo no que diz respeito à existência de uma “harmonia racial entre seus povos”.

Contudo, o conceito de “raça”, segundo BANTON (1977), não surge do contrato entre brancos e negros nos séculos XV e XVI “Raça”, “classe” e “nação” são conceitos criados na Europa para interpretar novas relações raciais, são modos de categorização que surgem à medida que as diferenças entre as pessoas aumentam.

Alguns escritores chegaram a datar a origem do preconceito racial como características da cultura européia e seu aparecimento a causas específicas como colonização, responsável para o desenvolvimento das categorias raciais adaptadas às realidades históricas industriais como uma justificação ideológica e política, a exemplo do caso inglês, que pensava a si como pertencente a uma raça independente do contato com o não europeu. (BANTON, 1977)

O conceito de “raça” aparece primeiramente com sentimento de linhagem, como o caso inglês, e depois como categoria física: no século XIX, o termo raça passa a ser considerado uma qualidade física inerente.

Os povos passaram a ser vistos como biologicamente diferentes, envolvendo questões políticas e ideológicas para justificar a colonização européia. O termo raça era substituído por *tipo físico* porque era melhor opção justamente por não estar ligada às classificações da Zoologia. No segundo quartel do século XIX, as influências de Darwin foram marcantes na ideologia moderna que começava a se definir de maneira cada vez mais precisa a partir dos objetivos políticos de expansão. Após a “racialização do Ocidente”, vários sucessores Darwinistas trataram de racializar o mundo com teorias de vários autores que intentaram provar a inferioridade do negro em relação ao branco.

O Darwinismo, segundo BANTON, serviu como base para justificar o Imperialismo. No final do século XIX, todas as discussões decorreram do pensamento intelectual. Não eram mais as teorias craneométricas, mas visões ideológicas que serviriam a políticas de poder, fazendo uma concepção linear de civilização. Os Darwinistas pensavam que a operação da “seleção natural” criaria raças puras a partir da diversidade do que era então o “dominante”.

As teorias de Darwin apresentam as relações raciais como relações conflituosas e o conflito como algo biologicamente determinado. Os Darwinistas Sociais baseiam seus direitos de privilégios sociais e econômicos nesse princípio, e exerceram influências marcantes sobre a ideologia moderna que começava a se definir de maneira cada vez mais precisa, porque a teoria servia para justificar as agressões que sofriam as raças consideradas inferiores, como, por exemplo, a escravidão negra.

As teorias de Darwin foram transformadas no “Darwinismo Social”, ou seja, a noção de que os mais fracos não conseguem sobreviver, dando sustentação para justificar conflitos internos, assim como entre nações diferentes. A doutrina, além de separar grupos étnicos, afasta diferentes classes dentro de um mesmo grupo étnico. Portanto, a quantidade de pigmentação escura constitui-se como marca de diferenciação, somada aos preconceitos e mitos construídos historicamente, que acabam fazendo parte ainda hoje das crenças populares, que estigmatizam grupos, como, por exemplo, os negros. (BANTON)

Alguns estudos de WACQUANT (2001), acerca da realidade de guetos negros nos Estados Unidos, demonstraram os estigmas que recaem sobre as populações negras em tempos atuais, não só no cotidiano das pessoas, mas em teorias que parecem não conseguir se desvencilhar de pressupostos históricos sobre os conceitos de raça, defendidos nos séculos XVIII e XIX. As teorias sobre “racialização do mundo”, apesar de refutadas, assumem novas formas efetivas de permanência quando, pelo critério físico, é possível “grupos dominantes” justificarem o que lhes bem convier cultural e economicamente, resultando, de formas várias, na exclusão da população negra no mundo.

As características apresentadas por Gobineau, proclamando a superioridade branca, não eram necessariamente só as qualidades físicas, mas também características intelectuais e morais, como virilidade, nobreza inata, agressividade, serena objetividade, inteligência, espírito de independência, rigor para com os outros e consigo mesmo, senso de responsabilidade, etc. (COMAS, 1970)

Entretanto, estas características apresentadas por Gobineau constituem nos tempos atuais um conjunto de representações que perpassam o imaginário das pessoas, influenciando parte da vida efetiva cultural e conseqüentemente social e econômica que separa grupos humanos: marginalizando uns e supervalorizando outros.

As questões apresentadas por WACQUANT apontam que na realidade norte-americana, assim como na realidade brasileira, a população negra vive em realidades historicamente diferenciadas, tanto cultural, econômica e socialmente, quando comparada com as populações brancas. Além de que, sobre os guetos negros americanos, recaem pelo menos três premissas perniciosas no debate sobre divisão racial e pobreza urbana nos Estados Unidos, definindo os pobres e principalmente os negros como moralmente deficientes e corrompidos socialmente. Premissas estas que não necessariamente costumam ser questionadas ou refutadas.

A primeira premissa apresenta o gueto como uma área urbana de pobreza generalizada, ocultando o fundamento da existência da pobreza. A segunda considera o gueto como uma formação social desorganizada e com deficiências individuais e coletivas. E a terceira é a idéia da desorganização e a tendência de exotizar o gueto e os seus moradores, privilegiar os aspectos incomuns da vida no gueto, vistos com o ponto de vista dominante.

As críticas levantadas por WACQUANT dizem respeito ao fato de que as discussões sobre “raça e pobreza” não levam em conta suas populações e as características de organização social e esquecem a herança histórica desta população, não enxergam no gueto uma forma institucional historicamente determinada de mecanismos de controle étnico-racial. Os estereótipos levantados sobre as populações negras constituem a representação do real. Ou seja, os guetos são vistos como um depósito de desordem, rebeldia, desvio, anomia e atomização concentrados, excessos (crimes, sexualidade e a fertilidade).

Partindo da discussão apresentada por BANTON acerca do conceito de raça e Racialização do Ocidente e Racialização do Mundo e o Darwinismo Social, nos

propusemos a demonstrar que os pressupostos dessas teorias para inferiorizar alguns povos como, por exemplo, os negros, apesar de serem defendidas nos séculos XVIII e XIX e sido refutadas, continuam presentes nos tempos atuais como forma de diferenciar povos negros dos não negros, sobretudo na assertiva de que a desigualdade é absoluta e incondicional, que uma “raça” ou um grupo é por sua natureza superior ou inferior a outras pessoas, independentes das condições físicas de seu habitat e/ou de fatores sociais.

No Estado do Paraná, isso traduz-se na supervalorização e reconhecimento histórico e cultural dos grupos imigrantes de europeus.

1.4. O Movimento Paranista

Para PEREIRA, “O Movimento Paranista terá como papel central a construção de uma identidade regional para o Estado do Paraná (europeizada) e contará com a adesão de intelectuais, artistas, literatos, etc.”²⁷ Em um outro estudo, observa:

*O imigrante e o migrante deveriam se engajar na construção de uma Paraná novo e moderno, adotando a inspiração francesa para uma nova sociabilidade produzida pela elite burguesa ervateria, um eurocentrismo disfarçado de cosmopolitismo.*²⁸

O desejo dos Paranistas era construir uma identidade que fizesse parte do sentimento de pertencimento de cada paranaense, ou seja, que cada cidadão nutrisse o desejo de fazer parte dessa “raça”, no sentido de “criar” uma história regional “que mostrasse o Paraná como um local que possuía uma tradição histórica”. O próprio governo de 1912 auxiliava financeiramente tal objetivo. Para isso,

Guiado pela necessidade de forjar uma história regional, por sua iniciativa é criado em 1900 o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, onde a sua principal preocupação em um período de

²⁷ PEREIRA, 1996: 67.

²⁸ PEREIRA, 2002:14.

grande imigração era exatamente o de aglutinar todo este xadrez étnico presente no Estado na construção de uma identidade regional dos paranaenses.²⁹

O Instituto Histórico e Geográfico do Paraná fundou *Centro* Paranista, criado por Romário Martins, para incentivar a incorporação do imigrante. Tinha uma função previamente definida de “promover e estimular todas as iniciativas ao progresso e à civilização do Estado do Paraná”. Este *Centro* tinha em sua direção um conselho constituído por 21 membros, que elaboraram as teses fundamentais para o progresso do Paraná, que versavam sobre o meio físico, econômico, social, educativo, intelectual, cívico e moral. (PEREIRA, 2002: 25)

Para consubstanciar esta identidade europeia, foram criados conselhos para “tentar preencher a falta de identidade paranaense e a precariedade da vida cultural, social e política do Estado”. Figuras marginalizadas pela historiografia tradicional, como artistas, poetas e escritores – contemporâneos ao desenvolvimento da economia ervateira, que gerara a renda necessária ao processo de desenvolvimento urbano da cidade de Curitiba –

“... forjarão a identidade cultural para o Estado do Paraná e, mais do que isso, produzirão uma idéia de sociedade que fincará profundas raízes no imaginário da população. Identidade e idéias impregnadas de imagens de progresso, civilização, trabalho e ordem, criando padrões de comportamento para a sociedade da época, constituindo o tipo ideal Paranista, o paranaense do futuro.”³⁰

Para criar o “paranaense do futuro” era preciso criar tradições, criando uma identidade que fosse paranaense. Esta é uma questão de grande importância na análise sociológica, quando se constata que a construção desse “tipo ideal” paranaense exclui os indivíduos negros na prática. O discurso³¹ “democrático” e pluriétnico legitima a ênfase

²⁹ PEREIRA, 1996: 72.

³⁰ PEREIRA, 1996:78

³¹ *As práticas discursivas de acordo com FOUCAULT “caracterizam-se pelo recorte de um campo de projetos, pela definição de uma perspectiva legítima para o sujeito do conhecimento, pela fixação de normas para a elaboração de conceitos e teorias. Cada uma delas supõe, então, um jogo de prescrições e escolhas”. (p.11) “Ocorre com mais frequência de uma prática discursiva reunir diversas disciplinas ou ciências, ou*

dada aos imigrantes e seus descendentes. Aliás, o próprio termo “Paranista”, segundo PEREIRA, deveu-se “exatamente pelo fato de poder abarcar o imigrante, ponto central na construção da identidade paranaense”:

Paranista é todo aquele que tem pelo Paraná uma afeição sincera, e que notadamente demonstra em qualquer manifestação de atividade digna, útil à coletividade paranaense. Esta é a acepção em que o neologismo, se é que é neologismo, é tido esse nobre movimento de idéias e iniciativas contidas no Programa Geral do Centro Paranista (...) Paranista é aquele que em terras do Paraná lavrou um campo, cedeu uma floresta, lançou uma ponte, construiu uma máquina, dirigiu uma fábrica, compôs uma estrofe, pintou um quadro, esculpiu uma estátua, redigiu uma lei liberal, praticou a bondade, iluminou um cérebro, evitou uma injustiça, educou um sentimento, reformou um perverso, escreveu um livro, plantou uma árvore.³²

Os paranistas queriam forjar um Paraná, um Estado com uma identidade e características específicas, que diferenciasse o povo deste Estado do resto do Brasil. Nas palavras de Romário MARTINS:

*“Os Estados cosmopolitas como o nossos, povoados pelas imigrações, vão constituindo sua sociedade por agrupamentos entre si distintos pelas tradições, pelos costumes, pelas tendências espirituais e sentimentais, pelo pensamento e pela linguagem, seguindo os traços característicos de suas origens ancestrais”.*³³

Curitiba, cidade teste do Movimento Paranista, é atualmente elogiada pelos meios de comunicação como uma cidade ordenada, de um povo educado e trabalhador, ganhando vários codinomes, entre muitos o de cidade de “Primeiro Mundo”, uma amostra de como o Movimento Paranista alcançou sucesso.

PEREIRA chamará a atenção sobre a história da escravidão no Paraná, escrita por historiadores Paranistas como Romário MARTINS, que sempre vem caracterizada pela manipulação de dados estatísticos que indicam pouquíssima presença de negros no Estado, assim como o seu desaparecimento progressivo com “um propósito de defender a tese do branqueamento da população no estado como um dos fatores de seu peculiar

ainda de ela atravessar um determinado número entre elas e de reagrupar numa unidade, por vezes não aparente, várias de suas regiões”. (p.12) FOUCAULT, 1997.

³² PEREIRA, 1996: 82.

³³ MARTINS, Romário. **Paranista. A divulgação.** Curitiba. 1946: 91.

desenvolvimento, ligando o pequeno aumento do número de negros em relação ao crescimento populacional a uma fragilidade física” nos moldes Darwinistas. Segundo PEREIRA, é possível perceber, nos relatos de Romário MARTINS, a

... influência dos estudos da Geografia em suas formulações históricas e, principalmente, o fato de encarar a questão da História paranaense como sendo determinada por uma particular forma de se adaptar e relacionar com o meio físico, pois para ele este era o elemento diferenciador das culturas: a sua maior ou menor capacidade de adaptação ao meio geográfico.³⁴

No mesmo sentido, em 1930, o governador do Estado do Paraná, em pronunciamento no Jornal *Diário da Tarde*, pareceu refletir os anseios daquela elite. Nele, Bento Munhoz da Rocha Netto afirma:

*É verdade que somos ainda muito novos (...) Mas não somos mais nem filhos de S. Paulo. Somos nós mesmos (...) Estamos criando em aspectos característicos, um pedaço da civilização brasileira. Não temos o tipo etnicamente definido do paranaense. Como não existe o tipo racial brasileiro. Mas vai ali, uma grande diferença. Fundam-se no Paraná, subordinados ao elemento disciplinador do nosso poder de adaptar, quase todas as raças européias (...)*³⁵

A cidade de Curitiba aparece como produto deste discurso modernizante, cientificista e higienista. “A sociedade mecanizada e moderna, disciplina os sentidos do homem e preenche seu cérebro com imagens fixas ou em movimento, dando uma noção de progresso e desenvolvimento à região”.³⁶ As características climáticas e raciais da região foram elencadas como sendo das questões mais favoráveis à vinda de imigrantes, sobretudo os alemães.

O Botânico Francês Saint-Hilaire, em visita a Curitiba em 1820, já ressaltava a beleza das moças do local e a predominância da cor branca das pessoas, assim como um clima ideal *porque não há calor, o inverno é seco e o frio agradável*. O texto transcrito abaixo sintetiza com precisão:

³⁴ PEREIRA, 1996: 117.

³⁵ In. PEREIRA, 2002:26.

³⁶ PEREIRA, 2002:33.

*Os historiadores Cecília Maria Westephalen e Jayne Antônio Cardoso observam que a partir do século XVIII os campos de Curitiba seriam quase que inteiramente povoados por brancos-portugueses e espanhóis, vindos do litoral e de outros distritos das capitanias. A evidência da mudança encontra-se na descrição que o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire fez do curitibano, em 1820: "em nenhuma outra parte do Brasil encontrei tantos homens genuinamente brancos quanto no Distrito de Curitiba. Os habitantes da região pronunciam o português sem nenhuma das alterações que já mencionei no relato anterior e que indicam uma mistura da raça caucásica com o indígena. De um modo geral eles são altos e bem constituídos, tem os cabelos castanhos e a pele rosada; suas maneiras são afáveis, sua fisionomia é franca (...) As mulheres têm as feições mais delicadas do que as de todas as outras regiões do país que visitei; elas são menos arredias e sua conversa é agradável"*³⁷

Assim, o elogio à técnica e a fé cega na ciência e no conceito de progresso baseado no clima e na "idéia de raça" possibilitou a construção de um ideal de civilização paranaense fundamentada na modernização de Curitiba proveniente da expansão da cultura da erva-mate, que alterou seu espaço físico e seus locais de sociabilidade. Posteriormente, por um planejamento urbano que também legitima e assegura os bens sociais, econômicos políticos, e culturais aos "imigrantes europeus", corroborando para a solidificação de uma imagem de "paraíso terrestre brasileiro" no Estado, com características próprias e singulares de uma identidade européia e branca.

A construção dessa imagem europeizada e branca da cidade projetada para o futuro, produziu uma realidade "a-histórica" que nega o passado escravocrata, privilegiando um perfil de urbanização que atenda a certos estratos sociais e de cor, transformando os outros estratos em "espectadores de um grande teatro dos espaços públicos". (PEREIRA, 2001: 217).

³⁷ Esta citação foi extraída do livro **Curitiba** (1994), assunto: **Essa Gente Curitibana**. pg 27. Mas também, acerca do viajante, pode ser encontrada em Romário Martins: 1952:213 .

1.4.1. O Negro no Paraná

Para falar da História do Negro no Paraná, utilizaremos somente as análises de alguns historiadores que nos pareceram referências para entender a construção de uma representação europeizada do Estado.

Segundo Ruy WACHOVICZ (2000), o que ocasionou a vinda de escravos africanos ao Brasil e conseqüentemente no Paraná foi o desenvolvimento da economia açucareira nos séculos XVI e XVII. Contudo, no Paraná existiu uma singularidade do trabalho que veio a ser a especificidade da economia que se instalara no Estado: a mineração, assim como o fato de que os elementos lusos que foram atraídos não conseguiam capital necessário para a compra de grande número de escravos. No século XVII, o trabalho escravo baseava-se, sobretudo, no índio. Já no século XVIII, em que a mineração estava em queda progressiva, os escravos africanos foram transferidos para a agricultura e pecuária, entrosando o Paraná na economia brasileira e transformando o Estado em um dos centros do abastecimento de gado no Brasil.

Mesmo com as leis de proibição do tráfico negreiro no país, “o porto de Paranaguá converteu-se nos maiores centros de contrabando de escravos no Brasil”. Escravos estes que eram transportados para outras regiões brasileiras (WACHOVICZ, 2000). No mesmo sentido em a dificuldade de contrabandear escravos, aliada à política brasileira de aderir à adoção da política de imigração no século XIX, definindo-se conseqüentemente *como país de cultura européia e de maioria étnica branca*, impossibilitando que, “o país automaticamente seria hoje de grande maioria étnica africana e sua cultura não seria tão acentuadamente européia”.³⁸

O Paraná, por extensão, seguiu a tendência do branqueamento de sua população pelos seguintes motivos: proibição do tráfico negreiro; grande incentivo para o desenvolvimento da imigração, sobretudo européia; elevado índice de miscigenação entre vários grupos étnicos formadores da população. Estas ocorrências definiram o Brasil e, dentre elas, *como país predominantemente branco e estreitamente ligado à cultura*

³⁸ Wachovicz, Ruy , 2000:142.

européia.”³⁹ O escravo tinha se tornado muito caro para ser adquirido pelos proprietários de terras. Logo, “era necessário substituir essa mão-de-obra, com vantagens. Por outro lado às elites diretivas do Brasil pensavam numa forma de impedir que o país se tornasse a maior nação negra do planeta, tamanho era o número de africanos trazidos ao Brasil desde o século XVI” . Segundo essas elites, “era preciso tornar o Brasil majoritariamente branco e não africano.”⁴⁰

Assim, em 1833, uma leva de alemães foi trazida ao Paraná, se constituindo na primeira tentativa de estabelecer imigrantes europeus não portugueses. Muitos grupos imigratórios chegaram ao Paraná em movimentos planejados, assistidos por entidades internacionais. Sua fixação foi bem dirigida e financiada.

A presença destes grupos étnicos em terras paranaenses em grandes números, de diversas procedências, “deu ao Paraná uma característica toda espacial: ou seja, “o maior laboratório étnico do Brasil” dando “sua contribuição “para a transformação da cultura original luso-brasileira ”.⁴¹

Estas e outras informações são de extrema relevância para problematizarmos algo muito importante na História do Paraná que foram as políticas públicas específicas construídas pelo Estado do Paraná para a população branca imigrante em contraposição a inexistência de qualquer política pública específica para a população negra após a abolição. No mesmo sentido em que, conforme já verificado, existe um processo de invisibilização da existência da população negra no Paraná na tentativa de consolidar a imagem de um Estado Europeu e sem negros na sua História.

1.4.2. Paraná: O Melhor clima do Mundo para o branqueamento.

Embora acreditando no branqueamento do Brasil, existia para a elite uma possibilidade de sucesso do triunfo se efetivar de fato no Sul em função do clima mais

³⁹ Idem

⁴⁰ Idem. pg.146

⁴¹ WACHOVICZ, 2000:157.

temperado. O Paraná, neste sentido, teve um destaque, em relação aos outros Estados do Sul.

Segundo o viajante Bigg-Wither (1872-1875), o clima no Paraná era “completamente diferente” de tudo o que já conhecia no mundo.

A maravilhosa frescura do ar me fez lembrar uma daquelas manhãs de outubro que, ocasionalmente, temos na Inglaterra. Parecia-nos estar respirando a verdadeira essência da vida enquanto caminhávamos. Tudo em volta como que partilha desse gozo de viver.⁴²

Segundo o viajante, já se começava a fazer uma idéia diferente da que tinha formado do Brasil, quando esteve no Rio de Janeiro em função do clima quente experimentado. O reconhecimento do clima do Paraná traduziria melhor o “amor e estima pelo país”:

Onde podia ser melhor a vida que agora levávamos? Penso que todo o amor e estima que viemos a sentir por este país, depois, de meus próximos dois anos de andanças por aqui, começou neste primeiro contato com o Planalto do Paraná.⁴³

Nem um outro lugar conhecido, inclusive o Velho Mundo, tinha um clima tão bom quanto o do Paraná:

Nem a Inglaterra, nem talvez em toda a Europa seria possível encontrar qualquer coisa que se aproximasse disto. O que mais me impressionou foi a sua vastidão – a sua imensidão nos dava idéia do ilimitado. A gente se sentia diminuída fisicamente quando olhava para aquela grandeza, enquanto os nossos sentidos se expandiam indefinidamente. Foi, pelo menos, essa a sensação que experimentei, embora tão pobremente descrita, ao entrarmos nos Campos Gerais⁴⁴ ...**“O ar mais puro e revigorante não pode ser encontrado em nenhuma outra parte do Velho Mundo”**⁴⁵ (grifo meu)

O clima do Paraná foi identificado como um dos “melhores do mundo”, assim como também entendeu Romário Martins (1952), que tecia várias afirmações de positividade ao clima do Paraná. O Sul de São Paulo, os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul constituem, para ele, a terceira grande zona do Brasil, a *Zona Temperada Doce*.

Seu clima é dos mais belos do mundo. A temperatura é muito amena, e a média se conserva sempre abaixo de 20°. Os invernos pouco intensos, que produzem durante os meses de junho a agosto, são

⁴² BIGG-WITHER: 1974: 73

⁴³ Idem pg. 74.

⁴⁴ Idem pg. 95.

⁴⁵ Idem pág. 106.

não só favoráveis à saúde das raças européias como ao desenvolvimento de todas as culturas do antigo continente. Assim tem sido estes Estados, preferidos pelos imigrantes. ⁴⁶ (grifo meu)

Romário Martins elegeu não só o Paraná como tendo um dos melhores climas do mundo, mas também considerou que o seu clima favorece “à saúde das raças européias, assim como outras culturas do ‘antigo continente’”, e esta característica climática seria singular no país, dando preferência aos imigrantes e por ser preferido por eles.

Wilson Martins, também historiador regionalista do Paraná, elegeu, no mesmo sentido, a característica climática da cidade de Curitiba como sendo um dos climas mais “civilizados”. Segundo ele,

todos reconhecem e confessam a excelência do seu clima, e o documento mais seguro de sua superioridade fornecem-no os habitantes do litoral, todas as vezes (e não poucas) que melhorar de seus padecimentos, sobem serra e vêm pedir aos belos ares de Curitiba o restabelecimento de sua saúde arruinada⁴⁷

A superioridade do clima (clima saudável), acrescida da compreensão de superioridade na técnica e na ciência, com o xadrez étnico em que o “imigrante europeu” era “peça fundamental” em função também de seu pertencimento racial, possibilitaria traduzir o Paraná como “um Brasil mais europeu”, “um Brasil diferente”, “um paraíso terrestre”⁴⁸, num clima civilizado, na raça pura e superior, na “ciência, técnica e progresso em torno do imigrante europeu”.

1.4.3. A “Ausência” do Negro no Paraná

Assim é o Paraná. Território que do ponto de vista sociológico, acrescentou ao Brasil uma nova dimensão, a de uma civilização original construída com pedaços de todas as outras. Sem escravidão, sem negro, sem português e sem índio, dir-se-ia que a sua definição humana não é brasileira. (Wilson MARTINS, 1989:446)

⁴⁶ MARTINS, Romário: 1952: 25.

⁴⁷ MARTINS, Wilson. 1999: 35.

⁴⁸ Historiadores regionalistas do Paraná .

Alguns historiadores regionalistas, como Wilson Martins, que elegeram o Estado do Paraná como “Um Brasil Diferente” e “Um Estado mais Europeu”, entre outras características, continuam sendo referências clássicas, sobretudo nas escolas públicas de ensino fundamental e médio, e em especial na cidade de Curitiba.

Wilson MARTINS, em seu livro *Um Brasil Diferente*, pretendeu demonstrar a influência dos elementos culturais estrangeiros “na sociologia meridional do Brasil”, colocando o Paraná e, especificamente Curitiba, como um local com características singulares do país e, principalmente, pela não presença do elemento negro na construção do Estado, privilegiando os imigrantes que aqui chegaram no século XIX. Para ele, o Paraná formou-se de “uma civilização original”, diferenciada das demais regiões brasileiras.

Estatisticamente, na história do Paraná, a população negra, antes escravizada, atualmente vem diminuindo gradativamente de acordo com os censos. Alguns historiadores⁴⁹ remetem a história do Paraná a partir da chegada dos imigrantes europeus no Estado e em Curitiba.

Entre eles há um consenso em afirmar a especificidade do Estado acerca da escravidão africana, no sentido de reafirmar a não exclusividade deste trabalho na formação do Estado. Para WACHOWICZ, o Paraná seria o maior “laboratório étnico” do Brasil, dando a este Estado uma característica toda especial, ou seja, “Um Brasil mais Europeu”. No mesmo sentido, Wilson MARTINS considera que o fator de maior importância – do Estado do Paraná ser um Brasil Diferente – não está no fato de Paraná ter tido uma forte imigração

⁴⁹ Wilson MARTINS (1989); Romário MARTINS (1952); Ruy Christovam WACHOWICZ (1988).

européia, mas sim devido à não presença de negros na sua história. “Não houve escravatura no Paraná” é um dos tópicos do livro de MARTINS:

(...) poderia acrescentar que esse belo tipo físico, corado e de cabelos castanhos se distinguia, ainda, dos demais brasileiros, por traço de fundamental importância: não se misturava com o negro, existente em reduzidíssimo número em toda a província no decorrer de sua história, e que por isso não chegou a invadir sexualmente os hábitos desses rústicos senhores primitivos. Ao lado da imigração, é a inexistência da grande escravatura o aspecto mais característico da história social do Paraná, ambos o distinguindo inconfundivelmente de outras regiões brasileiras. (W. MARTINS, 1989. pg 128)

MARTINS destaca a observação do Viajante Saint-Hilaire, que afirmava que “somente um brasileiro com muito poder aquisitivo poderia possuir um escravo”. E que – mesmo assim – “esses pretos eram quase tão preguiçosos quanto os seus donos, e passavam o dia inteiro dentro de casa”.

Tanto em WACHOWICZ como em Wilson MARTINS, percebe-se a preocupação em representar uma imagem europeizada do Paraná:

Em 1872, havia na Província do Paraná 55,00% de brancos contra 10,41% de pretos e 34,59% de pardos; em 1890 essas porcentagens são, respectivamente, de 63,80, 5,17 e 31,03; em 1900 e em 1920 não houve pesquisa quanto à cor, mas em 1940 as proporções eram: 86,56 de brancos, para 4,89 de pretos e 7,39 de pardos. Finalmente o censo de 1950 revelou 86,26 de brancos, contra 4,33 de pretos e 7,30 de pardos. Quaisquer que sejam os vícios dessas declarações de cor, é evidente que eles não seriam suficientes para baixar desta forma as porcentagens obtidas: basta “olhar” o Paraná para sabê-lo.

(...)

O fato é tão impositivamente evidente.⁵⁰

Ainda sobre o “Estado Europeu”, observa

Já começamos aqui a encontrar com a nova sub-raça paranaense, por enquanto ainda quase toda no planalto, mas que dentro em pouco dominará pelo estado inteiro, população cujo fundo é constituído em muito pela corrente imigratória européia, principalmente polaca, alemã e italiana, que continua a encaminhar-se numerosa para lá.⁵¹

O Paraná foi identificado com uma nova raça, “a paranaense”, cuja descendência está na Europa, elogiada demasiadamente por MARTINS, que destaca neste povo avanços de higiene pessoal.

⁵⁰ MARTINS, W - 1989:134.

⁵¹ MARTINS, W - 1989. 135.

Quando MARTINS descreve o homem paranaense, afirma:

...aqui, a figura geométrica seria, na mais simplificadora das hipóteses, um de tamanho irregular de sete lados, cujas faces, em extensão decrescente e de tamanho variável, representariam os elementos polonês, ucraniano, alemão, italiano, os “pequenos grupos”, o índio e o negro, estes últimos em proporção praticamente insignificante.⁵²

O homem paranaense, para ele, é o europeu, já que “os pequenos grupos”, o índio e o negro, seriam grupos praticamente “insignificantes”.

1.5. Contexto Histórico: A invenção do Paraná

Este contexto histórico, antes de analisarmos a cidade de Curitiba na década de 90, foi entendido como imprescindível, por vários fatores, para uma análise de como certos atores sociais que residem na cidade, de acordo com algumas características, sobretudo raciais e espaciais, podem apreender os discursos construídos acerca da identidade cultural da cidade, que por sua vez são reproduzidos pelo poder local, pelos meios de comunicação e pela educação escolar.

Dentre os fatores principais, elencaríamos a construção da identidade do Paraná, na Primeira República, que sofreu grande influência das idéias defendida pela elite brasileira, quando se refere, sobretudo, à idéia da “ausência de um conflito racial”. O Brasil seria, assim, uma espécie de paraíso de convivência inter-racial (já antes da Abolição), com pretensões inclusive de atrair mão-de-obra européia. Segundo essa ideologia do branqueamento (espécie de Darwinismo social), a purificação étnica produziria um povo majoritariamente “branco” plenamente adaptado às condições brasileiras.

A compreensão, portanto, era de que nos Estados do Sul existia *um novo experimento entre as nações*, diferente de tudo o que existia na Europa ou nos Estados Unidos. No dizer do americano Cooper (1917), *uma honesta tentativa está sendo feita aqui*

⁵² MARTINS, W. 1989: 108.

para eliminar os pretos e pardos pela infusão do sangue branco, que posteriormente seria reconhecido pelo mundo inteiro como *o único método existente de interpenetração racial*, que evitará guerras raciais e derramamentos de sangue.

Os historiadores regionalistas, auxiliados de artistas e literatos (Movimento Paranista) na virada do século XIX para o XX, fundamentaram a construção da identidade cultural paranaense, cuja característica de sua população também obedecia a uma certa composição étnico racial em torno do elemento branco. Esta concepção de modernização influenciou mudanças no espaço urbano, sobretudo da cidade de Curitiba, auxiliada por esta compreensão de identidade cultural influenciada pela intelectualidade local, influenciada, por sua vez, pelas idéias nacionais, acrescida ao meio físico (supostamente mais propenso à civilização), reconhecido como um dos melhores do mundo e de uma mistura racial que privilegiou o imigrante europeu (ideologia do branqueamento) que teve maior aceitação por parte de elite do país. Tudo isso, acrescido ao quadro caótico do Estado do Paraná, no que diz respeito ao seu desenvolvimento econômico e político com indefinições geográficas e sem identidade cultural própria.

A chegada de 101.331 imigrantes, em 1934, possibilitou a formação da base para a construção de uma identidade cultural (financiada pela indústria da erva-mate). Assim, explica-se a construção da identidade do Paraná, que se formula na idéia de nação e no “mito de sociedade” e que contará com *certas características específicas em termos de imaginário*, criando uma crença em *uma sociedade superior* (PEREIRA, 2002). Superior do ponto de vista da técnica e da raça, mas com uma imagem também de democracia racial, expressa na idéia de “harmonia racial” entre todos os povos, em que somente são considerados os brancos, acrescida da invisibilidade da história da população negra no

Estado, inclusive no período da escravidão. O resultado, portanto, é a negação da existência deste contingente populacional.

II - DÉCADA DE 90: A IDÉIA DA CIDADE QUE “DEU CERTO”

Do Paraná, que foi considerado por autores regionalistas como sendo *Um Estado Europeu, Um Brasil Diferente* no melhor clima “do mundo” – uma espécie de “paraíso terrestre” –, propomo-nos a analisar a cidade de Curitiba na década de 90, observando a influência marcante das características construídas pelo Movimento Paranista (na Primeira República), no que tange aos ideais defendidos pelos intelectuais deste movimento no que concerne à “identidade” paranaense, e, sobretudo, seu planejamento urbano nas décadas de 60 e 70, que corroborou para a consolidação de uma imagem de cidade “que deu certo”, inclusive, do ponto de vista da sua democracia racial.

A partir de 1950, a cidade recebeu um grande número de migrantes vindos de outras regiões do Brasil. A cidade pareceu selecionar seus migrantes, reservando a Região Metropolitana para os pobres, a fim de garantir privilégios para os estratos médios e altos dos novos migrantes (SOUZA, N. 2001). Esse experimento se deu na década de 1970, quando foram executadas as principais diretrizes do Plano Preliminar de Urbanismo, elaborado em 1965.

Nelson SOUZA considera que esta característica de modernização apostou no planejamento global “como instrumento capaz de superar as contradições sociais a partir tão-somente de redefinição do espaço”, a fim de produzir uma imagem da cidade “vendável no mercado globalizado”. Constituiu-se como um “urbanismo utópico” quando elegeu “a

racionalidade técnica urbanística como único instrumento capaz de superar as contradições capitalistas, inclusive a divisão da sociedade em classes”, pressupondo que o bom ordenamento urbano é o que geraria a igualdade.⁵³ Nas palavras do autor:

A utopia de gerar uma igualdade social a partir do planejamento urbano, sem a necessidade de transformar o modo de produção ou sequer mexer no regime da propriedade privada, dinamizou, em muitos casos, uma engrenagem autoritária. No contexto de valorização da racionalidade técnica o agente urbanista apareceu como autoridade acima dos conflitos e da sociedade política, uma vez que se apresentou como portador da verdade única sobre a cidade e seus habitantes.⁵⁴

Neste sentido, esta característica de modernização negou a autonomia ao diferente “na justa medida em que coloca numa posição hierarquicamente inferior e dependente da integração ao modelo de igualdade”. As “minorias” (os outros), pobres, analfabetos, nordestinos, negros não são relevantes para o planejamento dos investimentos urbanos⁵⁵.

Assim,

Para determinar o potencial da cidade **os técnicos construíram uma história da cidade na qual aparece em primeiro plano a população de origem européia** e o processo da sua integração social, econômica e espacial. Essa história aponta a direção “saudável” do crescimento urbano (o sentido longitudinal sudoeste-nordeste) e confirmaria os espaços passíveis de investimento. Os imigrantes pobres e recém-chegados são apresentados como minoria que precisa adaptar-se ao meio urbano civilizado e cujo espaço é problemático.

A ocupação urbana empreendida pelos migrantes europeus teria sido saudável, pois teria propiciado, segundo o PPU, “um desenvolvimento relativamente contínuo, centrífugo e homogêneo”. (...)

Uma ocupação urbana racional **por uma população saudável** teria feito de Curitiba, até pouco tempo, uma cidade orgânica. O planejamento deveria pautar-se pela recuperação dessa condição de equilíbrio propiciada **pelos colonizadores portugueses e imigrantes estrangeiros**.⁵⁶ (s/grifo e s/negrito)

É oportuno destacar que as análises de N. SOUZA, acerca do planejamento urbano da cidade de Curitiba, apontam para a constatação de um planejamento urbano baseado numa certa concepção de valores sociais, políticos, econômicos e culturais.

⁵³ SOUZA, N. 2001:108.

⁵⁴ Id, ibid. pg.108.

⁵⁵ Id. Ibid pg 110.

⁵⁶ Id. ibid pg.112.

Num mesmo sentido, destaca a percepção de que a construção da cidade, do ponto de vista de seu planejamento, foi pensada a fim de beneficiar um grupo econômico e com um pertencimento racial específico: a população de origem européia, caracterizada como saudável e “civilizada”. Ao mesmo tempo, esta modernização possibilita a “exclusão” do “outro”, ou seja, dos pobres, analfabetos, negros e nordestinos.⁵⁷

Entretanto, na década de 90,

A cidade de Curitiba foi tornada a marca nacional da modernidade urbana. Nos anos 90 assistimos a um processo crescente de “curitibalização”, caracterizado pela cristalização da experiência urbanística bem como pelas diversas tentativas de exportação do modelo da “cidade que deu certo”, agora vitrine urbana do Brasil no exterior. (Garcia Sanches 1997)

Ao mesmo tempo em que GARCIA Sanches destaca a década de 90 como principal momento para entendimento da construção e consolidação da imagem de uma cidade que “deu certo”, sobretudo do ponto de vista de seu planejamento urbano, é possível considerar que a construção da cidade “modelo” também teve como característica do ponto de vista do imaginário de uma cidade harmoniosa racialmente. Ou seja, com ausência de conflito racial, caracterizada como uma cidade de todas as gentes, onde todas conviveriam na mais perfeita harmonia racial.

GARCIA Sanches se propôs a desnaturalizar a imagem dominante e permitir a descoberta dos diferentes planos e símbolos, linguagens e discursos, planos estes “que sobrepõe nos espaços urbanos e ns relações sociais para construir a Cidade Espetáculo”⁵⁸, desvendando os fortes interesses e atores envolvidos. Ela destaca os anos entre 1993 e

⁵⁷ É relevante, nesta época, atentar para o pertencimento racial destes excluídos uma vez que os dados estatísticas há décadas apontam que o “analfabetismo” e “pobreza” sejam mais incidente entre os negros, inclusive no Paraná (IPEA 2001). Os nordestinos, por sua vez, na maior parte dos estados, apresentam características fenotípicas diferenciadas das dos imigrantes europeus.

⁵⁸ GARCIA Sanches, 1997: 12.

1997⁵⁹ como períodos também importantes para entender a construção da *city Marketing*, “o milagre brasileiro”.

A imagem da cidade que deu certo, da cidade modelo, da cidade de todas as gentes, é também a imagem de uma cidade de uma população hegemônica racialmente. O que nos possibilitaria interpretar como sendo o “paraíso terrestre brasileiro”, imaginado pela elite (nacional) que intentava eliminar a presença negra do país, conforme a ideologia do branqueamento.

As matrizes que originaram as concepções básicas do planejamento urbano de Curitiba foram, sobretudo, influenciadas por características européias – ao mesmo tempo em que a política urbana local de preservação do bem-estar e da qualidade de vida privilegiou os segmentos médios da sociedade, enquanto amplas parcelas da população são excluídas dos novos circuitos de apropriação e consumo.⁶⁰ Constituía-se, portanto, a imagem de uma ordem urbana *harmoniosa e sem conflito*, sugerindo a “existência de uma vida de classe média para todos os habitantes”.⁶¹

Mesmo que GARCIA Sanches não nos pareceu estar também se referindo a uma harmonia racial presente no discurso desta modernidade urbana, é possível perceber que a positividade da identidade coletiva tenha sido associada a determinados símbolos urbanísticos e valores da vida urbana. Signos que corroboraram para uma imagem de uma cidade sem negros do ponto de vista de sua arquitetura, monumentos, parques, bosques e portais. Ainda segundo GARCIA Sanches:

⁵⁹ O período privilegiado (1993 a 1997) foi destacado também por nós como momentos singulares da construção do processo de invisibilização do negro em Curitiba, sobretudo a partir de propagandas veiculadas pelos meios de comunicação oficiais ou não e pela educação nas escolas tendo como foco central a Coleção de Livros, Lições Curitibanas.

⁶⁰ Idem, pág.30.

⁶¹ GARCIA Sanches, 1997:30.

Ao conduzir o olhar da população sobre o lugar vivido a linguagem mítica impede o processo de crítica do paradigma construído. O mito urbano através da linguagem constitui-se em solicitação incessante, exigência insidiosa e inflexível que obriga a população a se reconhecer nessa aparente imagem de si própria que, se impondo como única possível, foi, no entanto, obra cuidadosa de ações técnicas e políticas para obter a transcendência desejada⁶² (s/grifo).

Portanto, a construção desse “novo imaginário social” exclui os pobres de um modo geral e os negros de forma singular e específica, sobretudo do ponto de vista cultural. Em outras palavras, uma modernidade que se apresentou como excludente social, econômica e racialmente. Curitiba é reconhecida, neste sentido, como “a cidade modelo de um Brasil viável”, de “um povo civilizado”, preparado para a disciplina com a qual se identificou”, uma cidade europeizada do ponto de vista da ciência, técnica, da ordem e da raça, conforme defendida pelos intelectuais paranistas. Assim, uma cidade européia e branca, de uma população formada por etnias européias.

Para GARCIA Sanches, no planejamento urbano incorporado, há um conjunto de valores profundamente associados à identidade almejada pelo discurso dominante. As imagens sintéticas de *Cidade Européia* e cidade de *Primeiro Mundo* “não são anseios meramente culturais, mas sim intrinsecamente articulados e necessários à modernização capitalista do espaço”, acreditando numa forte associação entre “cultura dominante e senso comum, opinião pública e massificação cultural”, ou seja, “o processo de reconstrução da imagem à necessidade de manutenção do mito urbano”.⁶³

Na década de 90, a cidade passa ser a vitrine urbana e moderna da imagem dentro e fora do país. Esta tradição de planejamento urbano serviu de “alicerce para um projeto político bem-sucedido, no âmbito da cidade, do Estado e, enfim, até mesmo no plano nacional”. Por outro lado, “as representações oficiais da cidade são extraordinariamente

⁶² Idem pág. 35.

⁶³ Idem pg. 70.

parciais, enfocando em demasia alguns aspectos, desconsiderando outros e praticamente ignorando as manifestações que contradigam a positividade do cenário.”⁶⁴

Dennison OLIVEIRA, (2000) considerou que o aspecto curioso em toda essa política era sua faceta étnica. Para o autor,

Não é preciso muito esforço para se perceber que o essencial da política de patrimônio histórico e de promoção de atividades culturais se remetia recorrentemente a uma parte específica da memória da cultura imigrante. Essa parte era aquela de origem européia, notadamente daquela onde se originou a elite dirigente do período. Claro que a celebração dos valores alemães, poloneses e italianos – os mais privilegiados pela política vigente- também fazia parte, indiretamente do projeto de “modernização” urbana, pela associação recorrente feita na cultura nacional entre progresso e imigração européia. Cabe destacar que este esforço de celebração dos valores das etnias mencionadas continua rendendo lucros, haja visto a sua importância na veiculação da imagem de cidade como “européia” e de “primeiro mundo”.⁶⁵ (s/grifo e s/negrito).

OLIVEIRA, contudo, pareceu acenar para o entendimento de que construção da representação de uma imagem de um projeto de modernização que “deu certo” teve como associação direta construída pela elite nacional, o imigrante europeu e das teorias raciais propagadas na Primeira República que pareceriam triunfar, sobretudo, na década de 90.

Esta construção de uma representação europeizada da cidade, na medida em que torna possível os *consensus* acerca desta imagem, contribui fundamentalmente para a “reprodução da ordem social” – conforme BOURDIEU (2001)⁶⁶ – quando é possível perceber a existência de uma cumplicidade dos indivíduos de que a cidade seja mesmo européia.

Do ponto de vista de seus problemas sociais, a cidade, conforme Mapa Da Pobreza (1997), evidenciou graves problemas sociais, assim como na maioria das grandes cidades brasileiras.

⁶⁴ OLIVEIRA, 2000:16. Dennison de Oliveira considera que mesmo que as representações construídas á luz da cidade não sejam fidedignas, nem por isso pode-se afirmar que elas sejam meras falsificações grosseiras.

⁶⁵ OLIVEIRA, 2000: 56.

⁶⁶ Para Bourdieu,(2001), os “sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição de legitimação de uma classe. A construção de um mundo social conforme seus interesses”.

Já no tange à sua harmonia racial, a cidade apresenta uma especificidade e singularidade na sua construção de cidade que “deu certo” graças também à característica desta modernização que vem ser a da “invisibilização” da população negra nos meios de comunicação, material publicitário, monumentos, parques e bosques, cujo intuito é o de reforçar uma imagem europeizada da cidade, aliada aos princípios e valores dos imigrantes europeus de trabalho, ordem, ciência – em torno do elemento branco.

Desconsidera-se, porém, que a cidade e sua região metropolitana detenham quase um quarto de negros, que residem majoritariamente nas grandes periferias e sofrem, como na vertente nacional, os reflexos diretos da característica perversa do racismo brasileiro, quanto acesso à saúde, educação, emprego, moradia e no que se refere ao grau de violência física e simbólica do qual são vítimas preferenciais.

2.1. Curitiba para todos (os imigrantes)

Como já observado, existe um processo de invisibilização da população negra no Paraná e conseqüentemente em Curitiba, que foi a cidade teste da construção da identidade do paranaense, firmada também na idéia de "laboratório racial" modelo para o mundo.

Quando observamos a cidade de Curitiba e os monumentos erguidos às "etnias", a pequena presença do elemento negro também é verificada. Segundo estatísticas do IBGE de 2000, a população "preta" e a "parda" somam quase um quarto do total de Curitiba e Região Metropolitana. Número nada desprezível em qualquer cidade.

No entanto, quando nos referimos à população negra, encontramos apenas uma praça (isolada): "Praça Zumbi dos Palmares", na região periférica da cidade. Por outro lado, é possível encontrarmos praças grandiosas, parques, bosques, bairros, portais que

homenageiam os descendentes de imigrantes, formando vários dos cartões postais da cidade..

Das observações acerca do “planejamento urbano”, ainda há um eficaz programa publicitário, cuja ênfase maior é dado em afirmar a mais perfeita harmonia racial entre todas as "etnias".

Passeando por Curitiba, encontramos o **Bosque Alemão** no Jardim Schaffer e **Memorial Árabe** na Praça Khalil Gibran, que "vão marcar a contribuição de duas etnias em Curitiba.". O **Museu de Arte Sacra da Arquidiocese de Curitiba** "reúne a memória da fé herdada primeiro dos portugueses." Em 1990, o bairro **Italiano de Santa Felicidade** ganha o **Memorial da Imigração Italiana**. "Instalado na casa que , desde 1897, foi moradia e comércio da família Culpi. Exposição, acervo, artesanato e cantina típica falam da contribuição dos oriundos". Em 1993, na **Praça do Japão** surge o **Memorial da Imigração Japonesa**. "Do hai-Kai ao origami, dos calendários aos ideogramas, preserva a memória e a tradição milenar do País do Sol Nascente , presente no Brasil desde a imigração em massa em 1908".

O **Portal Italiano** de 1990 marca a entrada de Santa Felicidade, "bairro de Curitiba criado em 1878 por imigrantes vênnetos e tretinos". Em 1991, foi inaugurado o **Portal Polonês** na Rua Mateus Leme, que "marca o acesso a antigas colônias polacas e ao **Bosque João Paulo II**". Além de homenagear o Papa, também homenageia a **Comunidade Polonesa** da Cidade. Também, para homenagear a **Colônia Polonesa**, há um **Monumento ao Semeador**, inaugurado em janeiro de 1922.

Nesta revista da prefeitura Municipal de Curitiba, *Trilhas da Igualdade*, as **Arcadas do Pelourinho** são vistas assim: "*revitalização das três praças que compõem a região onde Curitiba nasceu oficialmente: Tiradentes, Generoso Marques e José Borges de*

Macedo. Novo ponto de referência que remete à história dos pioneiros de Curitiba" (pág57). Nesta, não há menção alguma à escravidão na cidade. Já **O Bosque Zanielli** "teve a presença do **francês Jacques Cousteau**". "Sua arquitetura sintetiza nas cores, as quatro forças da natureza: terra, água, ar e fogo." No **Bosque de Portugal, o Memorial da língua portuguesa em Curitiba**. "Nos azulejos, poetas e escritores portugueses deixam marcados seu verbo e sua arte, num espaço que integra saber e lazer".

Para homenagear os **Espanhóis**, localizada na Rua Saldanha Marinho com Alameda Presidente Taunay, está a **Praça da Espanha**. A **Praça da Polônia**, localizada no bairro Cristo Rei, destaca uma **estátua** em homenagem à **Imigração Polonesa**, em tamanho natural, inaugurada em 1964. Localizada na Rua Saldanha Marinho com a Ébano Pereira, está a **Praça Santos Dumont**, cujo destaque é um **busto com placa do eminente vulto paranaense ROMÁRIO MARTINS**⁶⁷, homenagem da comunidade **Israelita** do Paraná., em maio de 1923.⁶⁸

Localizada na Rua Des. Octávio do Amaral com a Marcelino Champagnat, está a **Praça da Ucrânia**, homenageando esta comunidade. No bairro Bacacheri, "ponto de reunião familiar, desaparecido sob modernas construções, está o **Parque Inglês**"⁶⁹

No Largo da Ordem encontramos a **Casa Romário Martins**, último Casarão de arquitetura colonial portuguesa do século XVIII em Curitiba. Também se destaca na "capital européia"- Curitiba - a **Casa da Memória**, que "abriga em seu interior um rico acervo fotográfico e documental do passado curitibano. Inaugurada em 1981, num sobrado **estilo alemão**, no Largo da Ordem, foi posteriormente transferida, em 1985, para a Rua 13

⁶⁷ Romário Martins, grande historiador regionalista do Estado do Paraná, trabalhado por nós no primeiro capítulo sobre o Movimento Paranista do qual era líder.

⁶⁸ Na placa erguida a Romário Martins está escrito: "Notável Historiador- exemplo de fé e abdição. Nesta terra, nesta praça por ele doada em 1910, plantou este pinheiro. 08.12.1925".

⁶⁹ Muitas das informações sobre Parque e bosques foram encontradas no livro de MARCASSA, João. **Curitiba: Essa Velha desconhecida**. Curitiba: REFRIPAR, 1989.

de Maio, e mais tarde, em 1993, para a Rua do Rosário, 180, no bairro São Francisco". (ANDRADE, 1997)⁷⁰

A Casa da Memória não contém nenhum material sobre negros em Curitiba e/ou escravidão em Curitiba. As indicações são as mesmas das obras de Romário MARTINS, Wilson MARTINS, Ruy WACHOWICZ e Octavio IANNI.

Este quadro, que mostra os parques, bosques, portais, monumentos e arquitetura da cidade de Curitiba, que homenageiam os imigrantes que na cidade chegaram, constitui-se como cartão postal da cidade, firmando o ideário de "Capital Européia".

Outro monumento importante são os *Faróis do Saber*, pequenas bibliotecas localizadas nos bairros da cidade, sempre ao lado de escolas, onde se encontram, à disposição de todos os alunos (preferencialmente de 1ª. a 4ª. série do ensino fundamental) bem como da comunidade, as "*Lições Curitibanas*". São nas *Lições Curitibanas* que a história da cidade de Curitiba é contada, sempre auxiliada pela representação da arquitetura da cidade. Em um dos volumes lemos:

Os portais sempre fizeram parte da história de Curitiba, mantendo viva a memória da cidade. (...) ... Muitos deles registram a presença dos imigrantes europeus e asiáticos que aqui encontraram aconchego e que, com suas tradições, contribuíram para a formação de um verdadeiro mosaico de hábitos, costumes, valores e crenças. Isso faz uma Curitiba diferente. É a cidade homenageando de maneira significativa italianos, alemães, poloneses, ucranianos, japoneses e tantas outras etnias que constituem seu povo. Assim, os portais são uma forma de demonstrar gratidão e reconhecimento àqueles que ajudaram a transformar a Curitiba de ontem na metrópole de hoje.⁷¹

Como observado, a imagem de Capital Européia, "de todas as etnias", onde todas conviveriam na "mais perfeita harmonia racial", foi veiculada, nacionalmente e

⁷⁰ Numa visita à Casa da Memória, em 1997, para encontrar informações sobre "negros" na cidade de Curitiba, encontramos apenas 4 artigos de jornais de 1988 sobre o assunto. A mensagem no computador informava que sobre o assunto "**Negros em Curitiba**" continha "zero informação". A mesma resposta foi dada quando consultamos o assunto **Escravidão em Curitiba**.

⁷¹ CURITIBA, Secretaria da Educação. "*Lições Curitibanas*", 4ª Série. Prefeitura Municipal de Curitiba. Secretaria Municipal da Educação - Curitiba: PMC/SMC, 1994 2v: il. Color. Pág. 202.

internacionalmente, ainda que exista um processo de invisibilização da população negra nos festivais étnicos, praças, bosques e portais que homenageiam os imigrantes europeus como os únicos formadores da história da cidade, assim como na coleção de livros *Lições Curitibanas* nas escolas municipais que reforçam uma imagem de que a cidade de Curitiba seja de “Primeiro Mundo” e uma “Capital Européia”.

Ao detectar o processo de invisibilização do negro em Curitiba, foi possível identificar dois momentos: o primeiro diz respeito ao entendimento de como se formou ideologicamente na cidade de Curitiba e no Estado a idéia da não presença negra na história do Paraná, sobretudo a partir de historiadores regionalistas; e o segundo seria a percepção de um discurso “singular” em Curitiba acerca do mito da “democracia racial a partir dos livros *Lições Curitibanas*, publicadas pela Prefeitura Municipal de Curitiba. Ou seja, o entendimento do papel destes livros na reprodução e na consolidação de uma “imagem” histórica e atualmente europeizada, mas, num discurso plurirracial e democrático, mas que privilegia, na verdade, somente alguns grupos e desconsidera outros.

Este discurso de “Capital Européia”, segundo o qual todas as “raças” conviveriam na mais perfeita harmonia, se apresenta como falaciosa, pois invisibiliza a presença dos indivíduos negros na arquitetura, nos bosques, parques e portais (no planejamento urbano). Efetiva-se nos livros publicados pela prefeitura e reforça, portanto, a “imagem” de uma cidade justa e “igualitária”, que preserva a memória de todos os curitibanos, de todas as “etnias” na construção de um só povo. Em outras palavras, a característica singular da construção do mito da democracia racial em Curitiba e no Estado do Paraná está e sempre esteve não em considerar a população negra com as mesmas oportunidades que os brancos, mas em não considerar a sua existência.

A fonte utilizada para entender este processo histórico e ideológico, que invisibiliza a presença de negros em Curitiba, foram os historiadores “regionalistas” do Estado do Paraná, como Wilson Martins (1989) e Rui Wachowicz (1988), que tributam ao Paraná uma característica singular e positiva, não apenas à forte presença de imigrantes europeus na sua formação, mas, sobretudo de o Estado se caracterizar positivamente pela não presença do elemento negro.

Esta positividade, portanto, não se dá só a partir dos programas publicitários, propagandas, etc., que reforçam a presença europeia na cidade, mas também nas escolas públicas que se utilizam de livros escritos a partir de historiadores como Martins (1989) e Wachowicz (1988) acerca da pluralidade racial no Estado. É o caso da *Coleção de Livros Lições* publicada pela Prefeitura Municipal de Curitiba em 1994. O público alvo era e é de estudantes das séries iniciais de alfabetização, os primeiros quatro anos. Essa coleção de livros funcionou como um dos mecanismos mais eficazes na reprodução do ideário de que Curitiba seja uma “Cidade Européia”, Curitiba de todos os povos e que todos convivem na mais perfeita harmonia racial.

A democracia racial atual como se apresenta em Curitiba só pode ser considerada uma realidade na medida em que a presença negra na história da formação daquela cidade seja considerada inexistente. Portanto, na *ágora* da democracia racial em Curitiba não existe falseamento nas diferenças raciais, como na vertente brasileira, porque no espaço da democracia racial curitibana “somente as etnias européias e asiáticas podem entrar. O negro não chega a existir”.

2.2. Espaço e Reconhecimento

Na medida em que identificamos uma das características da modernização da cidade de Curitiba, que vem a ser a consolidação de um espaço urbano para indivíduos com um pertencimento social e racial, estamos levando em consideração que esta divisão de espaço urbano exclui os pobres de forma geral e os negros de forma singular e específica, haja vista que uma das características centrais da construção de identidade cultural também esteve assentada na invisibilização da população negra e do reforço da imagem do imigrante europeu e da crença numa “sociedade superior” sem *índios e sem negros*.

Neste sentido, atentamos para a necessidade da análise da cidade de Curitiba como sendo a “cidade que deu certo”, tendo em vista a distribuição dos espaços urbanos também pelo viés racial.

Observa-se, portanto, um acesso diferenciado no que concerne aos modos de representação da população negra em Curitiba e no Estado do Paraná, sobretudo no espaço público, como já elencado nas dezenas de ruas e monumentos, parques, bosques e portais que homenageiam os imigrantes europeus como os “únicos responsáveis pela cultura e história da cidade”, o que caracteriza esta organização territorial de espaço, marcada por características específicas, de um reconhecimento de um grupo pertencente sobretudo a uma “etnia”: alemã, ucraniana, italiana etc,⁷² que é reforçada pelo “Festival das Etnias”,

⁷² Em Curitiba, é bastante comum observar indivíduos, independentemente da classe ou do bairro onde residem, reafirmarem a sua descendência italiana, ucraniana, polonesa, alemã, etc. É comum também a reafirmação de que a cidade seja mesma “européia” e que os únicos descendentes de brasileiros sejam somente os negros. (Garcia de SOUZA, 1999). Em várias escolas públicas, existe a semana “das etnias” ou dos imigrantes. Os alunos individualmente fazem sua ficha familiar, na qual colocam sua descendência.

que acontece há 40 anos no Estado. Todos os descendentes de europeus⁷³ têm garantido seu espaço para mostrar sua cultura e arte. Além disso, famosas festas típicas também acontecem na cidade a fim de lembrar velhos hábitos europeus. A população negra até 2002 não conseguiu fazer parte do “Festival das Etnias do Paraná” e tampouco tem feito parte do calendário festivo do Estado.

Para D’ADESKI 2001, a epistemologia do espaço e da comunicação mostra precisamente “o território como um espaço que se constitui por meio da relação dos grupos sociais que se encontram e se reconhecem em um local, segundo uma forma de comunicação que gera relações permeadas por significados hierarquizados, valorizados, polarizados”.⁷⁴ Neste sentido, destaca o fato de que “a epistemologia não estuda o espaço unicamente do ponto de vista da materialização do território, mas se debruça sobre sua construção, sua organização, sua disposição e suas inscrições, vistas como fenômenos culturais enquanto formas de representação que de seu território se fazem os grupos que nela vivem”.⁷⁵ Ou seja, para D’ADESKI, o espaço não deve ser compreendido somente como uma área geográfica (periferia versus centro), mas também “como uma forma de relação com os objetos estruturados numa cultura, e, sobretudo, uma rede relacional de representações coletivas que permite os membros de uma mesma coletividade conceder significados, geralmente reconhecidos, a elementos e características de seu espaço”.⁷⁶

No caso da cidade de Curitiba, no que diz respeito ao reconhecimento da população negra, existe apenas uma praça que homenageia o líder negro Zumbi dos Palmares. Contudo, a praça encontra-se, ao contrário das praças que homenageiam os imigrantes

⁷³ Neste Festival Étnico do Paraná participam, além da maioria de descendentes de imigrantes europeus, os japoneses, árabes, israelitas, etc.

⁷⁴ D’ADESKI 2001:119.

⁷⁵ *idem*.

⁷⁶ *Idem*. Sem grifo. Citando Milton Santos (1975).

européus e/ asiáticos, num bairro de periferia, bem afastado, sem visibilidade por parte do poder local, meios de comunicação, livros didáticos cartões postais, etc.

No mesmo sentido, as pesquisas realizadas acerca da invisibilidade do negro em Curitiba, confirmam a hipótese de que inclusive os indivíduos negros acreditam ser mesmo a cidade de Curitiba uma “capital européia” e que a presença da população negra é insignificante. Assim, atentamos para a deficiência de construções de representações que possam dar certa identificação da população negra com a sua cidade⁷⁷. Este espaço de pertencimento se constitui como sendo “uma forma de nossa relação com as coisas”, sendo o espaço “um plano de articulação de fenômenos, na medida em que delineaia configurações espaciais nas quais a população representa sua existência.”⁷⁸

Cada grupo social, segundo D’ADESKI, “produz sua espacialidade, cuja forma, dimensão relativa e valores agregados podem incluir ou excluir outras representações e inscrições em conformidade com o grau de abertura com os outros”⁷⁹, tornando-se realmente uma forma de apreensão da nossa realidade pelos outros, uma vez que as especialidades que limitam e alicerçam a apreensão que os outros têm sobre o nosso espaço, se baseiam nas representações que nós mesmos lhe oferecemos. (D’ADESKI 2001:120)

Ou seja, a construção da idéia da cidade “que deu certo”, transformada na cidade modelo do país, no que concerne à sua “democracia racial”, mas também a construção de “sua harmonia racial”, como já analisado no capítulo I, esteve assentada, sobretudo, na

⁷⁷ Poderíamos falar do Carnaval que acontece todos os anos. Não existe uma localização exata (qual rua) de onde acontece esta festa. Nos últimos anos tem acontecido em ruas mais afastadas das ruas principais do Centro da cidade.

⁷⁸ D’ADESKI 2001:120.

⁷⁹ D`ADESKI 2001:120.

negação da existência da população negra na formação do Estado, mas também na história da cidade, sendo reproduzida até os dias atuais.

Conforme Nelson SOUZA (2001), a característica da modernização da cidade de Curitiba apostou na redefinição do espaço como planejamento global a fim de produzir uma cidade “vendável no mercado globalizado”, excluindo as suas minorias⁸⁰ em prol dos imigrantes europeus. Na construção da história da cidade, os imigrantes europeus estavam em primeiro plano, assim como a idéia de que esta população “saudável” teria feito da cidade, até pouco tempo, uma cidade orgânica. A imagem de cidade que “deu certo” também contou com a idéia de uma cidade harmoniosa socialmente e racialmente. Ou seja, “a cidade de todas as gentes, onde todas convivem na mais perfeita harmonia racial”.

É relevante destacar que o viés de análise dos autores SOUZA (2001), GARCIA Sanches (1997) e OLIVEIRA (2000), ao pretenderem entender a cidade de Curitiba, nas suas várias perspectivas, não elegeu as “relações raciais” e/ou a situação de invisibilização dos negros na cidade como uma questão também central no entendimento da construção da imagem europeizada da cidade e da idéia de cidade modelo para o país. Ao mesmo tempo em que as “desigualdades sociais”, assim como a supervalorização do imigrante europeu (do elemento branco) foram salientadas.⁸¹

Por fim, na tentativa de apresentar algumas considerações que pudessem contribuir para a análise da atuação dos jovens de periferia da cidade de Curitiba e Região Metropolitana, pertencentes ao Movimento Hip Hop, que são majoritariamente negros, consideramos as discussões à luz da construção da identidade do paranaense (baseado

⁸⁰ Ao considerarmos que a pobreza e a miséria atingem majoritariamente os negros, independentemente da cidade do país, credibilizamos que estas minorias, consideradas por Nelson de SOUZA ao caracterizá-las como pobres, negros e nordestinos, na verdade sejam majoritariamente negros, inclusive pela sua situação de miserabilidade no decorrer da história do país.

⁸¹ Este debate será apresentado posteriormente.

também num clima, saudável, numa raça pura e no imigrante europeu), importantes para analisar a atuação destes atores, assim como a construção da idéia da cidade que deu certo, inclusive do ponto de vista de sua harmonia racial.

Tais considerações são elencadas como centrais, sobretudo quando estes atores sociais se auto-denominam como “porta-vozes da periferia” de Curitiba – espaço identificado como sendo excluído das representações e imagens positivadas da cidade do ponto de vista social e também racial.

III - O MOVIMENTO HIP HOP E RACISMO EM CURITIBA

Na medida em que o estudo busca analisar os sentidos que os jovens curitibanos integrantes do Movimento Hip Hop, em especial os rappers, conseguiram apreender os discursos construídos pelo poder local e meios de comunicação acerca da cidade de Curitiba como sendo de Primeiro Mundo e uma Capital Européia, em especial na década de 90, procuramos averiguar as suas representações da cidade, a partir do discurso dos integrantes mais visíveis do rap, assim como análise de suas letras de música que refletiam suas experiências de vida, percebidas e imaginadas no cotidiano da periferia de Curitiba e Região metropolitana. No mesmo sentido, identificamos algumas especificidades e singularidades na atuação dos rappers de Curitiba com algumas teorias que identificam a atuação dos rappers no país no que diz respeito às práticas discursivas no combate ao preconceito racial, discriminação racial e racismo. Temas estes que foram identificados como sendo centrais e recorrentes em seus discursos e letras.

Assim, para analisar a atuação do Movimento Hip Hop em Curitiba, em especial o rap, nos proporemos a elencar algumas características da atuação deste Movimento no país e do elemento central do Movimento hip hop que é o rap.⁸²

O movimento Hip Hop é um movimento caracterizado como sendo urbano e que agrega a música e a arte de “se expressar falando”, seja por meio de movimentos do corpo ou pintando. Tem como principal público os jovens pobres, moradores de periferias. Este movimento surgiu no Brasil na década de 80 em São Paulo e se expandiu rapidamente para outras cidades brasileiras. O *Rap* é um estilo de música desenvolvido pelos participantes do

⁸² As características do movimento hip hop nacional apresentadas neste estudo, considerou alguns argumentos teóricos defendidos em Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado.

projeto e integra o movimento cultural mais amplo denominado *Hip Hop*⁸³, ao qual se integram mais dois elementos artísticos: o *break* (dança) e o *grafite* (desenhos e pinturas feitos nas ruas). Este movimento surgiu nos Estados Unidos na década de 1970 (Bronx, Nova York). As temáticas das letras dizem respeito à violência, discriminação, exclusão, arbitrariedade do poder (por parte da polícia) sofridas pelos jovens dos guetos de Nova York. O discurso dos *rappers* veicula elementos de auto-estima e representação da realidade cotidiana vivida pela juventude do país, sobretudo a juventude negra. (DA SILVA, 1999)

O rap está presente em vários países com culturas distintas. Em geral, sua letras abordam temas que refletem a realidade das populações excluídas racial, social e economicamente. As letras traduzem ritmo e poesia, revolução através da paz, revolução artística e popular. Uma das características mais presentes no rap é o estilo de “cantar falando”.

Suas lideranças enfrentam o universo cotidiano da falta de oportunidade e a violência, enfatizando as disputas no plano simbólico, tornando-se expressões de uma nova consciência política. Em São Paulo, sobretudo na década de 1990, o rap norte-americano influenciou os discursos de suas lideranças no que concerne à luta política por direitos civis da população negra.

Símbolos e discursos de grupos como Public Enemy, NWA, Malcon X, Martin Luter King, Panteras Negras, Stive Byco, e brasileiros como Clóvis Moura e Joel Rufino, estão presentes nas músicas, nos vídeos-clipes e nas capas de discos, que acabaram por se tornar símbolos familiares aos rappers paulistanos, que, a partir do autoconhecimento sobre a história da diáspora africana e da compreensão das especificidades da questão racial no

⁸³ A palavra Hip Hop significa balançar o quadril (um convite à diversão).

Brasil, elaboraram a crítica ao mito da democracia racial. Denunciaram o racismo, a marginalização da população negra e de seus descendentes, reelaborando também a identidade negra de forma positiva. (DA SILVA, José 1999)

Integrados por práticas juvenis construídas no espaço da rua, promovem, sobretudo através da rap, “a crítica à ordem social, ao racismo, à história oficial e à alienação produzida pela mídia, afirmando sua condição de ‘anti-sistema’”.⁸⁴ Ainda segundo DA SILVA,

A afirmação da negritude e dos símbolos de origem africana e afro-brasileira passaram a estruturar o imaginário juvenil, desconstruindo a ideologia do branqueamento, orientada por símbolos ocidentais... Para os rappers o discurso da cordialidade racial é apenas uma máscara que precisa ser retirada. A valorização da cultura negra surge, então, como elemento central para a reconstrução da negritude. Retoma-se também, nesse caso, os valores relacionados ao *black is beautiful* e o orgulho negro. Enfatizado pelo movimento *black power* dos anos 70.⁸⁵

Para José DA SILVA, a condição de excluído surge no discurso rapper como objeto de reflexão e denúncia. Dimensionando o desenvolvimento da crônica cotidiana de um espaço do qual o poder e mídia se afastam. Ou seja, “os rappers falam como porta-vozes deste universo silenciado em que os dramas pessoais e coletivos desenvolvem-se de forma dramática: chacinas, violência policial, racismo, miséria e a degradação social dos anos 90 são temas recorrentes na poética do rapper”,⁸⁶ assim como a ação política centrada na denúncia ao racismo e à atuação dos grupos de extermínio.⁸⁷

A realidade que é descrita nas letras de rap é uma realidade sem nenhuma idealização, sem nenhum retoque que as torne menos violenta, ou seja, “a descrição é nua e crua, diferentemente do que aconteceu com o samba, nos anos 30, em que a descrição da pobreza nos morros era romantizada” (GUIMARÃES, 1999). Eles têm a sua produção

⁸⁴ DA SILVA, José, 1999:24.

⁸⁵ idem. pág. 30.

⁸⁶ Idem, pág. 31.

⁸⁷ Segundo AZEVEDO 1999 e DA SILVA, Salloma 1999, o rap é o elemento e maior força no Movimento Hip Hop

voltada para a realidade da periferia, descrevendo seu cotidiano, falando para e por seus moradores, já que o rap aparece como porta-voz desta periferia, com um discurso em que a violência é presença constante. A denúncia das “desigualdades” e da “discriminação” é o seu objeto central, e seu universo refere-se a um “local” que está remetido diretamente ao “global”. Ou seja, “Periferia é Periferia em qualquer lugar”.⁸⁸ Este é o *slogan* do movimento. Para SHUSTERMAN,

O hip hop realmente trata de temas universais como a injustiça e a opressão, mas ele se situa orgulhosamente como uma “música de gueto”, adotando como temática suas raízes e seu compromisso com o gueto negro urbano e a sua cultura. O rap evita a sociedade branca exclusivista (ainda que existam rappers brancos, assim como o público é branco) e focaliza as características de vida do gueto que os brancos e os negros de classe média preferiam ignorar: prostituição, cafetinagem, droga, doenças venéreas, assassinatos de rua, perseguição opressiva de policiais brancos. ... Mesmo quando ganha uma dimensão internacional, o rap continua orgulhosamente local; encontramos no rap francês, por exemplo, a mesma precisão de origem de bairros e a mesma atenção voltada a problemas exclusivamente locais. (SHUSTERMAN, Richard, 1998)⁸⁹

A França, por exemplo, é considerada a segunda nação onde o Hip Hop é mais difundido. O Primeiro são os EUA. Contudo, diferentemente do caso americano, o seu surgimento não se deu notadamente nas ruas, mas em exibições de TV e programas de rádio na década de 1980, mobilizando pobres e imigrantes. Lá identificamos (no movimento) que a mistura racial é maior (descendentes de árabes, europeus, etc). Encontram-se, em suas letras de música, citações de escritores como Rousseau e Baudrillard. Nos EUA, entretanto, há uma maior concentração de negros no Movimento Hip Hop, assim como no Brasil.

Para TELLA (1999), a singularidade da atuação do rappers (em São Paulo) é a radicalização da afirmação da negritude, o protesto contra a discriminação étnico-racial da população negra, principalmente na periferia das grandes cidades. Neste sentido, “o rap

⁸⁸ GIMARÃES, 1999:47.

⁸⁹ In GUIMARÃES, 1999:47.

torna-se um canal de produção de novos elementos e símbolos culturais da população negra, os quais, muitas vezes, são conflitantes com elementos aceitos pela sociedade branca, constituindo-se num instrumento de contestação e questionamentos da realidade social”. O rapper transmite suas lamentações, inquietações, angústias, medos, revoltas, ou seja, as experiências vividas pelos jovens negros nos bairros periféricos de São Paulo, cujo destaque é o tema do “preconceito social e principalmente o racial”.⁹⁰ Neste sentido, o rap, para TELLA, propõe-se a reforçar a auto-estima do jovem negro, porque nele (rap) estão explícitas, em seu discurso, reelaborações de elementos e do estigma das culturas negras. Já “o baile para o jovem negro é um espaço fundamental de afirmação de sua identidade, mais do que um simples espaço de sociabilidade”. (ANDRADE, 1999)

Para tanto, o papel do rapper, além do entretenimento, é fazer um discurso com uma linguagem acessível para informar e tentar ampliar a consciência de uma parcela da juventude negra, ou seja, transmitir sua mensagem para um público mais amplo. (TELLA, 1999)

ANDRADE reconhece que a especificidade e singularidades do movimento Hip Hop venha ser o fato de é um movimento social, e que permite aos jovens desenvolver uma educação política e, conseqüentemente, o exercício do direito à cidadania. Segundo ela, nunca na história social do Brasil, houve uma mobilização social tão expressiva, produzida por jovens negros. E este fato “é exclusivamente dos anos 90.”⁹¹

(...) *A ignorância é de cor branca
Nas favelas o que mais têm?
Têm negros, porque não sei.
Preferência de trabalho é pra quem conclui o
segundo grau.*

⁹⁰ TELLA, 1999 pág 59 e 60.

⁹¹ ANDRADE, 1999: 89.

*Mentira é pros brancos
paga pau.*

*A pergunta que ecoa no ar,
Preto rico é até aceito,
Mas mal falado por trás
Porque a ignorância ainda é de cor negra.*

*Porque o presente é de cor branca?
Do que? De cor branca.
Do que? De cor branca. (...)
(Grupo PRN⁹²- São Paulo)*

Esta letra de um rap paulistano aponta algumas das características do racismo brasileiro no que diz respeito a uma presença majoritária de negros nas grandes periferias. Problematisa o conceito de meritocracia no mercado de trabalho que se caracteriza por privilegiar os indivíduos brancos, ao mesmo tempo em que discute o mito de classe – uma vez que parece existir um consenso construído na sociedade de que os pobres sejam todos iguais no que tange à sua situação de exclusão.⁹³ Além disso, critica a “ideologia do branqueamento”.

Neste sentido, a letra discute o racismo em São Paulo, e na sociedade como um todo, quando também possibilita a análise das multifaces do racismo brasileiro e a naturalização da presença dos indivíduos brancos como representação do universal.

Em Curitiba, segundo os atores, o movimento chegou na segunda metade da década de 80 através do break. Vários “grupos se encontravam e faziam apresentações na marquise do Shopping Itália, depois o movimento desandou”, com a formação do Projeto Niggaz

⁹² Grupo PRN. Música : Racismo. Letra e Música de Bruno, Bruno Soares, Thiago, Leandro e Carlos Augusto. In SANTOS 1999:130.

⁹³ De cada 10 pobres no Brasil, 8 são negros. Os pobres brancos detém uma renda de 2,5 vezes a mais que os pobres negros (IPEA-2001).

em 1990, considerada a primeira banda de rap de Curitiba através dos rapper Davi Black e Toaster Edie.⁹⁴

O movimento parece apresentar as mesmas características globais, ou seja, de problematizar, a partir de suas letras de música, a situação da população pobre da cidade, vítima de preconceito e violência, mobilizando centenas e milhares de jovens de periferia ao mesmo tempo.

3.1 - Movimento Hip Hop em Curitiba

“Nada com a tua Curitiba oficial enjoadinha narcisista
toda de acrílico azul para turista ver
de outra que eu sei (...)
a melhor de todas as cidades possíveis (...)
Curitiba européia de primeiro mundo (...)
Curitiba alegre do povo feliz
Esta é a cidade irreal da propaganda
Ninguém não viu não sabe onde fica
Falso produto de marketing político
Ópera bufa de nuvem fraude arame
Cidade alegríssima de mentirinha
Povo felicíssimo sem rosto sem direito sem pão
Dessa Curitiba não me ufano
Não Curitiba não é uma festa
Os dias da ira nas ruas vêm aí.
(Dalton Trevisan)

Dalton Trevisan, em seu conto, manifesta o desejo de que a esta Curitiba “inventada”, irreal, *city marketing*, os dias da ira um dia das ruas viessem.

Nas ruas das grandes favelas da cidade de Curitiba, onde todas as mazelas, nem sempre anunciadas pelo poder local, e que se fertilizam num ambiente de desigualdades e racismo, é que surge o Movimento Hip Hop. Através de sua organização, sobretudo no

⁹⁴ Esta banda teria acabado em 1989. David Black foi para a Banda Blackout que também não existe mais.

final da década de 90, tem tentado, através de suas atuações, revelar a realidade social e racial da cidade que é marcada pela intensa exclusão social.

Em Curitiba e Região Metropolitana existem aproximadamente 2 milhões de pessoas, sendo que pelo menos meio milhão delas vivem abaixo da linha de pobreza. Quase um quarto deste contingente é de negros. A criminalidade tem aumentado nos últimos 10 anos em 56%. Pelo menos 20% dos jovens que vivem em Curitiba acreditam que pobres e ricos não devem frequentar os mesmos lugares, assim como negros e brancos também não. Estes mesmo jovens credibilizam a polícia como sendo a pior coisa existente na cidade. (SALLAS, 2000) Ainda existem registros de inúmeros casos da atuação de grupos Skin reads vitimando negros, punks e homossexuais.

É neste cenário nefasto, diferente do apresentado pelo “poder local”, que nosso estudo enfatizou a atuação do Movimento Hip Hop em Curitiba e Região Metropolitana, destacando, para tanto o rap (estilo de música dos integrantes do Movimento Hip Hop), justamente porque este tenha sido um dos elementos mais visíveis – em nossa pesquisa – no Movimento como um todo. O rap é um estilo de cantar falando, para os atores, é “uma grande conversa”.

Acompanhamos nos últimos dois anos pelos menos setenta bandas de rap em Curitiba e Região Metropolitana. Entretanto, a ênfase central da análise priorizara somente 40 bandas a partir da visibilidade e reincidência de apresentação em grandes shows realizados nos mais diversos espaços geográficos da cidade de Curitiba e Região Metropolitana. As 40 bandas totalizaram 153 rappers que se auto-representam como lideranças do Movimento. No mesmo sentido existe, entre estes atores, uma espécie de identificação no que tange ao reconhecimento de integração e de pertencimento a um grande movimento: O Movimento Hip Hop de Curitiba e Região Metropolitana.

No cenário nacional, o Movimento Hip Hop tem sido apontado por pesquisadores como uma das mais eficazes formas de combate à violência física, às drogas, ao alcoolismo, à discriminação racial, por incentivar a educação e o combate a todas as formas de injustiças. Os adeptos do movimento são na maioria jovens de periferia. O movimento pretende oferecer uma alternativa para que os indivíduos – sobretudo os jovens – possam enfrentar com mais consciência os problemas sociais.

Para tanto, a estratégia do movimento está em conscientizar o público através da música, e também pelo discurso, pintura e pela dança. Suas letras de músicas devem ter um cunho ideológico e político de resgate à cidadania. A metodologia de apresentação nos shows, por exemplo, consiste num ritual: o rapper que canta e compõe também naquele show deve explicar o objetivo de sua letra, porque ele tem a tarefa de ser o “líder da comunidade” sem vínculo partidário. Já o MC, “Mestre de Cerimônia”, é quem tem o dever de interpretar as músicas de autoria de um dos integrantes de seu grupo e tem o compromisso de levantar os problemas sociais daquela comunidade, apontando tais problemas e possíveis propostas de solução.

Neste sentido, o movimento Hip Hop se apresenta, para seus próprios atores, como um movimento que intenta ser a “voz da comunidade”, no que diz respeito aos seus problemas, porque surge no seio das comunidades periféricas e levanta problemas que atingem aquele determinado espaço. Podemos, por exemplo, encontrar letras de música que falam de um problema relativo a um determinado bairro ou de uma rua de Curitiba.

Na Cara dura
De esquina o boteco
Se prostituindo
Fileiras em deu prato
Vão sempre consumindo
Picadas na veia alucinadas sorrindo
Vão se destruindo
Cidade Ecológica em primeiro lugar

O outro lado da moeda eles não querem mostrar
Jardim Botânico, Mulher,
Parque Tanguá, Estação
Altas praças
(...)
Essa é a Curitiba que mostram na televisão (...)
Parque Barigui, Parque Tingui, Relógio das Flores
Só que pras periferias nada disso tem valor
O queremos simplesmente
É também sermos tratados como gente

Chora Curitiba, pode crê
Quantas pessoas ainda vão ter que morrer
Chora Curitiba pode crê
Serão mais notícias para você ler”

(Banda: Reflexo Urbano. Música: Chora Curitiba).

Na medida em que se reconhecem como portas -vozes da comunidade, eles acreditam estar revelando o espaço silenciado pelo poder local onde os crimes, os assassinatos, a violência policial e a fome acontecem. Esta letra, por exemplo, enfatiza também o alto consumo de drogas no interior das grandes favelas da cidade (o consumo de crack tem sido o mais denunciado). Ao mesmo tempo, destacam os contrastes existentes na cidade de Curitiba que é reconhecida pelos meios de comunicação nacionalmente como uma cidade que “deu certo”, a cidade modelo e uma capital Ecológica. A letra se contrapõe à falsa imagem construída de Curitiba, ao mesmo tempo que reflete sobre a importância da cidadania para os indivíduos que moram nas periferias. Chamar atenção para a necessidade de políticas públicas de “inclusão” destes indivíduos na sociedade curitibana.

Seus discursos intentam sintetizar, nas letras e na diversidade dos sons e gestos, um ambiente urbano contemporâneo diferenciado daquele apresentado pelos meios de comunicação oficial ou não. Permitem esboçar um mapa dos problemas sociais da cidade considerada “modelo” do país, no mesmo momento que permite, através de sua organização, criar mecanismos de produção de um outro “consenso” à luz da cidade,

apontando para a diferença que, em certo sentido, reorganiza, ou pelo menos sugere uma nova representação do espaço social curitibano, além de possibilitar a visibilização de manifestações culturais dos chamados grupos vulneráveis (minorias).

Na análise dos discursos e letras de músicas, buscamos averiguar a existência de “novos sentidos” e significados destas expressões – da juventude – que pudessem contribuir para a percepção da construção de um imaginário coletivo urbano que traduzisse em novas representações sociais acerca da cidade, sobretudo à luz da sua democracia racial.

Identificamos em suas atuações práticas culturais que contrapõe as práticas de violência na juventude,⁹⁵ assim como uso de álcool, drogas, preconceito, racismo etc. Ao mesmo tempo em que conseguem problematizar os atos dos indivíduos jovens em quebradeiras, narcotráfico etc. Cenas que no espaço urbano torna-se cada vez mais constantes. Neste sentido, é importante identificar- juntos a juventude- a importância destes grupos urbanos associados a estilos musicais, sobretudo porque além de denunciar, enfatizam o papel central e fundador da estrutura da desigualdade e violência.

Ainda que tenhamos identificado uma predominância explícita de uma cor/raça entre os atores, na maioria negros, ao mesmo tempo que parecem identificar a pobreza como sendo um elemento central na análise das desigualdades sem referência ao pertencimento racial. Porém, alguns ícones da negritude também iam sendo incluídas na percepção da análise dos atores. Um grande exemplo, é a representação positivada do herói negro brasileiro Zumbi dos Palmares.

Apesar do encobrimento, por vezes, dos conflitos raciais envolvendo os próprios atores na vida social, foi possível constatar a positivação e uma espécie de naturalização da categoria “afrodescendente” no movimento. Ao mesmo tempo em que é possível afirmar

⁹⁵ Juventude para Herschmann, M. 2000 é uma construção sócio cultural.

que entre os atores “não há uma caracterização étnica do movimento”. A categoria “raça” não é pauta central de seus debates, discursos e letras musicadas, mas sim a “classe” ou o espaço geográfico: “periferia” versus “centro” da cidade.

O pertencimento racial não é entendido como um corroborador do processo de exclusão e de estigmatização das expressões culturais dos rappers.

Ao contrário do Rio de Janeiro, em Curitiba não existe um atrelamento entre o Movimento Hip Hop e o Movimento Negro organizado, mesmo que a cor dos integrantes do Movimento Hip Hop seja considerado um registro importante para o Movimento Negro.

A história do Movimento Hip Hop em Curitiba se confunde com o centenário da abolição da escravatura no Brasil (1988). Época também do surgimento das principais entidades do movimento negro organizado em Curitiba. Oriundo do rap paulistano, este movimento alcança crescimento a partir de 1994, em especial após o show do Grupo Racionais MC's de São Paulo, em 1997. Desde então, o movimento Hip Hop de Curitiba e Região Metropolitana cresce anualmente. Teve um crescimento significativo em número de bandas no ano 2000. Atualmente é possível detectar a existência de mais de 70 bandas de rap, 15 grupos de break, 100 indivíduos que praticam grafite e além de 20 D`js profissionais.⁹⁶

O Movimento Hip Hop está organizado nas principais regiões de Curitiba e da grande Curitiba, em especial nas grandes periferias. Conseguem transmigrar para vários espaços geográficos da cidade: Zona Norte, Zona Leste, Zona Oeste e Zona Sul. Atuam normalmente em grupos. Ou seja, os personagens dos shows são integrantes de vários outros grupos que compõem o Movimento Hip Hop. Existe um rodízio de bandas em cada festa, conseguindo congregar centenas e milhares de jovens ao mesmo tempo. Por vezes, no

⁹⁶ Os atores envolvidos na pesquisa reconhecem o D`j como o 4 elemento do Movimento Hip Hop.

mesmo dia, podem acontecer mais de cinco shows em lugares diferentes na cidade. Dificilmente um grupo fará o show sozinho, exceto se a apresentação acontecer num espaço “limitado” como numa escola, universidade, igreja, etc.

Na maioria das vezes, nos shows acontecem apresentações de aproximadamente quinze bandas, cada banda canta em média três músicas. O sorteio da banda por vezes acontece antes do show e ora durante o show. Existe o compromisso dos integrantes em não se ausentar antes da apresentação da última banda.⁹⁷

TABELA 01-

BANDAS DE RAP DE CURITIBA E REGIÃO METROPOLITANA- 2001 e 2002.

- 01 -A. D. R Carbono X
- 02- Aliados Linha de Frente
- 03- Arquivo Negro
- 04- Arquivo X
- 05- Art de Rua
- 06- Ataque Verbal
- 07- Artivistas MDE
- 08- Auradiel
- 09- Capa Preta
- 10- Clandestino ZAP
- 11- Conceito da Rima
- 12- Comunidade Racional
- 13- Conexão Fami Black
- 14- Consciência Suburbana
- 15- David Black
- 16- Distúrbio
- 17- Dozeaba
- 18- Epideminas
- 19- Fascinora MC,s
- 20- FD- Família Dragão
- 21- Filhos da Periferia
- 22- FMA- (Forte Mente Armados)

⁹⁷ Alguns shows em 2003 têm apresentado uma característica diferenciada que tem sido a redução do número de bandas para apenas cinco e não mais quinze. O objetivo é possibilitar que as bandas possam mostrar mais os seus trabalhos e conseqüentemente ampliar o número de shows na cidade.

- 23- Homens Idealizados
- 24- J.A.C- Júris de Atitude e Consciência.
- 25- Konflito
- 26- Liberdade de Expressão
- 27- Mocambo
- 28- Originais do Rap
- 29- Pensamentos Reais
- 30 -Plena Atitude
- 31- R. N. P – (Raciocínio Negro da Periferia)
- 32- Raciocínio Urbano
- 33- Reflexo Urbano
- 34- Retratando o Fato
- 35- Rima Periférica
- 36- Sub Versível
- 37- Sujeitos Contrários
- 38- UDMC,s
- 39- Universo Metafórico
- 40- Voz Ativa

A escolha das 40 bandas, acima, levou em conta algumas características de suas atuações, mas, sobretudo, a visibilidade destas bandas em várias festas, e também a existência de um certo reconhecimento dos atores da legitimidade do trabalho musical e social da banda na cidade, que em muitos casos se dá pelo número de shows já realizados.⁹⁸ Cabe salientar que percebemos, durante a pesquisa, a alteração de nomes de algumas bandas e em outros casos com alteração no quadro dos integrantes que migraram para outra banda.

Assim, optamos, por fim, em trabalhar com o nome das bandas e dos integrantes participantes do rap de Curitiba e Região Metropolitana até o mês de dezembro de 2002. Aquelas bandas que passaram a não existir não foram quantificadas, ainda que algumas letras de música continuaram a ser subsídio para o estudo, como é o caso da banda

⁹⁸ Um elemento muito importante para se efetivar a existência de uma banda de rap é a presença de um D,J. Ou seja, aquele indivíduo que vai criar o som para os rappers cantarem. Em muitos casos, um D,J acaba sendo integrante de mais de uma banda.

Blackout, uma banda histórica na cidade, que a partir de 2002 foi extinta, mas seus integrantes continuaram em outras bandas..

Já, a banda *REU*, por exemplo, não mudou de integrantes, mas mudou de nome e de estilo das letras. Agora a banda se chama *Universo Metafórico*⁹⁹. Em outros casos, o desaparecimento de uma banda resultou no surgimento de duas ou mais bandas formadas pelos ex-integrantes da banda extinta.¹⁰⁰

O fenômeno de mudança do número de integrantes das bandas ou mesmo a troca de indivíduos, assim como a mudança de nome e estilo de músicas, foi por nós averiguado como um comportamento mais incidente no ano de 2002 e 2003. Porém, o estudo limitou-se a mapear algumas mudanças somente entre os anos de 2000 e 2002.

Estas mudanças de certa forma dificultaram o fechamento e o acompanhamento do número de bandas selecionadas, sobretudo porque o estudo também levou em conta o perfil dos integrantes das bandas por sexo, cor, idade, grau de escolaridade e região.

Sendo assim, até dezembro de 2002, o quadro das 40 bandas com o perfil dos integrantes precisou estar sendo atualizado cotidianamente a fim de evitar que um integrante ou banda não fosse contabilizado indevidamente no quadro de 153 integrantes. No mesmo sentido, a média de idade e principalmente a cor dos atores.

No primeiro semestre de 2002, o quadro do perfil dos integrantes dos rappers de Curitiba e Região Metropolitana revelava que, das 40 bandas, 78% dos integrantes eram negros. Este número sofreu alteração no final da pesquisa em função da extinção de algumas bandas e o aparecimento de outras, ou mesmo a morte ou mudança de cidade de

⁹⁹ Esta banda acabou optando por um estilo de rap menos “pessimista” para um estilo de rap mais “underground”. Estas categorias serão explicadas posteriormente neste estudo.

¹⁰⁰ Segundo os atores, uma banda pode acabar por vários fatores: falta de tempo para ensaio, desentendimentos internos, mudança de estilo, integrante que viaja ou morre, etc. Não parece existir uma uniformidade nos motivos. Contudo, a criação de outra banda depende, sobretudo, da identificação dos atores com os integrantes daquele grupo.

alguns integrantes. No final da pesquisa, identificamos um outro quadro que revelou uma queda de 10% de negros. Ou seja, apenas 68% de negros entre os 153 integrantes. Do mesmo modo, o número de mulheres também diminuiu em função da extinção de uma banda feminina.

A pesquisa, contudo, não priorizou aprofundar os possíveis motivos das mudanças no quadro. Observou-se, ainda, um maior crescimento de bandas, em 2003, com indivíduos brancos adeptos de um estilo de rap menos “realista” ou “pessimista”, o rap *urderground*.

Os próprios atores, representantes das bandas, informavam a cor, idade e grau de escolaridade de cada indivíduo. Algumas informações foram obtidas em entrevistas ou por telefone. As letras de música eram entregues por e-mail (em poucos casos), outras eram entregues nos shows, mas a maioria delas precisou ser buscada. Ou seja, marcávamos uma hora e local com um representante do grupo que optava em entregar as letras que gostaria de disponibilizar para a pesquisa.

Optamos por esta metodologia, principalmente por dois motivos: primeiro, em função do número reduzido de CD,s gravados, com um agravante que a maior parte deles não vinha com as letras escritas das músicas; outro problema se deu em função do grande número de letras que os integrantes tinham escritas e por averiguarmos que os atores tinham letras que eles mesmos achavam mais “interessantes” e outras letras que eles mesmos consideravam *paia* (pouco interessantes) .

Você não viu nada... você precisa conhecer aquela letra, aquela sim é massa.

Percebemos que nem sempre as letras cantadas nas festas (assistidos por nós) eram as letras que os atores preferiram entregar para o estudo.

Em outros casos, era preciso insistir para conseguir a letra, que, para nosso olhar, era importante no entendimento do assunto proposto na pesquisa. Nestes casos, observamos que a dificuldade em obter a letra era umas cinco vezes maior, levando em conta que, em média, as bandas demoraram meses ou até um ano para entregar as letras para a pesquisa. Antes da entrega das letras, por banda, quantificamos em média quatro desencontros.

Estes desencontros puderam ser entendidos como uma espécie de resistência dos atores em entregar as suas letras, em muitos casos uma preocupação mais intensa que diminuía na medida em que os integrantes iam se conhecendo ou outros integrantes legitimavam a importância da pesquisa. Expressões comuns foram: *“o que você quer com as nossa letras?”*, *eu passo, mas só algumas*”, *“tudo bem, mas eu quero ver depois”*, *“eu não tenho escrito, tá tudo na minha cabeça, quem quiser que escute e escreva”*, *“tem que sair o nosso nome”*.

Mas as resistências em geral foram menos explicitadas em palavras. Ou seja, eles simplesmente marcavam o dia da entrega, não ligavam e não apareciam na hora marcada ou só traziam uma letra, ou ligavam marcando um outro dia, se desculpando e assim por diante.

Em alguns casos, os integrantes (em hora marcada) cantavam a letra da música para que pudéssemos digitar, porque nem eles mesmos tinham a letra escrita, *“só na cabeça”*.

Quase 100% das letras de música recebidas dos integrantes, para o estudo, foram escritas à mão por membros da banda. A maioria deles não tem acesso a computador ou não sabe digitar. Só depois de catalogar por bandas e estilos, foi possível digitar todas, para analisar.

Para informar a suas idades, não consideramos que houve algum tipo de resistência, assim como para informar o grau de escolaridade, mas informar a sua cor foi por vezes mais problemático que conseguir a letra.

Foi imprescindível que nós tivéssemos um argumento para explicar a necessidade desta informação, dada à resistência dos atores em responder a sua cor. Observamos três questões relevantes para justificar a resistência. A primeira diz respeito ao fato de que para a maior parte dos atores o movimento Hip Hop não tem cor; a segunda se refere à dúvida apresentada pelos integrantes de quem é o negro; e a terceira pela convicção de que a questão central do movimento é a periferia, ou seja, os pobres em geral. “Estamos preocupados com a questão social, ser pobre. Pobre sim é que é discriminado”.¹⁰¹

Nas festas, foram observados os discursos dos rappers acerca da representação da imagem que atores tinham deles mesmos e a imagem que eles tinham sobre a cidade em que vivem. Seus discursos foram analisados e, a partir das letras de música, tentou-se identificar se existe uma semelhança nas articulações entre letra de música e discurso do rapper sobre a cidade de Curitiba.

Observou-se nestas festas que o MC (Mestre de Cerimônia) tem o dever de comentar a letra do rap, até porque há o entendimento de que o rap “é uma grande conversa”. Assim, depois ou durante a música, os integrantes fazem uma espécie “de análise sociológica da música” para a platéia, acompanhada de palavras de ordem: “o poder da mente faz a revolução”; “Hip Hop na veia”; “atitude e consciência!”, etc.

¹⁰¹ Este debate será problematizado posteriormente na pesquisa.

TABELA 02

BANDAS DE RAP EM CURITIBA E REGIÃO METROPOLITANA POR NOME DA BANDA E ESPAÇO GEOGRÁFICO, ENTRE 2001 E 2002.

ZONA SUL	ZONA LESTE	ZONA NORTE	ZONA OESTE	ZONA CENTRAL
Distúrbio	Aliados de Linha de Frente	Retratando o Fato	Arte de Rua	Capa Preta
Filhos da Periferia	Artivistas MDE	Sujeitos Contrários	Originais do Rap	FMA
Clandestino Zap	UDMCs	Epideminas	Liberdade de Expressão	
R.N.P		Consciência Suburbana	Universo Metafórico	
Rima Periférica	Fascinora	Arquivo Negro	Voz Ativa	
Dozeaba		Plena Atitude	Ataque Verbal	
Família Dragão	Comunidade Racional	Reflexo Urbano	J. A. C	
A D. R Carbono X		David Black	Conceito da Rima	
Conexão Fami Black		Pensamentos Reais	Raciocínio Urbano	
Homens Idealizados		Mocambo	Auradiel	
		Konflito	Sub Versível	
			Arquivo X	

Nós identificamos 10 bandas na ZONA SUL. São elas: Distúrbio, Filhos da Periferia, Clandestino Zap, R.N.P, Rima Periférica, Dozeaba. A D. R Carbono X, Conexão Fami Black, Homens Idealizados, Família Dragão. Na ZONA LESTE identificamos 06 bandas: Aliados de Linha de Frente, Artivistas MDE, UDMCs, Fascinora e Comunidade Racional. Na ZONA NORTE identificamos 11 bandas: Retratando o Fato, Sujeitos Contrários, Epideminas, Consciência Suburbana, Arquivo Negro, Plena Atitude, Reflexo Urbano, David Black, Pensamentos Reais e Mocambo e Konflito. Na ZONA OESTE as bandas identificadas totalizaram 12: Arte de Rua, Originais do Rap, Liberdade de

Expressão, Universo Metafórico, Voz Ativa, Ataque Verbal, J. A. C, Conceito da Rima, Raciocínio Urbano, Auradiel, Arquivo X, e Sub Versível. Na ZONA CENTRAL identificamos 02 bandas: Capa Preta e FMA. As Zonas reunidas totalizaram 40 bandas.

TABELA 03

BANDAS DE RAP POR ZONA ESPACIAL – 2001-2002

Total de Bandas	40	100%
Zona Sul	10	25%
Zona Leste	05	12,5%
Zona Norte	11	27,5%
Zona Oeste	12	30%
Zona Central	02	5%

Os dados percentuais revelaram, nos dois anos analisados, que a Zona Sul apresenta 25% das bandas (10 bandas) e a Zona Norte apresentam 27,5% (11 bandas) das bandas de Curitiba e Região. A Zona Oeste, com 12 bandas, representa 30% . A Zona Leste, com 05 bandas, representou 12,5%. A Zona Central obteve o menor número de bandas, somente 2, significando 5% das bandas da cidade e Região Metropolitana.

Nesta perspectiva, pudemos confirmar que este Movimento está majoritariamente concentrado nas regiões periféricas da cidade de Curitiba e Região Metropolitana.

TABELA 04

BAIRROS DE CURITIBA – 2003 ¹⁰²

- 01- Abranches
- 02- Água Verde**
- 03- Ahú**
- 04- Alto Boqueirão
- 05- Alto da Glória**
- 06- Alto da Rua XV**
- 07- Atuba
- 08- Augusta
- 09- Bacacheri
- 10- Bairro Alto
- 11- Bairro Novo
- 12- Barreirinha
- 13- Batel**
- 14- Bigorriho**
- 15- Boa Vista
- 16- Bom Retiro**
- 17- Boqueirão
- 18- Botituavinha
- 19- Cabral
- 20- Cachoeira
- 21- Cajuru
- 22- Campina do Siqueira
- 23- Campo Comprido
- 24- Campo de Santana**
- 25- Capão da Imbuia
- 26- Capão Raso
- 27- Cascatinha
- 28- Caximba
- 29- Centro**
- 30- Centro Cívico**
- 31- Cidade Industrial
- 32- Cristo Rei**
- 33- Fanny
- 34- Fazendinha
- 35- Ganchinho**
- 36- Guabirota
- 37- Guairá
- 38- Hauer
- 39- Hugo Lange**
- 40- Jardim Botânico
- 41- Jardim das Américas

¹⁰² Bairros em ordem alfabética. Bairros em negrito não foram mapeadas bandas de rap.

- 42- Jardim Social
- 43- Juvevê
- 44- Lamenha Pequena
- 45- Lindóia
- 46- Mercês
- 47- Mossunguê
- 48- Novo Mundo
- 49- Orleans
- 50- Parolin
- 51- Pilarzinho
- 52- Pinheirinho
- 53- Portão
- 54- Prado Velho
- 55- Rebouças
- 56- Rivieira
- 57- Santa Cândida
- 58- Santa Felicidade
- 59- Santa Quitéria
- 60- Santo Inácio
- 61- São Braz
- 62- São Francisco
- 63- São João
- 64- São Lourenço
- 65- São Miguel
- 66- Seminário
- 67- Sítio Cercado
- 68- Taboão
- 69- Tarumã
- 70- Tatuquara
- 71- Tingüi
- 72- Uberaba
- 73- Umbará
- 74- Vila Izabel
- 75- Vista Alegre.
- 76- Xaxin

TABELA 05

BAIRROS ONDE NÃO HÁ BANDA DE RAP 2001-2002

BAIRROS DE MAIOR IDH (Índice de Desenvolvimento Humano)	BAIRROS DE MENOR IDH (Índice de Desenvolvimento Humano)
Ahú	Campo de Santana
Alto da Glória	Ganchinho

Batel	São Miguel
Bigorriho	Lamenha Pequena
Bom Retiro	Rivieira
Centro	X
Centro Cívico	X
Cristo Rei	X
Hugo Lange	X
Jardim Social	X
Juvevê	X
Rebouças	X
São Francisco	X
Água Verde	X
Seminário	X
Alto da Rua XV	X

Dos 76 bairros de Curitiba, identificamos a presença de bandas de rap em 55 bairros, representando 76,4% dos bairros. Somente em 21 bairros, representando 27,6%, não foi identificada a presença de bandas de rap. Deste universo de 21 bairros, 16 deles são considerados bairros com maior IDH e representam 76,2% dos bairros sem rap. Portanto, nossa pesquisa constata que, como observado na maior parte das cidades, a ação dos atores tem se dado, sobretudo, na periferia da cidade de Curitiba, onde a exclusão social e racial é maior.

A população negra do Estado do Paraná é de 22% (IBGE); na cidade de Curitiba e Região Metropolitana a soma de pretos e pardos revela praticamente o mesmo percentual de 22% de negros. Assim, quisemos entender por que no Movimento Hip-Hop há tão

grande concentração de negros, se este grupo percentualmente representa menos de um quarto da população; no entanto, em Curitiba, representam 68%.

Segundo as pesquisas nacionais do IPEA (2001), a pobreza e miséria atingem majoritariamente os negros em todo país, independentemente do Estado, resultado de desigualdades sociais, mas também raciais. O Estado do Paraná e especialmente a cidade de Curitiba provavelmente não sejam diferentes. No Brasil, de cada 10 pobres, 8 são negros. A renda média dos brancos pobres é de 2,5 vezes a mais que os negros pobres, o que impossibilita uma leitura apenas com um viés econômico das desigualdades, sobretudo porque os dados também confirmam que um indivíduo negro apresenta três vezes mais chances de crescer pobre quando comparado a um indivíduo branco com as mesmas condições sociais.

Tais análises levam em conta, portanto, que o pertencimento racial possibilita que os indivíduos na sociedade brasileira, independentemente da região, tenham menos mobilidade social quando são negros. Esta percepção é imprescindível na análise da atuação dos atores sociais, quando na sua maior parte sejam compostos por negros. Ou mesmo a percepção da construção dos espaços sociais e as representações construídas acerca da cidade de Curitiba, quando pretendeu considerar apenas os imigrantes europeus e os seus descendentes na construção e formação da cidade.

Sendo este um movimento incidente na periferia de Curitiba, assim como na maior parte vertente do país, é fundamental que possamos analisar a situação de exclusão social e racial no país e na cidade de Curitiba. Pesquisa de 2000 acerca do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), confirma que, na Região Sul, o Paraná tem o pior IDH, assim como maior número de favelas, sendo também o 4º. Estado brasileiro com maior número de favelas, perdendo somente para São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Curitiba apresenta 122 favelas (IBGE) . Na cidade de Curitiba, no ano 2000, de 1,6 milhão de habitantes, 200 mil famílias viviam em áreas irregulares, ou seja, 1 em cada 8 moradores. (IBGE)

O Mapa da Pobreza de 1997¹⁰³ revelou que a existência de uma localização dos bairros com maior grau de carência do morador e da moradia estendeu-se ao sul, oeste e no limite norte do Município. Os bairros com indicadores mais críticos no que tange ao saneamento básico e às condições sociais dos moradores seriam: Augusta, Campo de Santana, Caximba, Ganchinho, Lamenha Pequena, Prado Velho e São Miguel. Nestes bairros, residem 1,48 da população total de Curitiba. Particularizando a carência deste conjunto de bairros, tem-se que Augusta, Campo de Santana, Ganchinho e Lamenha Pequena apresentam mais limitações no âmbito das condições de domicílio e do saneamento básico, enquanto que no Prado Velho são mais limitadas as condições sociais do morador e as condições de saneamento. No nível de maior precariedade, encontram-se os bairros de Caximba e São Miguel.

Quanto às condições dos domicílios, 16% dos bairros de Curitiba apresentam condições muito críticas quanto ao domicílio. As principais características observadas foram: mais de quatro moradores por domicílio, o que pode ser considerado uma densidade elevada; mais de 8% dos domicílios sem canalização interna; mais de 8% de domicílios considerados precários, sendo, que neste caso, localizados em favelas improvisadas.

Em piores condições estariam 12 bairros, onde moram 23,97% da população de Curitiba. Apresentaram condições muito crítica nos três indicadores: Campo de Santana, Sítio Cercado, Tatuquara e Umbará . Já Caximba e Lamenha Pequena são os mais críticos

¹⁰³ O Mapa da Pobreza de Curitiba (1997) contou com a Participação das seguintes instituições: UFPR- Universidade Federal do Paraná; IPARDS- Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social; e IPUCC- Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba.

no que se refere à densidade elevada dos moradores e inexistência de canalização interna nos domicílios. Os bairros de Ganchinho, São Miguel e Augusta também são muito críticos na ausência de canalização interna dos domicílios e na presença de parcela elevada de domicílios precários (favelas ou improvisados).

As proporções mais elevadas desses domicílios estão em São Miguel (84,41%) e Ganchinho (69,18%). Nos bairros de Atuba, Cidade Industrial, Campo de Santana, Cajuru, Parolim, Prado Velho, Sítio Cercado, Tatuquara e Umbará, essa proporção ultrapassa os 20%, sendo também considerada elevada.

Mais de 16% dos bairros de Curitiba têm elevada proporção de domicílio cuja condição do saneamento básico é considerada crítica ou muito crítica. Ou seja, a proporção de domicílios ligados à rede de água inferior a 80%. Proporção de domicílios com instalação sanitária ligada à rede de esgoto inferior a 27,23%, proporção de domicílios com coleta de lixo inferior a 87,15%. As condições de maior precariedade encontram-se em 12 bairros onde residem 3,10% da população de Curitiba. Apresentam as piores condições de saneamento básico nos três indicadores analisados: Campo de Santana, Caximba, Ganchinho, Lamenha Pequana e Riviera. Com condições muito críticas em instalação sanitária ligada à rede e em coleta de lixo encontram-se: Augusta, Cachoeira, Mossunguê, São Miguel e Taboão. Com condições precárias no abastecimento de água ligado à rede e coleta de lixo estão Cabral e prado Velho, dois bairros que não se localizam na periferia do município.

Na condição dos serviços de educação, saúde e transporte coletivo, os quadros mais críticos estariam em 11 bairros, onde residem 2,67% da população total de Curitiba. Dentre eles, em piores condições está São João, posicionado como o mais crítico em todas três condições analisadas (educação, saúde e transporte coletivo). Na saúde e educação,

apresentam-se muito precários o bairro de Butiatuvinha, Jardim Botânico, Lamenha Pequena, Rivieira e São Miguel. Com condição muito precária em saúde e transporte estão o bairro de Augusta, Campo de Santana, Caximba, Ganchinho e Umabará.

A análise da taxa de repetência e de abandono aponta um nível de maior precariedade em 12 bairros, onde residem 12,89% da população total de Curitiba. As condições de maior precariedade estão em Botiatuvinha, Jardim Botânico, Lamenha Pequena, Riviera, São João e São Miguel, onde mora 1,42% da população total. Nos caso de repetência mais elevada estão os bairros do Pinheirinho (21,72%), Fanny (21,19%), Pilarzinho, Bigorriho, Capão de Imbuia e Uberaba. Com taxa de abandono mais alta, Pilarzinho (13,93%) e Pinheirinho com (12,39%).

Nos casos mais precários no coeficiente de mortalidade infantil estão os bairros de Jardim Botânico, Bom Retiro, Campo Comprido, Umbará e Cidade Industrial. Estes bairros agregam 12,20% da população de Curitiba.

Oito bairros apresentam as piores condições de transporte coletivo, representando 2,09% da população da cidade. São eles: Augusta, Cachoeira, Campo de Santana, Caximba, Ganchinho, São João, Taboão e Umbará. O bairro com maior intervalo (60 minutos) é Ganchinho.¹⁰⁴

A análise dos espaços de atuação das bandas de rap na cidade foi por nós identificado como sendo importante, na medida em que se constata que o movimento é mesmo de periferia, mas ao mesmo tempo, um dado nos chamou atenção de forma singular: a percepção de que, assim como nos bairros nobres não há a presença de rappers, em alguns

¹⁰⁴ Segundo o Mapa da Pobreza, os bairros situados em posição mais crítica nos vários indicadores analisados, com raras exceções, são bairros periféricos. Ao mesmo tempo, a análise dos indicadores indicam dez bairros em melhores condições quanto à moradia e aos serviços: Centro Cívico, São Francisco e Batel com mais pontuação, seguida dos bairros de: Alto da Glória, Centro, Jardim Social, Hugo Lange, Juvevê e Água Verde. Bairros estes identificados como estando circunscritos na porção central da cidade (áreas consideradas nobres).

bairros em situação social mais crítica da cidade também não, como é o caso do bairro Campo de Santana, Ganchinho, São Miguel, Lamenha Pequena e Rivieira, os quais, segundo Mapa da Pobreza, são bairros considerados em situação bastante crítica.

Na própria investigação, alguns atores do rap chegavam a afirmar que “nunca ouviram falar destes bairros”. Porém, a pesquisa não avançou no sentido de tentar entender este fenômeno, porque a intenção era justamente apontar características que pudessem legitimar a ação dos atores a partir do universo que consideram representar, ou seja, a periferia da cidade de Curitiba.

TABELA 06
RAPPERS A PARTIR DO SEXO – 2001 - 2002

TOTAL	HOMENS	MULHERES
153 (100%)	131 (85,62%)	22 (14,37%)

As quarenta bandas de rap selecionadas na pesquisa totalizaram 153 integrantes. Cada banda tem uma média de 4 integrantes. Os atores acreditam que de cada 10 jovens de periferia, 7 “consomem” o Movimento Hip Hop de alguma forma, seja assistindo a seus shows ou comprando CD.

Dos 153 integrantes mapeados, identificamos 85,62% deles do sexo masculino e 14,37% de atores do sexo feminino. Dos integrantes, 68% dos integrantes são negros (pretos e pardos) e 32% brancos. Em média, de cada 10 integrantes, 7 são de negros e 3 são de brancos. A presença masculina é mais incidente os seus integrantes. De cada 10 atores, em média, apenas 1,5 é de mulher.

Ainda com uma pequena presença de mulheres, notaremos que pelo menos 4 bandas são formadas somente por mulheres. São elas: Epideminas, Rima Periférica, Originais do Rap, Conexão Famy Black . Totalizam 10% das bandas.

*Ctba, Ctba o som aqui é Paraná
Sou Rima Periférica e vou me aliar
... O movimento para mim
Não é apenas curtição
Pois em minha mente, ele fez revolução
... Mulherada unida vamos lá
De cabeça erguida sem parar
(Rima Periférica.)*

Para as rappers mulheres, no movimento Hip Hop, o machismo ainda é muito forte. Muitos rappers denunciam, em seu discurso, a crença de que o rap é apenas “coisa de homem”. Segundo as atores, em muitos casos, elas são convidadas em algumas bandas apenas para fazer participação especial em função do seu timbre de voz que acaba por valorizar mais a música.

No mesmo sentido, a rapper, em geral, mais aceita, é aquela que apresenta mais estereótipos masculinos como, por exemplo, as roupas que tendem a imitar uma estética masculina. Elas dificilmente usam saias. São calças largas, tênis, camiseta ou uma *baby-look*¹⁰⁵ também com dizeres sobre o rap: *Rap made in Curitiba*. As meninas negras apresentam penteados *afro*, ou *black power*, trancinhas, etc. As meninas brancas raramente usam o cabelo solto, e estão quase sempre de tranças (duas tranças separando os cabelos). Nas festas de Hip Hop, são raras as apresentações de mulheres no breack, no grafite e no *freestyle* (estilo de rap).

Não há uma grande diferença de enfoque das letras de rap quando as bandas são 100% mulheres. Os rappers homens ou mulheres têm “a questão social” como tema central

¹⁰⁵ Uma espécie de camiseta feminina, mais curta.

de suas letras. São meta-linguagem do rap destacando a importância da *união* entre os integrantes e também a idéia do 4 elementos: rap, break, grafite e D`J. Os temas centrais apresentados pelos rappers masculinos também são observados nestas bandas: drogas, violência, as mazelas da periferia, etc. A única temática problematizada por elas e não encontrada em outras letras de bandas totalmente masculinas é o “machismo”. “Nosso som é diferente, nossa rima consciente, Hip-Hop invade a mente de quem é inteligente. E agora Dj Mylla uns esquech vai fazer, mostrando a você que a mulher tem seu poder...”. (Banda Rima Periférica)¹⁰⁶

A banda Rima Periférica é formada só por mulheres. Na maior parte de suas letras, a banda destaca os conceitos de inteligência e consciência quando se referiu às mulheres. Ao mesmo tempo em que suas letras tendem a valorizar as mulheres e as suas potencialidades, elas também tentam responder a certas críticas feitas pelos rappers masculinos acerca da exposição das mulheres na TV, sobretudo a exposição da “bunda”, mas também a outros comportamentos considerados negativos pelos rappers masculinos, mas que são generalizados a todas as mulheres.

No mesmo sentido, elas também utilizam as letras para denunciar o machismo presente dentro do próprio movimento. Atitudes que segunda elas intentam comprovar a sua “incapacidade” ou mesmo corroborar para a idéia de que o “no rap não é lugar de mulher”.

To aqui vou falar que a mulher é o que há, não quero paga pau, só quero mina de moral, vou falando a real para você que se acha a tal,... Estou cansada de tanto vacilo no RAP ... vou começar a falar na minha rima te mostrar as tretas dos cara que tentam me derrubar, mais a mulher tem capacidade e vai te enfrentar... não responda fique quieto escute com atenção sou mina de atitude e faço parte do povão, se correr o bicho pega se ficar o bicho come o poder não esta todo na mão do homem... Inteligência feminina é o que faz você crescer, mulher com atitude tem todo poder... (Banda: Rima Periférica)¹⁰⁷

¹⁰⁶ Banda “Rima Periférica” . Música: “Ideologia da Rima”.

¹⁰⁷ Banda “Rima periférica” Música: “Inteligência Feminina”.

Ao mesmo tempo, das percentagens por sexo e cor, foi possível observar que 66,4% dos indivíduos do sexo masculino são negros e 33,6% são de brancos. Entre os indivíduos do sexo feminino, os integrantes brancos estão em 22,7% para 77,3% das negras. Assim, tanto entre os indivíduos do sexo masculino e/ou feminino a representatividade negra é maior.

A imagem construída do movimento Hip Hop e dos rappers, segundo as rappers mulheres, é ainda de um espaço masculino, em que os movimentos de break são quase que totalmente realizados por homens. “Fazer estes movimentos não é brincadeira, qualquer descuido, você morre ou fica aleijado”. A imagem é de um mundo de perigos, e por isso masculino, ou seja, para os rappers masculinos “é o mundo da rua, da malandragem, você tem que ser esperto ou é engolido”. “As minas são boas, mas na minha banda só entre homem... rap é coisa de homem”. (Entrevista com rapper masculino)

Muitas das integrantes do sexo feminino sabem que nesta característica de sociedade elas estão menos expostas ao mundo da rua. Ao mundo da violência e do narcotráfico. Ao mesmo tempo, também acreditam que sua pouca representatividade no movimento se dá pelo grau de machismo dos rappers masculinos e pela família:

... porque a maior parte destes manos aqui tem um monte de filho por aí... sabe o MC “x” tem 3 filhos por aí com três mimas diferentes. E onde elas estão? Eu nem conheço... as mulheres que fazem rap ou são solteiras e não têm filho ou são casadas com rappers também... é mais difícil sair de casa à noite, chegar em casa de madrugada ou dormir fora. Se é homem os pais deixam, se é mulher já sabe”. (Entrevista: rapper feminino)

As bandas femininas acreditam que é menos conflituoso trabalhar só com mulheres, porque a disputa por visibilidade é menor. “Se tivesse um homem, certamente ele ia querer

ser o destaque... aqui nós somos o destaque, basta olhar as outras bandas e ver onde as mulheres estão com aquilo tudo de vozerão...” (Entrevista de uma rapper feminino)¹⁰⁸

TABELA 07
RAPPERS A PARTIR DA COR- 2001-2002

TOTAL	NEGROS	BRANCOS
153 (100%)	104 (68%)	49 (32%)

TABELA 08
RAPPERS DO SEXO MASCULINO A PARTIR DA COR- 2001-2002

TOTAL	HOMENS NEGROS	HOMENS BRANCOS
131 (100%)	87 (66,4%)	44 (33,6%)

TABELA 09
RAPPERS DO SEXO FEMININO A PARTIR DA COR- 2001-2002

TOTAL	MULHERES NEGRAS	MULHERES BRANCAS
22 (100%)	17 (77,3%)	05 (22,7%)

No que tange ao grau de escolaridade (conforme tabela 10, 11,12,13 e 14), dos 153 integrantes, 13,07% têm o Ensino Fundamental incompleto¹⁰⁹, estando 100% deles concentrados entre os atores do sexo masculino. Entre os negros, que totalizam 87 integrantes, representam 18,39% daqueles que têm o Ensino Fundamental incompleto e entre os brancos (44 integrantes) representam 9%.

Dos 153 integrantes, 7,84% têm o Ensino Fundamental completo (8 anos de estudos); com 9 anos de estudo temos 13,72% de integrantes. Já no 2º. ano do Ensino Médio (10 anos de estudo) eles representam 17,64% dos integrantes; 5,88% com 11 anos de

¹⁰⁸ Não pretendemos aqui aprofundar este debate, mas contextualizar o machismo presente neste movimento.

¹⁰⁹ Nesta pesquisa não foram identificadas lideranças com menos de 4 anos de estudo. Aqueles que têm o Ensino Fundamental incompleto estão em média na 6ª. Série e 7ª. Série.

estudo; 37,25% deles já terminaram o Ensino Médio e 4,57% estão fazendo o Ensino Superior (TABELA 10). Muitos dos integrantes acreditam que o rap acabou influenciando a sua volta para a escola e a sua permanência.

Nas festas, é possível perceber o elogio que os rappers fazem faculdade. Esse tipo de rapper valoriza a banda: “Esse é mano “J”. O cara sabe falar umas coisas bonitas, ele é um filósofo... precisa ver as letras do cara”. Para os atores, existem letras que são inteligentes, com palavras “difíceis” “que fazem o cara pensar”, o que, segundo eles, desperta o interesse em pesquisar um assunto antes de escrever a letra. Os rappers com pouca instrução são estigmatizados pelos outros. “Dá pra ver na cara que ele não tem nem o primeiro grau”.

... nós estamos fazendo apresentações nas escolas por aí, falando pros aluno que é importante estudar, ficar longe das drogas, respeitar a mãe e o pai, então, mano, a gente tem que dar é exemplo... tem mano que fala, fala mas não qué sabê de ir pra aula... eu quero fazer uma faculdade... (Entrevista: integrante do rap)

Para os próprios atores, muitos dos integrantes voltaram a estudar depois que começaram a fazer rap, sobretudo quando perceberam a importância de escrever uma letra sem erros gramaticais ou mesmo uma letra com “palavras difíceis”. Ao mesmo tempo em que sentem a necessidade de corresponder ao seu discurso ou sabem que poderão ser cobrados por uma prática contraditória.

Dos integrantes do sexo masculino, 15% deles têm o Ensino Fundamental incompleto e 9,16% já o concluíram. A maior parte deles estão entre 9 e 10 anos de estudo e 30,53% têm 11 anos de estudos completos (TABELA 11).

Quando comparados com as mulheres, notaremos que 100% delas já concluíram o Ensino Fundamental e 77,27% delas também já concluíram o Ensino Médio. Um jovem em

situação ideal (sem repetência e evasão), com 10 anos de estudo, teria em média 16 anos. Contudo, apenas 18,95% dos atores, neste estudo, estão entre 16 e 19 anos.

Mesmo com uma grande porcentagem de jovens com mais de 10 anos de estudo, vamos identificar que somente 4,57% deles (7 integrantes) estão cursando o Ensino Superior, sendo que deste montante, 85,71% deles são negros.

No quadro geral dos integrantes negros, 37,25% dos do sexo masculino têm o Ensino Médio completo. Já entre as mulheres negras (17 integrantes), 82,3% delas têm o Ensino Médio completo. Tal observação revela a percepção de uma diferença no grau de escolaridade dos jovens integrantes do rap a partir da idade, mas também a partir da variante sexo e cor. Entre os brancos, por exemplo, os do sexo masculino com o Ensino Médio completo totalizaram 38,63% (17 integrantes) e as do sexo feminino totalizaram 60%.

Quando a comparação é somente entre as mulheres, a incidência de atores com 11 anos de estudo, para as negras, é de 82,3%. Entre as brancas (5 integrantes), 60% delas têm 11 anos de estudo. Entre os homens, os dados respectivos são de 37,25% para os negros e 38,63% para os brancos.

Os dados possibilitaram detectar que, no que diz respeito ao grau de escolaridade, os principais integrantes deste movimento de periferia encontram-se acima da média nacional. Ou seja, a escolaridade média de um jovem negro no Brasil é de 4,2 anos de estudo para 7,4 dos jovens brancos. Com 25 anos de idade, estes jovens correspondem a 6,1 ano de estudo para os negros e 8,4 para os brancos. Somente 3,3% dos negros brasileiros terminam o Ensino Médio (11 anos de estudo), para 12,9% dos brancos. (IPEA-2001)

Não obstante, é curioso observar que algumas dos poucos indivíduos com menor índice de escolaridade (5 e 6 anos de estudo) são identificadas pelo movimento como as lideranças mais representativas dos últimos tempos.

Dado a singularidade dos atores, a maioria deles acredita que o rap deve estar preocupado em levar “a consciência crítica da realidade social dos jovens de periferia e realizar trabalhos sociais”. A letra abaixo é significativa:

... pare de um tempo acorde para realidade Curitiba uma cidade muito linda de se vê 1° lá na ONU, olha só você prestigiada por ser a mais limpa e mais bela, acho que estou sonhando não conhecem a favela, todos bonitinhos, vestidinhos na TV tirando você pra otário curtindo de você desligue a tela e não fique ai parado pois esses aparelhinho tá deixando você quadrado será que você não se toca que esta sendo enganado. (Banda Artivistas MDE: Música Curitiba, o Sorriso é Banguela)

TABELA 10
RAPPERS A PARTIR DO GRAU DE ESCOLARIDADE - 2001-2002

No. Total	153 integrantes	100%
Ens.Fund. Incompl.	20 integrantes	13,07%
Ens. Fund. Compl.	12 integrantes	7,84%
1º. Ano do Ens. Médio	21 integrantes	13,72%
2º. Ano do Ens. Médio	27 integrantes	17,64%
3º. Ano do Ens. Médio	09 integrantes	5,88%
Ensino Médio Compl.	57 integrantes	37,25%
Ens. Superior Incompl	07 integrantes	4,57%

TABELA 11
RAPPERS DO SEXO MASCULINO A PARTIR DO GRAU DE ESCOLARIDADE 2001-2002

No. Total	131 integrantes	100%
Ens.Fund. Incompl.	20 integrantes	15,26%
Ens. Fund. Compl.	12 integrantes	9,16%
1º. Ano do Ens. Médio	21 integrantes	16,03%
2º. Ano do Ens. Médio	26 integrantes	19,84%
3º. Ano do Ens. Médio	06 integrantes	4,58%
Ensino Médio Compl.	40 integrantes	30,53%
Ens. Superior Incompl	06 integrantes	4,58%

TABELA 12

RAPPERS DO SEXO FEMININO A PARTIR DO GRAU DE ESCOLARIDADE - 2001-2002

No. Total	22 integrantes	100%
Ens.Fund. Incompl.	00 integrante	00%
Ens. Fund. Compl.	00 integrante	00%
1º. Ano do Ens. Médio	00 integrante	00%
2º. Ano do Ens. Médio	01 integrante	4,54%
3º. Ano do Ens. Médio	03 integrantes	13,63%
Ensino Médio Compl.	17 integrantes	77,27%
Ens. Superior Incompl	01 integrante	4,54%

TABELA 13

RAPPERS DO SEXO MASCULINO, NEGROS A PARTIR DO GRAU DE ESCOLARIDADE - 2001-2002

No. Total de Homens Negros	87 integrantes	100%
Ens.Fund. Incompl.	16 integrantes	18,39%
Ens. Fund. Compl.	09 integrantes	10,34%
1º. Ano do Ens. Médio	16 integrantes	18,39%
2º. Ano do Ens. Médio	15 integrantes	17,24%
3º. Ano do Ens. Médio	03 integrantes	3,44%
Ensino Médio Compl.	23 integrantes	26,43%
Ens. Superior Incompl	05 integrantes	5,74%

TABELA 14

RAPPERS DO SEXO MASCULINO, BRANCOS, A PARTIR DO GRAU DE ESCOLARIDADE - 2001-2002

No. Total de Homens Brancos	44 integrantes	100%
Ens.Fund. Incompl.	04 integrantes	9,09%
Ens. Fund. Compl.	03 integrantes	6,81%
1º. Ano do Ens. Médio	05 integrantes	11,36%
2º. Ano do Ens. Médio	11 integrantes	25%
3º. Ano do Ens. Médio	03 integrantes	6,81%
Ensino Médio Compl.	17 integrantes	38,63%
Ens. Superior Incompl.	01 integrante	2,27%

TABELA 15

RAPPERS DO SEXO FEMININO, NEGRAS A PARTIR DO GRAU DE ESCOLARIDADE - 2001-2002

No. Total de Homens Negros	17 integrantes	100%
Ens.Fund. Incompl.	00 integrante	00%
Ens. Fund. Compl.	00 integrante	00%
1º. Ano do Ens. Médio	00 integrante	00%
2º. Ano do Ens. Médio	01 integrante	5,88%
3º. Ano do Ens. Médio	03 integrantes	17,64%
Ensino Médio Compl.	14 integrantes	82,3%
Ens. Superior Incompl	01 integrante	5,88%

TABELA 16

RAPPERS DO SEXO FEMININO, BRANCAS A PARTIR DO GRAU DE ESCOLARIDADE - 2001-2002

No. Total de Mulheres Brancas	05 integrantes	100%
Ens.Fund. Incompl.	00 integrante	00%
Ens. Fund. Compl.	00 integrante	00%
1º. Ano do Ens. Médio	00 integrante	00%
2º. Ano do Ens. Médio	00 integrante	00%
3º. Ano do Ens. Médio	02 integrantes	40%
Ensino Médio Compl.	03 integrantes	60%
Ens. Superior Incompl	00 integrante	00%

TABELA 17

RAPPERS A PARTIR DA IDADE - 2001-2002

No. Total	153 integrantes	100%
Entre 16 e 19 anos	29 integrantes	18,95%
Entre 20 e 22 anos	74 integrantes	48,36%
Entre 23 e 26 anos	37 integrantes	24,18%
Mais de 27 anos	13 integrantes	8,49%

TABELA 18

RAPPERS DO SEXO MASCULINO A PARTIR DA IDADE - 2001-2002

No. Total	131	100%
Entre 16 e 19 anos	20	15,26%
Entre 20 e 22 anos	68	51,90%
Entre 23 e 26 anos	31	23,66%
Mais de 27 anos	12	9,16%

TABELA 19
RAPPERS DO SEXO FEMININO E IDADE - 2001-2002

No. Total	22	100%
Entre 16 e 19 anos	09	40,90%
Entre 20 e 22 anos	06	27,27%
Entre 23 e 26 anos	06	27,27%
Mais de 27 anos	01	4,5%

TABELA 20
RAPPERS DO SEXO MASCULINO, BRANCOS A PARTIR DA IDADE 2001-2002

No. Total	44	100%
Entre 16 e 19 anos	05	11,36%
Entre 20 e 22 anos	31	70,45%
Entre 23 e 26 anos	07	15,90%
Mais de 27 anos	01	2,27%

TABELA 21
RAPPERS DO SEXO MASCULINO, NEGROS A PARTIR DA IDADE - 2001-2002

No. Total	87	100%
Entre 16 e 19 anos	15	17,24%
Entre 20 e 22 anos	37	42,52%
Entre 23 e 26 anos	24	27,58%
Mais de 27 anos	11	12,64%

TABELA 22
RAPPERS DO SEXO FEMININO, NEGRAS A PARTIR DA IDADE - 2001-2002

No. Total	17	100%
Entre 16 e 19 anos	05	29,41%
Entre 20 e 22 anos	05	29,41%
Entre 23 e 26 anos	06	35,29%
Mais de 27 anos	01	5,88%

TABELA 23

RAPPERS DO SEXO FEMININO, BRANCOS A PARTIR DA IDADE - 2001-2002

No. Total	05	100%
Entre 16 e 19 anos	04	80%
Entre 20 e 22 anos	01	20%
Entre 23 e 26 anos	00	00%
Mais de 27 anos	00	00%

Ao mapear 153 rappers em Curitiba e Região Metropolitana, observa-se que na sua maioria são jovens: 8,49% de atores com mais de 27 anos de idade; 24,18% entre 23 e 26 anos; 48,36% entre 20 e 22 anos; 18,95% entre 16 e 19 anos de idade (TABELA17) . A maior concentração esteve entre os jovens entre 20 e 22 anos de idade.

Os integrantes do sexo masculino totalizaram 51,90% dos jovens entre 20 e 22 anos. Aqueles entre 16 e 19 anos totalizaram 15,26%. Os de 23 a 26 anos totalizaram 23,66%. Com mais de 27 anos, tivemos 9,16% dos integrantes. (Tabela 18)

Já entre os integrantes do sexo feminino (22 integrantes), a maior concentração de idade esteve entre 16 e 19 anos de idade. Nesta idade, a incidência foi de 40,90%. De 20 a 26 anos, a incidência foi de 27,27%. Apenas 4,5% delas têm mais de 27 anos. (TABELA 19) Quando comparado os integrantes por sexo, observa-se que entre os homens a maior concentração foi entre 20 e 22 anos de idade e entre as mulheres foi entre 16 e 19 anos. É maior a incidência de jovens do sexo masculino com mais de 27 anos, quando comparados às integrantes do sexo feminino.

Dos rappers do sexo masculino e brancos, a maior concentração de idade esteve na faixa de 20 a 22 anos, com 70% de incidência. Com mais de 27 anos apenas 2,2%. Entre 16 e 19 anos, 11,36%, e entre 23 e 26 anos, 15,90%. (TABELA 20) Entre os integrantes do sexo masculino e negros existiu uma característica diferente na incidência na concentração

de idades: apenas 17,24% dos integrantes negros estão entre 16 e 19 anos; 42,52% estão entre 20 e 22 anos; 27,58% estão entre 23 e 26 anos e 12,64% com mais de 27 anos.

Neste caso, quando comparamos os integrantes do sexo masculino por cor, notamos que os jovens brancos estão mais concentrados entre 20 e 22 anos (70%). Os negros nesta idade totalizam apenas 42,52% dos integrantes. Contudo, entre os negros, não é possível afirmar que existiu uma grande concentração de integrantes numa só idade. Entre os integrantes negros existiu uma maior divisão dos integrantes por idade. Os integrantes mais jovens (16 e 19 anos) totalizaram 17,24% para 12,64% dos integrantes com mais de 27 anos. Entre os brancos, por exemplo, existiu apenas um integrante com mais de 27 anos.

Entre os integrantes negros do sexo feminino também não foi possível afirmar que existe uma idade com maior concentração de integrantes. Entre 16 e 22 anos a incidência foi de 29,41%, entre 23 e 26 anos foi de 35,29% e 5,88% com mais de 27 anos. (TABELA 22)

Dos integrantes brancos do sexo feminino, ao contrário dos integrantes negros do sexo feminino, existiu uma concentração de idade: 80% delas estão entre 16 e 19 anos e 20% entre 20 e 22 anos. Porém, foi possível identificar a inexistência de integrantes com mais de 22 anos. (TABELA 23)

TABELA 24
No. DE CD GRAVADOS POR BANDAS -2001-2002

No. Total de bandas	40	100%
Bandas com CD gravado	08	20%

Das 40 bandas analisadas nos últimos dois anos, nós só identificamos duas coletâneas, *Som de CTBA*, com diversas bandas da cidade. Além disso, a *Banda Konflito*,

Artistas MDE David Black, Comunidade Racional, Pensamentos Reais, Distúrbio, FMA-Forte Mente Armados, 12ABA (Bazeado). O Grupo Mocambo e o Grupo Consciência Suburbana prometeram lançar o seu CD em agosto de 2003. Identificamos, portanto, 08 bandas com CD gravado e 2 coletâneas com várias bandas.

Três bandas apresentam mais qualidade na gravação, as outras gravaram CD,s de forma mais artesanal, com pequena quantidade de exemplares. Muitas vezes são vendidos por eles mesmos a preço de custo. Identificamos aproximadamente quatro lojas da cidade que têm disponibilizado os CD,S dos rappers de Curitiba e Região Metropolitana.

Em Curitiba, segundo os atores, “ninguém vive de rap”. Todos eles precisam trabalhar em outras funções para conseguir sobreviver.

3.1.2. Projetos sociais na Cidade

Os integrantes do rap desenvolvem vários projetos nas cidades. O *Hip Hop contra o frio e contra fome* acontece a cada 15 dias. No final da primeira quinzena, o show terá o propósito de arrecadar agasalhos em troca de ingressos para assistir aos shows de rap. Quinze dias depois, acontece o show com a finalidade de arrecadar alimentos. Os agasalhos e alimentos são encaminhados para associação de moradores e igrejas, ou os próprios integrantes vão até as favelas entregar os agasalhos e alimentos. Este projeto acontece o ano todo, sem fins lucrativos e sem apoio partidário; *Reiventando através da arte*”, oficina de break (expressão corporal e danças) para meninos de rua, objetiva resgatar a auto-estima e valorização do corpo; *Projeto Hip Hop nas escolas municipais e estaduais* são encontros nos finais de semana de Rap com intuito de propiciar lazer aos jovens e ao mesmo tempo levar conscientização através de debates referentes aos

problemas da comunidade; *Hip Hop no combate a violência racial* integrantes realizam oficinas e encontros periódicos com entidades do movimento negro organizado e trabalhos de parceria com a intenção de fomentar estratégias de combate ao racismo. Os integrantes do *Projeto Hip Hop e Movimento Popular* realizam trabalhos de parceria também com a CMP- Central dos Movimentos Populares, MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Sindicatos, etc. Os integrantes do *Projeto Hip Hop nos Presídios* fazem apresentações e dialogam com os detentos. O *Projeto Hip Hop: Cultura da Cidadania* é um projeto de parceria com a Ordem dos Advogados do Brasil do Paraná. Este último projeto, por exemplo, pretendeu integrar um conjunto de entidades governamentais e não governamentais com a finalidade de promover o movimento Hip Hop de Curitiba e Região Metropolitana.

A justificativa para esta iniciativa levou em conta a identificação deste movimento com práticas culturais juvenis de ações de valorização da vida, da cultura e da cidadania através de sua arte, uma vez que foi identificada, neste movimento, a possibilidade de intervenção na cidade no que diz respeito ao combate à violência física, às drogas, o alcoolismo, a discriminação racial e exclusão social. São veiculados elementos de auto-estima e a representação da realidade sofrida pela população empobrecida de periferia. Os integrantes também ainda veiculam informações nas periferias de temas como direitos humanos e cidadania. Levam mensagens de paz e de solidariedade.

Os indivíduos pesquisados crêem que suas estratégias de ação contribuem com a sociedade em dois sentidos: o primeiro, quando através das letras das músicas levam consciência política; os segundo, quando proporcionam entretenimento.

Eles acreditam que são porta-vozes da periferia e devem levar informação, contrapondo-se aos meios de comunicação. Estas informações devem mobilizar toda a cidade “mostrando o que a TV não mostra”:

O nosso Júri tem a responsabilidade de levar informação pros 4 cantos da cidade. Rima. Esta é a nossa proposta. Chegando e relatando o que tv não mostra. (Banda J. A C – Júris de Atitude e Consciência .Música CIC) ¹¹⁰

Para os integrantes da Banda “Plena Atitude”,

o objetivo da música é fazer com que as pessoas possam identificar no contexto da narração, fazendo com que tenha uma nova leitura do cotidiano e da vida que os cercam para que passam a partir da descoberta repensar as suas atitudes e possam ter “Plena Atitude” sobre seus atos.

3.1.3. As festas

Acontecem vários shows na cidade durante os dias de semana e final de semana. Alguns deles são individuais, na sua maior acontecendo em escolas, associação de moradores, faculdades e universidades. Outros shows são de projetos específicos de que as bandas participam.

Contudo, primamos em observar, principalmente, os shows que aconteceram nas grandes periferias da cidade, aglutinando várias bandas. Shows estes que mobilizam rapidamente centenas e/ou milhares de jovens.

Normalmente escolhe-se uma cancha de futebol no bairro para acontecer os shows. A divulgação se dá por “pequenos panfletos” anunciando as bandas que vão tocar naquele dia. Além dos *raperrs*, os grafiteiros e os dançarinos de *Breck* ajudam a animar a festa.

Enquanto as bandas de rap vão fazendo o rodízio para suas apresentações, os B.Boys podem estar dançando (por vezes há mais de uma roda de dançarinos), os grafiteiros estão

¹¹⁰ CIC – Cidade Industrial de Curitiba.

pintando em pequenos pedaços de madeira e alguns indivíduos que praticam o *freestyle*¹¹¹ estão fazendo o repente, e por vezes existe ainda a presença de sketistas. Todos compoem o mesmo espaço e fazendo parte da mesma festa

Entre tudo isso, existe ainda uma grande quantidade de jovens que fazem um cerco em volta do palco dos rappers e ficam ouvindo as letras, muito mais do que mexendo seus corpos com o ritmo proposto pelo D`j. Alguns deles ficam sentados no chão, observando e cantando as letras durante todo o show, que normalmente dura umas quatro horas. Curiosamente, o rap, entre os outros elementos, acaba por atrair o maior número de indivíduos de uma determinada festa. Mesmo sem CD gravado, a maioria dos integrantes dos shows conhece minimamente as letras de músicas. É um tráfego dentro da periferia sem o auxílio da indústria cultural.

A surpresa encontrada também nestas festas era a quantidade de novas bandas de rap a cada show. Bandas que se dividiam, bandas que não tinham sido convidadas para uma determinada festa ou ainda bandas que mudavam de nome. Em cada show, em geral, eram reconhecidas entre 5 e 10 novas bandas.¹¹²

A maior parte do público destas festas é de jovens do sexo masculino e negros. Na cidade de Curitiba, parece se constituir como um dos espaços públicos que maior concentra jovens negros. Os poucos jovens brancos, em geral, tentam imitar uma certa estética negra, do ponto de vista do vestuário, mas sobretudo do penteado. É comum entre os atores o uso tranças, o dread look, black power e uso equetés, bonés e tocas.

¹¹¹ Estilo livre de música que alguns reppers desenvolvem a técnica. Uma espécie de *repente* cantado na hora a partir de um tema escolhido na roda.

¹¹² O clube 1250 e o Studio PB2 foram lugares várias vezes mencionados como um espaço em que teria acontecido muitas festas de Rap, inclusive a vinda dos Racionais MC.

3.1.4. Tendências dentro do Movimento

O Movimento Hip Hop de Curitiba e Região Metropolitana este dividido não explicitamente entre o comando de duas grandes e reconhecidas lideranças: o MC “C”, que representa o Grupo Consciência Suburbana de Almirante Tamandaré, e o MC “W”, do Grupo Artivistas MDE, da Zona Leste de Curitiba (Centenário).

Ambos têm como característica marcante a liderança não só de seus grupos, mas também carregam com eles mais de uma dezena de outros grupos que fazem parte dos grupos selecionados nesta pesquisa.

Os atores chegam a afirmar que “minha banca”¹¹³ é mais do grupo do “C” ou é “mais do grupo do “W”. Ser do grupo do MC “C” ou do MC “W” significa para muitos a possibilidade de inclusão no Movimento e/ou se beneficiar de projetos que as duas lideranças conseguem a partir de seu renome na Cidade e na Região.

Mesmo que as lideranças neguem, são comuns casos em que o convite seja feito para um grupo de uma tendência e, daquele show, possivelmente os grupos da outras tendências nem ficarão sabendo.

Entretanto, não foram identificadas diferenças significativas nas ações das duas lideranças no que concerne ao movimento e seus objetivos. O exercício da relação de poder se dá, sobretudo, em função de um reconhecimento público e principalmente dos meios de comunicação. A credibilidade na liderança é o que move as outras bandas ao seu apoio.

É possível identificar que “discursos e/ou frases completas” ditas pelo MC “C” ou pelo MC “W” acabam sendo constantemente repetidos por lideranças de outros grupos, assim como se percebe, inclusive, a utilização destes discursos em letras de música – como

¹¹³ Banca é entendida como a “união dos integrantes de bandas”.

no seguinte exemplo: “Ser do Hip Hop é uma coisa, ser militante é outra coisa. Rebolar é coisa de mulher.” “O Hip Hop tá na minha veia”.

Este é um perfil de frase que foi apreendida pelas lideranças. Frases que num primeiro momento atentam para a importância da militância no seio do movimento, ou seja, ter *atitude e consciência*, mas apresenta características também de um certo modelo de comportamento do corpo no que concerne à sua movimentação, mas também, alerta para a observação do fenômeno da masculinização dos indivíduos como princípio do movimento¹¹⁴.

3.1. 5. Os estilos de Rap

No movimento Hip Hop é possível perceber a existência de vários estilos. No caso curitibano, o rap *gospel* não foi analisado. Neste estilo, os rappers, em suas letras e mensagens, tratam, normalmente, de questões relacionadas a mudanças e transformações das realidades sociais da vida dos indivíduos através da fé, da crença, principalmente em Jesus Cristo. Em geral os integrantes da banda pertencem a uma determinada religião cristã.

O rap *gangsta* se apresenta como um estilo considerado machista, suas letras, em geral, falam de mulheres e luxo. O termo *gangsta* é utilizado para designar temas que envolvem gangues rivais, drogas, brigas entre grupos ou integrantes.

*Periferia favela tipo Rap gangstar
Um som de protesto para conscientizar
Provar que na nossa quebrada não é só miséria
Atitude aqui não falta a irmandade prevalece
Uns manos da responsa alguns do sobe e desce
Mas a maioria esta do lado certo.
(...) Colombo quebrada embaçada visão engano
Polícia desce o morro pra buscar a cota da semana*

¹¹⁴ Este debate será apresentado posteriormente.

Já em Curitiba, aqui a categoria utilizada não é rap *gangsta*, é rap *realista* ou rap *protesto*.¹¹⁵ Porém, apesar de algumas letras machistas e outras que falam de drogas, não identificamos letras que fazem provocações a “*gangues*” ou brigas entre grupos ou integrantes do rap, entretanto, várias são as letras que destacam atuações da polícia, consideradas, pelos autores, como “um grande problema da cidade e da periferia”. Em geral, há uma descrença quase que total na atuação da polícia. Segundo os autores, “a polícia é o mal”, “é o pior bandido”. Costumam repetir uma rima cantada pela Banda Artivistas MDE que compara a polícia ao crack e à cocaína: *Polícia, pedra e pó, três porcarias, uma droga só.*

... a policia bandida já está na área o abuso da autoridade são suas marcas registradas preste atenção meu irmão não vacile na favela se você trombar coma policia “bum você já era” não vacile na favela por que aqui é coisa séria não abuse dos vacilos por que se não o bicho pega toma cuidado na quebrada por que lá vem os “Home” com a cede de morte estampada no rosto desrespeitando todas as leis que protege o nosso povo enquadrando todo mundo sem ter motivo nenhum espancar trabalhador para eles é comum esses porcos fardados já estão acostumados quando chegam na favela é só tiro pra todos os lados e não se importam se tem familia na hora do tiroteio se crianças estiver no meio bom eles atiram (vixe já era mano). (Banda: Conexão Family Black. -Música : As 3 Fases)

O estilo *Hardcore rap* enfatiza as mensagens políticas dirigidas à comunidade negra como “Public Enemy”. São letras faladas em vez de cantadas. Este estilo também não foi reconhecido em Curitiba. Já o estilo “rap feminista” foi identificado entre alguns grupos: são vocalistas femininas que enfatizam a solidariedade entre os homens e o poder da mulher.

¹¹⁵ Para os rappers do estilo *underground*, este é o rap sanguinário ou pessimista. Ou ainda o rap dos “*drão*” (rap de ladrão).

O estilo *Freestyle* foi identificado em nossa pesquisa. É um estilo livre; segundo os atores, teria surgido antes mesmo do rap. É caracterizado pela improvisação das palavras nas frases cantadas de acordo com um tema escolhido na hora ou ainda um tema livre numa mesma roda de integrantes. Nesta roda, é possível encontrar um público diversificado de indivíduos que compareceram ao show de rap. Neste momento, alguns rappers que detêm a técnica podem fazer uma letra que dura até trinta minutos em qualquer instante na hora do show sobre assuntos variados. Não há possibilidade de uma letra ser idêntica à outra, ou mesmo parecida, ainda que cantada pelo mesmo indivíduo. A rima é feita na hora com milésimos de segundos para conectar o tema à frase rimada.

Funciona como uma espécie de repente. Muitas vezes existe uma “batalha” entre dois, três ou mais candidatos. A batalha consiste em eliminar o rival, na medida em que este se atrapalha no assunto em roda, ou gagueja, ou ainda não consegue fazer a rima na frase cantada. O improvisador não pode fugir do assunto do tema em batalha. Os assuntos são os mais variados, como globalização, política, imperialismo, vandalismo, o movimento Hip Hop, mulher, droga, futebol, etc. O melhor improvisador é aquele que “faz a rima mais inteligente”, com “palavras difíceis”, o que “demonstra um raciocínio rápido e possibilita que a roda aprenda coisas novas”. Alguns integrantes de bandas não consagrados com o Rap, conseguem reconhecimento público graças ao *Freestyle* que apresentam nas festas. A intenção é animar a festa.

Identificamos ainda o estilo *Underground* (originário de São Paulo), com letras variadas, falando de vários temas com outros vieses de análise da realidade social. Ou seja, ao invés de falar da periferia, de suas mazelas cotidianas, estão preferindo falar de alternativas de conhecimento e informações que poderão, de fato, influenciar na mudança de seu espaço geográfico. Este tipo de rap é identificado por alguns atores como “rap

inteligente” porque existe uma pesquisa anteriormente acerca das palavras, assim como uma preocupação de aumentar o vocabulário dos seus ouvintes; para isso utilizam as mesmas idéias com palavras diferenciadas que parecem exigir um maior conhecimento lingüístico.

Este novo estilo parte do entendimento de que o rap é um estilo de música popular que deve ser cantada em qualquer lugar, qualquer espaço. Não depende necessariamente de uma gravadora. Podem gravar em casa 100 CD's sem ajuda alheia. É uma reunião entre os próprios integrantes da banda. É um CD totalmente independente.

A intenção deste estilo parece ser alcançar o reconhecimento como músico e não somente como um rappers. Este também é um estilo que sofreu influência de São Paulo. Pretende atrair um público diversificado de indivíduos com Ensino Médio e Ensino Superior. Este estilo parece, segundo os atores, chamar mais atenção de um público com mais capital cultural. De entendimento sociológico e crítico.

Este estilo não atrai necessariamente os indivíduos de periferia. Os jovens de periferia parecem sentir-se mais atraídos por letras mais realistas, que falam da criminalidade, de drogas, de polícia.

Em alguns shows acontecem peças de teatro durante a apresentação. Os shows são diversão. Os integrantes não aparentam ter cara de “mau”. Não aparentam revolta. A intenção é expor o conhecimento musical numa batida de rap. Algumas bandas de rap também cantam reggae durante o mesmo show.

O *rap underground* é mais aceito entre os jovens menos excluídos socialmente. A preocupação com a realidade social existe, mas parece ser mais camuflada. Não é a preocupação principal. Mas fazem show contra a fome e contra o frio sem cobrar nada. Mas se houver possibilidade de serem ressarcidos, eles não reconhecem como antiético.

Em Curitiba parece ter aproximadamente 15 bandas em toda a cidade.¹¹⁶ Contudo, nosso estudo mapeou somente 9 bandas *underground*, o que representou 22,2% do total das bandas analisadas. São elas: A.D. R- Carbono X; Auradiel; Comunidade Racional; FD- Família Dragão; Konflito; Mocambo; Sub Versível; Universo Metafórico; Voz Ativa e Dozeaba. Destas 9 bandas, curiosamente, somente 3 bandas têm origem totalmente *underground*. A Banda A.D. R- Carbono X era caracterizada como rap *realista* até 2001. A Auradiel tem um rap entendido pelos atores como *futurista*, identificada na pesquisa como *underground*, fora do estilo *realista* até 2001; a Banda Comunidade Racional era também do estilo *realista* até 2000. A Banda Mocambo pertenceu ao rap *realista* até 2001, assim como a Banda Dozeaba. A Banda Universo Metafórico como estilo *underground* passou a existir somente em 2001. Antes a Banda se chamava RÉU -Respeito é União com um estilo *realista*. Somente as Bandas FD- Família Dragão; Konflito e Sub Versível são bandas originalmente *underground*.

O crescimento deste estilo aconteceu principalmente a partir do ano de 2001. Ou seja, do total geral de 40 bandas analisadas nesta pesquisa, 15% delas eram do rap *realista* e migraram para o estilo *underground*, e somente 7,5% originalmente são *underground*.¹¹⁷

Para os *underground*, os integrantes do rap *realista* ou de *protesto*, entendida por eles como um rap *sanguinário* ou *pessimista* (*rap de ladrão*), mostram sua “revolta” contra o “sistema” nas letras, e muitos deles chegam a vivenciar no seu cotidiano esta realidade

¹¹⁶ Em geral eles estão em festas consideradas mais “eletizadas”, ou seja, com um público com mais poder aquisitivo. Seria uma fricção dentro da periferia. Neste sentido, para os *underground* existiria a balada dos “manos”, que seriam os “favelados”. Já para os rappers de “protesto”, a outra balada seria a dos “boys”, identificados como os do “sub-mundo” da periferia. Ser reconhecido como um “sub-mundo” da periferia significa para os atores do Rap “protesto” ser identificado como uma espécie de traidor da periferia, porque credibilizam ao rap somente a característica de protesto. O rap *underground* é uma espécie de estilo marginal no interior do espaço de rua na periferia.

¹¹⁷ A observação da aceitação deste estilo de rap se dá porque não necessariamente ele discute a realidade social e por atrair um público menos “excluído” (favelado). É relevante observar em pesquisas posteriores, dada a conjuntura social e política da cidade de Curitiba, se haverá um crescimento maior deste estilo e o decréscimo do estilo *realista* ou vice-versa.

demonstrada na letra. A revolta é manifestada na letra, mas também na aparência dos MC,S, que normalmente se apresentam com uma “feição fechada , raivosa e olhar sinistro, seus gestos refletem por vezes um indivíduo apontando uma arma com ambas mãos, ora dando socos, simbolizando uma briga e ora também gestos de esperança”.

Seus gestos também simulam o uso de drogas, e em alguns de seus discursos, eles “idolotram o cara que já foi bandido, e que já foi preso”¹¹⁸. Mostram-se pouco afetuosos e pouco sorridentes. As mulheres do estilo *realista*, por exemplo, para os atores *underground*, tentam imitar os seus líderes e suas roupas são as mais masculinizadas possíveis. Dificilmente as mulheres usam saias.¹¹⁹

3.1.6. As gírias e os apelidos

Por vezes, a necessidade parece ser a da existência de um dicionário da rap Curitibano. Mas a probabilidade diminui na medida em que as gírias são alteradas rapidamente em muito pouco tempo. Os integrantes têm a capacidade de criar novos símbolos lingüísticos para traduzir a sua realidade.

Esta é uma característica bastante comum nas “tribos urbanas”. Uma espécie de linguagem própria com códigos internos aos integrantes do grupo. Dentre várias, poderíamos traduzir o que venha ser a “polícia” para muitos integrantes: *Naca, Cana, Zome, Os Porco*.

Uma característica singular da cidade é uma espécie de gíria, em que as palavras são pronunciadas ao contrário. Por exemplo, a palavra “Rone”, polícia especializada, é reconhecida entre os integrantes como “*Nerro*”. Polícia é o mesmo que “*Cialipo*”. Alguns integrantes conseguem estabelecer diálogos demorados, entre eles, sendo que as frases são todas ditas ao contrário. Porém, não é muito comum, porque “exige muito raciocínio e

¹¹⁸ Estas observações já se tornaram tema de estudos (em São Paulo) acerca do Movimento Hip Hop e a apologia ao crime e à violência.

¹¹⁹ Informações obtidas em entrevistas no final de 2002.

exercício”. No entanto, numa roda de integrantes do rap, algumas palavras são ditas ao contrário naturalmente, sem que os atores tenham percebido.

Segundo eles, é muito útil nos ônibus, para evitar que as suas conversas sejam entendidas inteiramente. Para o observador, a sensação é de total falta de entendimento da conversa. Mesmo os que já sabem que as palavras estão sendo ditas ao contrário não conseguem traduzir com a mesma velocidade.

Outra característica marcante são os “apelidos” entre os integrantes do Movimento. É bastante provável que em média 70% dos integrantes de bandas investigadas tenham “apelidos”. Em geral, para os atores, os apelidos facilitam a identificação do integrante com a banda¹²⁰. Por exemplo, o apelido *Cachorro Louco* também é reconhecido como *Dog*, além do próprio nome do integrante. Outros apelidos também chamaram atenção: *Anônimo*, *Bidu*, *Tigrão*, *Diferente*, *Grilo*, *Destro-one*, *Cipó*, *Jamaica*, *Pretinho*, *Galax*, *Negro Humilde*, *Finão*, *Bicho Cleber*, *Bronx*, *Dentinho*, *Gordo*, *Popey*, *Macarrão*, *Negro ã*, *Canarinho*, *Coringa*, *DJ Formiga*, *Kanab*, *D.ERRE*, etc. A maior parte das mulheres integrantes do rap não tem apelido.

3.1.7. Vestuário dos rappers

Os indivíduos do sexo masculino apresentam uma característica bastante comum em suas vestimentas: calça larga, camiseta grande, tipo jaquetão, cores diversas. Os rappers do estilo “sanguinário” têm estampas, mais cores, com meta-linguagem ao rap. Os do estilo underground utilizam menos estampas e/ou por vezes alguns não usam roupas largas e

¹²⁰ É pouco comum que um apelido coincida com o apelido de um integrante de outra banda. Entretanto, o reconhecimento do nome do integrante e de como ele é reconhecido no movimento a partir da banda acabou dificultando a agilidade da pesquisa empírica.

grandes. Usam roupas com dizeres norte-americanos. São mais “pancozinho”, no jeito de se vestir e andar. Ou seja, tentam fugir do estigma do estilo sanguinário, que andam “com roupas largadas e sem postura, balançando o corpo pra lá e pra cá”.

Na maioria negros, os rappers utilizam boné ou penteados mais afro. Penteados, trança- raiz, dread, black power, cabeça raspada. As meninas do rap sanguinário preferem faixas e tranças na cabeça e roupas largas, sempre imitando a vestimenta masculina, sempre de tênis com cadarços largos e coloridos. As do rap underground já “ se vestem normal”, ou seja, “calça apertada, blusinha, saia, bota, etc.”; seguem a tendência da moda local. As meninas underground se vestem, segundo os atores, de forma mais feminina.

Conforme nossa observação, a maior parte dos jovens do movimento, sejam do rap sanguinário ou underground, são rapidamente cooptados pelo signo da moda. Apesar de que no discurso eles se apresentam como críticos de roupas e tênis de marca, quase sempre, em suas vestimentas, há elementos que representam certo status econômico, seja a marca do tênis e/ ou a marca da calça e da blusa. Algumas estampas e marcas “renomadas” no mercado são facilmente identificadas e naturalizadas entre os integrantes.

3.1.8. Uso de drogas

*Eu não tenho bola de cristal mas o seu futuro eu posso ver
Com a boca no cachimbo sinto muito vai sofrer.
... E o sistema jogou as drogas pros meus manos se matar
Traficantes nas esquinas nos bar por todo lado
Passando pedra pó e bazeado (Esquadrão Z.O Música :Quebrada do Cantão)*

Por mais que exista um combate explícito a todo tipo de drogas, há uma incidência muito alta entre os jovens participantes dos shows do uso de álcool. A estratégia mais utilizada entre os jovens é o consumo de álcool através de uma mistura chamada “tubão”,

que consiste numa certa quantidade de refrigerante de uma marca mais barata adicionada a uma outra quantidade de cachaça. Há uma troca solidária do “tubão” com os membros de um grupo menor.

Foi identificado também o uso de “cola” de forma bem explícita em muitas festas. Alguns indivíduos carregavam uma espécie de saquinho com cola dentro e ficavam cheirando durante a festa. A maconha é também usada com pouca moderação. Outros tipos de drogas, sobretudo o *crack*, não foram identificados nesta pesquisa. O que identificamos é a existência de uma dura crítica ao uso de *crack*. Estas críticas são muito explicitadas tanto nas letras quanto nos discursos:

Vimos falar da pedra, vimos falar de crack (...) Hoje em dia o crack é fumado em copos de iogurte, latas de cerveja ou de refrigerantes vazias (...) os efeitos são semelhantes aos da cocaína, e dá ao usuário sensações de estiga, em alguns casos se tornam violentos com manias suicidas. O uso contínuo desenvolve um período de agressividade paranóia e depressão profunda, pensamentos reais tá aqui oferecendo ajuda. (...) A utilização de doses elevadas pode causar alterações nos batimentos cardíacos... (...) problemas pulmonares, respiratórios, hipertensão arterial e calafrios, depois não vá dizer que não avisamos... (Banda: Pensamentos Reais - Música: Criptonita)

É oportuno salientar que, por vezes, o nome de uma banda pode refletir uma espécie de opção de estilo das letras de música e também dos discursos dos integrantes da banda. Essa banda, *Pensamentos Reais*, em geral, apresenta um enredo em que suas letras e discursos parecem pressupor uma mínima pesquisa sobre o tema em questão. Este comportamento também é observado em outras bandas. Para o público, estas “são letras inteligentes”.¹²¹

Entretanto, entre os integrantes somente foi identificado o uso de álcool sem pouca moderação. Os rappers acreditam estar quase sempre muito informados sobre algumas drogas, como o “crack” a “maconha” e a “cocaína”, como se evidencia no texto abaixo:

¹²¹ O reconhecimento do público, seja dos discursos e das letras, possibilita não só a maior visibilidade e legitimidade da Banda, mas também das lideranças da banda, assim como uma maior identificação dos atores e público com o movimento Hip Hop.

Eu sei tudo sobre qualquer droga: a cocaína, por exemplo acelera batimento, sensação de poder, aumenta o reflexo... o cara fica noiado. Tá com adrenalina. Sente falta de apetite. Diminui o desejo sexual. A maconha é um tranquilizante, anestesia, dá sonolência, aumenta o apetite. Queima neurônio, diminui a ejaculação... diminui a quantidade de esperma... Por que ela é droga? Se maconha fosse legalizado, sonho de todo pai é que o filho fosse gerente da boca. Já o crack é foda. É um resíduo. É feito de querosene(...).

(Entrevista: Esse rapper durante toda a entrevista fez a defesa do uso da maconha)

A defesa da maconha não foi entendida como um comportamento da maior parte dos atores, pelo contrário, o discurso é de que é “mais do que necessário” evitar qualquer tipo de drogas, inclusive o álcool.

IV -MOVIMENTO HIP-HOP E A APREENSÃO DA IMAGEM DE CAPITAL EUROPÉIA E DA HARMONIA RACIAL

4.1. Movimento Hip Hop e Movimento negro

Até aproximadamente o ano de 2000, o Movimento Negro Organizado de Curitiba não reconhecia ainda a atuação do Movimento Hip Hop .¹²²

O reconhecimento do trabalho deste movimento se deu, visivelmente, no Evento que comemorava os 500 anos de Brasil. Este evento aconteceu em 22 de abril de 2000 no centro da cidade (Boca Maldita), reunindo movimentos sociais e entidades do Movimento Negro de todo o Estado. Mobilizou aproximadamente 3 mil pessoas. Vários ônibus de Curitiba e Região Metropolitana traziam jovens de periferia (rappers, grafiteiros e D,Js) para o Evento, que pretendia mostrar, no dizer dos atores, a “verdadeira história do Brasil”. Os rappers, durante todo o dia, se mantiveram presentes, cantando ou protestando juntamente com o Movimento Negro.

¹²² Até o ano de 2000, existiam as seguintes entidades do Movimento Negro Organizado em Curitiba: ACNAP- Associação Cultural de Negritude e Ação Popular; Instituto de Pesquisa e Cultura Ylu Aiê Odara; GRUCON- Grupo de União e Consciência Negra; MNU- Movimento Negro Unificado; Grupo Arte Negra e o Instituto Afro-brasileiro. Em 2002 foi fundado o IPAD- Instituto de Pesquisa da Afrodescendência.

Entretanto, o ano de 2001 foi um ano mais singular na relação dos rappers com o Movimento Negro porque foi considerado o ano internacional contra o racismo. A cidade sofreu uma espécie de retomada de trabalhos das entidades do Movimento Negro, que mobilizaram os movimentos sociais e organizaram juntamente com a Universidade Federal do Paraná uma Conferência Estadual de Combate ao Racismo, Discriminação Racial e Outras Formas de Intolerância (07 e 08 de julho de 2001). Aconteceu, ainda, uma outra conferência Regional em Florianópolis naquele mesmo ano.

Estes dois momentos históricos na cidade foram os mais importantes na identificação de trabalhos de parceria dos dois movimentos. Vários rappers de Curitiba e Região Metropolitana estiveram presentes. Nesta ocasião, vários documentos e material publicitário foram confeccionados para dar visibilidade à situação de racismo presente no país e no Estado.

Neste período, nota-se um discurso também diferenciado por parte das organizações negras do Estado, que levantam, como bandeiras centrais para diminuição do racismo, as políticas de inclusão reconhecidas como “ações afirmativas” nos vários segmentos sociais: educação, ensino superior, mercado de trabalho, saúde, etc.

Percebe-se que mesmo com uma participação bastante tímida, não em número de integrantes, mas nas intervenções, os rappers e as rappers majoritariamente negros participaram como sujeitos desta história enquanto movimento que se pretendia combater também o racismo na sociedade paranaense.

Nestas conferências, vários temas foram debatidos, como: negro e mídia; negro e violência; negro e educação; negro e políticas de cotas; mas também acerca da invisibilidade do negro no Paraná.

Nesta fase de 2001, notamos uma certa identificação do Movimento Hip Hop com o Movimento Negro de Curitiba e/ou com integrantes do Movimento Negro. Em novembro de 2001 (Dia Nacional da Consciência Negra), por exemplo, o Movimento Hip Hop realizou uma grande festa show na Rua XV, mobilizando aproximadamente 2 mil pessoas, na sua maioria negros de periferia. Ainda em 2002, eles estiveram novamente na organização e participação do *20 de Novembro*, desta vez sem a participação integrada do Movimento Negro.

Para o Movimento Hip Hop, os momentos em que o Movimento Negro esteve presente foram muito importantes. No entanto, para eles, no *20 de Novembro* de 2002 aconteceu uma ruptura na parceria com Movimento Negro. Neste ano, eles organizaram e participaram sozinhos do Evento do dia Nacional da consciência Negra. A alegação dos rappers é que não houve por parte do Movimento Negro uma priorização do assunto. Ou seja: “O Movimento Negro não assumiu o *20 de Novembro* de 2002 juntamente com o Movimento Hip Hop”.

Já com relação ao Evento da Comemoração dos 500 anos (2000), eles acreditam que foram os principais protagonistas. “Nós seguramos a festa, mas quem levou a fama e os louros foi o movimento negro”, do mesmo jeito que o *20 de Novembro de 2001*, em que os jornais, segundo eles, só positivaram a presença do Movimento Negro, sem falar do movimento Hip Hop. “ Nós nos sentimos usados, movimento negro é uma coisa, hip hop é outra coisa, nós queremos andar com as nossas próprias pernas”.

A crença dos atores rappers, após o evento de 2002, era de que o Movimento Hip Hop era também um movimento social que tinha, como bandeira de luta, o combate ao racismo. No entanto, após várias reuniões entre os integrantes, eles optaram por ter uma atuação mais autônoma em relação ao Movimento Negro.

Portanto, diferentemente das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, em que muitas entidades do Movimento Negro estabeleceram relações de trabalhos de parcerias em eventos, mas também em estratégias de combate ao racismo com o Movimento Hip Hop, em Curitiba, este comportamento não se deu nos mesmos moldes. O que possibilitaria, naquelas cidades, em muitos casos, que as lideranças do movimento Hip Hop pudessem e podem ter mais possibilidade de formação acerca da realidade do racismo brasileiro.

Esta pequena contextualização histórica foi pertinente, nesta análise, porque possibilita suscitar algumas questões acerca do real motivo da não atuação concreta do Movimento Negro com o movimento Hip Hop, que é um movimento de negros¹²³, mas também atenta para a percepção de que para os atores do rap, o movimento Hip Hop não só não se reconhece como um movimento negro, como também não se reconhece como um movimento de negros. Se reconhecem como jovens pobres de periferia. Ou seja, discriminados por serem pobres.

4.2. Movimentos Social e Movimento Hip Hop

Estamos aí pra tentar uma revolução, que não é armada terrorista ou radical, mas sim uma revolução de paz, igualdade, melhores direitos e o verdadeiro respeito. A nossa revolução é pelos direitos do povão, é através das palavras, por onde vamos começar a revolucionar através dos seus filhos que largaram as tretas (brigas), as drogas, a violência e o crime para se unir com vários irmãos para irem se conscientizar; levar a cultura para dentro do seu lar.

Revolução através das palavras é o contra ataque contra o sistema, “temos que exigir nossos direitos e não podemos esperar de braços cruzados e vamos mostrar para eles que a voz do povo, eles não pode calar. (Entrevista: Banda ERRE AP)

A idéia de movimento social procura demonstrar a existência, no centro de cada tipo de sociedade, de um conflito central nesta sociedade. TOURAINE (1997) entende como

¹²³ O estudo não analisou a atuação do Movimento Negro em Curitiba. Este debate poderá suscitar uma outra pesquisa acerca de uma possível fragilidade do Movimento Negro em Curitiba no que diz respeito à sua organização, mas também pela falta de quadros de formação.

sendo “o conflito que conduz um Sujeito em luta, por um lado, contra o triunfo do mercado e das técnicas, por outro, contra poderes comunitários autoritários”. Ou seja, o sujeito só se constitui através de sua luta, por um lado, contra a lógica dos mercados, por outro, contra a lógica do poder comunitário. Assim, o “movimento social é muito mais que um grupo de interesses ou um instrumento de pressão política; ele põe em causa o modo de utilização social de recursos e de modelos culturais”.¹²⁴ O conflito de classe ou étnico estará subordinado a uma ação e consciência vinda do exterior que contrapõe aos “princípios de igualdade”¹²⁵, podendo ser movido principalmente pelos projetos políticos dos dirigentes.

O movimento Hip Hop de Curitiba, a partir dos discursos e letras, está inspirado não só pela fronteira “periferia versus centro”, pelo conceito de desigualdade social (pobreza versus riqueza), mas também pela procura de soluções individuais e expectativa de promoção do “sistema”. As letras ou os seus discursos pretendem desencadear características e atitudes “semelhantes” entre os atores, nas formas de ação social destes indivíduos na cidade. Assim como possibilita, em alguns casos, interferir na opção de consumo dos atores. Por exemplo: não consumir algumas marcas e estilos de música, não consumir drogas, porém valorizar o trabalho e o estudo, etc.

A palavra é entendida como uma das mais eficazes armas para lutar “contra o sistema” que, na compreensão dos atores, “oprime, que nos mata e que não garante nossos direitos”. Quanto a isso, a letra da banda Mocambo é exemplar:

... som de Curitiba chegando... o sistema tenta nos parar,...) enquanto isso criamos forças e não paramos de crescer revolução hip hop que chega da periferia/ realidade é triste morte sangue tiro porra gangsteria, falsário na fita, policia embaçando. Esse cenário que sai Mocambo e, não chegamos para alegrar, mas sim para falar a realidade/ (...) mando em nada. Meu poder é minha fala agindo, nervoso som venenoso, sigo na reta (...) Venho de Curitiba venho do Sul do Brasil da Zona Norte Pilarzinho andando na frente abrindo caminho. (...) Fatores determinantes, tipo indignado com tudo o que eu vejo, com tudo o que acontece. Periferia Curitiba sangue na manchete

¹²⁴ TOURAINE, 1997:128

¹²⁵ TOURAINE, 1997: 128

(...) *porra nenhuma de melhoria infra-estrutura zero na periferia (...) Na palavra eu manifesto um som de protesto. (...) esse é o esquema alvo na mira, detona o sistema...* (Banda Mocambo Música: MCB Estilo)

O sentimento de pertencimento ao Movimento possibilita, em vários atores, a apreensão de algumas normas sociais que integram estes indivíduos num espaço social próprio – o do Movimento. Assim existe um certo “controle” das práticas sociais dos atores que se consideram integrantes do Movimento. Há um entendimento de que o não cumprimento de algumas regras corroboram para que a sociedade tenha uma idéia equivocada ou falseada do Movimento. O desafio é conscientizar os *simpatizantes*¹²⁶ do Movimento que se auto-determinam como *militantes*. Um militante, por exemplo, “não usa crack, tem atitude e trabalha em prol do social, lutando contra o sistema”, assim, no entendimento de um rapper “ser do Hip Hop é uma coisa, ser militante é outra coisa. Rebolar é coisa de mulher”.¹²⁷

Destes fenômenos urbanos, como o Movimento Hip Hop, Augusto S. SILVA (2002), ao analisar o crescimento das cidades, considerou que este processo tenha se dado às custas do gradual esvaziamento sociocultural dos centros das cidades e do alargamento das suas periferias e subúrbios, arrastou consigo renovados receios sobre virtudes da vida e da cultura urbana. Nas palavras do autor, “os centros das cidades, em vez de traduzirem, de modo permanente, a heterogeneidade e a diversidade da cidade, tornaram-se socialmente mais homogêneos e mais ou menos regulares, de turistas e de residentes suburbanos”.¹²⁸

¹²⁶ Para os rappers, existem os simpatizantes e os militantes do Movimento. Militante é o ativista, é reconhecido como aquele que tem “o rap na veia”. O simpatizante apenas curte o som, mas não é ativista.

¹²⁷ A frase sugerida pelo rapper atenta para a importância das atitudes que devem ser tomadas pelas lideranças. Contudo, seu discurso também revelou ambigüidades, mesmo se auto-considerando como um militante convicto do movimento. Isso pôde ser observado quando ele pressupôs que somente as mulheres poderiam “balançar o quadril”. O próprio termo Hip Hop significa “balançar os quadris”. Além de várias letras machistas, é relevante observar um certo grau de homofobia também nos discursos das lideranças, sobretudo do sexo masculino.

¹²⁸ Silva, Santos: 2002:423.

Os integrantes deste movimento (Hip Hop), ao se considerarem como sendo “porta-vozes da periferia”, dos subúrbios, acreditam estar revelando a “verdadeira realidade social da cidade”, na medida em que traduzem, em seus discursos e letras, as condições sociais e raciais dos indivíduos que, do “outro lado” da cidade, são segregados espacialmente e racialmente, como sugere a música:

(...) Que beleza estou deslumbrado a Rua da Cidadania, Projeto estruturado muitas vilas tão jogadas aos trapos, Osternak invasão, Chapinhal e Camargo, Trindade, São Domingos, Agrícola, Centenário de um pulo aqui na vila buraco em cima de buraco, valeta a céu aberto, berçário de rato isso é real então se ligue nesse fato, um projetinho sem vergonha que fizeram no colégio feito pra classe baixa te privilégio a doença aqui é outra não é esse o remédio só fizeram tudo isso pra se engrandecer ainda chamam aquela merda de Farolzinho do Saber, saber o que escute eles tirando você hê, hê, hê, he... (...) Curitiba vou te conta o sorriso é banguela só te mostram coisas bonitas não te mostram a favela ...
(Banda Artivistas MDE. Música: Curitiba o Sorriso é Banguela)

A Banda Artivistas MDE, nesta letra, destaca também os bairros com maior percentual de exclusão social na cidade, assim como alguns projetos realizados pela Prefeitura Municipal que, para os atores, não foram eficazes, pois, segundo os rappers, a “doença” anunciada pelo poder local é quase sempre *outra*, por isso a periferia precisa de *outro remédio*.¹²⁹

Várias são as letras e discursos que traduzem a realidade da cidade. Elas revelam que “o desenrolar dramático da vida urbana tem vindo a ficar pra trás e o espaço público urbano tradicional, lugar de ações e interações significantes”. (S.SILVA, 2002)

Como se vê as representações construídas acerca da cidade de Curitiba são ambíguas, quando comparadas ao sentimento de pertencimento de uma determinada coletividade que imagina pertencer a um determinado território específico com demandas específicas não representada nas imagens existentes. No entanto, para D’ADESKI, é pertinente atentar para a percepção de que o espaço de pertencimento não necessariamente se apresenta como o espaço de referência - espaços de modalizações positivas ou negativas, espaços de valorização e

¹²⁹ As metáforas “doença”, “remédio” e “cura” são muito utilizados pelos rappers para retratar a sociedade curitibana, seja em letras ou em discursos. Tais expressões são identificadas em Émile DURKHEIM: 1990 ao caracterizar a “sociedade” como um “corpo humano”.

desvalorização do espaço de pertencimento – pelo qual os indivíduos podem relacionar um território próprio a uma coletividade.¹³⁰ Assim, para D' ADESKI,

o espaço como configuração e locais identitários pode revelar, entre os grupos presentes, relações desiguais provenientes de disparidades socioeconômicas. É por isso que a representação de espaço desenvolvido se projeta no espaço da periferia urbana. Ele se descobre como imitação, como desejo de ser parecido com o outro, mesmo que esse desejo de se auto diferenciar do outro.¹³¹

Na verdade, o espaço urbano de Curitiba, sobretudo da segunda metade da década de 1990, foi um período de eufórica explosão desse movimento social e cultural de rua, que, a partir de suas atuações, tem podido representar de forma a contrapor as representações simbólicas da cidade de Curitiba a partir da “fronteira” periferia e centro, consolidadas, especialmente, na década de 1990: ideário de Primeiro Mundo e Capital Européia, (Garcia, SANCHES, 2000); (Garcia de SOUZA, 1999); sobretudo a partir das representações do espaço urbano decodificado pelas inscrições dos signos europeus como praças, bosques, ruas, portais e monumentos que são traduzidos, inclusive, como cartões-postais da cidade para o mundo.

Tais representações podem, como já observado,

redundar em exclusão social, fechamento ou atomização dos sujeitos no espaço privado, com prejuízo da consolidação da participação da vida pública de um conjunto de agentes de idade, sexo, classe, estilos de vida e etnias diferentes. Neste sentido, a cultura pode surgir como catalizador de novas fronteiras e assimetrias sociais, o que põe em evidência a natureza das políticas culturais e os modos de organização das cidades e dos espaços públicos. Mas há também sinais contrários e a dinâmica de criação cultural não convencional por parte de associações e grupos urbanos e suburbanos, em geral jovens, desenvolvida em espaços não convencionais (da rua, à fábrica devoluta), deve ser tomada em conta como forma alternativa de redinamização cultural das cidades e dos seus espaços.¹³²

Segundo SILVA, a identificação de imagens ou de expressões identitárias singulares que promovam uma cidade no plano transnacional, enquanto exercício de fina demarcação e classificação mais ou menos contingente de um ou vários recursos ou fragmentos da

¹³⁰ D' ADESKI, 2001:54.

¹³¹ Idem pg.55.

¹³² SILVA, Santos, 2002: 431.

condição urbana, constitui-se em paradoxo na medida em que incorra na acentuação das fragmentações sociais e políticas que a constituem e preexistem à globalização. (pág. 433)

Neste sentido, SILVA considera que “a globalização de uns projeta-se na localização de outros, sejam eles grupos ou movimentos sociais, espaços ou monumentos, linguagens, artes ou saberes, atividades ou acontecimentos”. Esta globalização traduz sucesso de resultados e sinônimo de aproximação ao centro, enquanto o seu oposto, a localização, significa incapacidade e sujeição à condição de marginalidade social e cultural”. (*Idem*) Ou seja, estas situações em que grupos e movimentos sociais se põem deliberada e assumidamente “ao lado” podem ser entendidas como efeitos da *lateralização social*¹³³, para cobrir outras situações que não apenas as da subordinação política opressiva que a globalização e a promoção transnacional das cidades podem originar”. (SILVA, 2002)

Assim, a ação da cidade, sobretudo em situações de *lateralização social* e em situação de promoção transnacional da sua imagem (como o caso de Curitiba) desenvolve-se numa estratégia falaciosa de desaparecimento de alguns grupos, (como os negros) ou “estipulando fragmentações e fronteiras sociais, políticas espaciais e mesmo estéticas”, como se observa no Movimento Hip Hop, que apresenta características identitárias de grupos marginalizados e estigmatizados, sobretudo pelo seu pertencimento social e racial, caracterizando-se, inclusive, pelo pertencimento a um espaço específico e singular imaginado pela cidade: a periferia.

¹³³ Segundo SILVA (2002:43) “a opção por esta expressão decorre, no entanto, do fato de parecer adequado dar conta da existência de uma horizontalização das diferenças quando tratamos do significado político das espacializações na cidade contemporânea. As visões de mundo e dos lugares podem assumir assim ser interpretadas como visões “centrais”, opostas a outras visões “ao lado”, ou periféricas”.

O crescimento do Movimento, principalmente na década de 1990, atenta para a percepção dos jovens pobres e negros de uma existência de *fronteiras*¹³⁴ espaciais na cidade no momento que esta passa a ser considerada como a cidade “modelo do país”, a cidade que “deu certo”.

Assim, o Movimento se apresenta como uma espécie de *ethos*¹³⁵ “constituindo através de divulgação de mensagens e imagens locais que se propagam e alargam pela via tecnológica a um universo amplo de atores”. Para SILVA, a “globalização gera assim a sua própria oposição, permitindo que ações, grupos ou movimentos contra-hegemônicos, políticos, religiosos ou culturais, rompam o que, de outra maneira, seria uma lógica de continuidade universal das mensagens institucionais globais”¹³⁶.

A divulgação das mensagens e imagens acerca da representação que os atores fazem de sua situação social, econômica e cultural na cidade possibilita uma inversão dos significados estruturantes, pensados pelo poder local da cidade. No mesmo sentido em que podemos assinalar para a possibilidade de que este *ethos* surge do confronto dos atores com as desigualdades sociais e culturais, assim como pela identificação de semelhanças em suas ações sociais e políticas, podem estar fomentando reaproximações “entre culturas, lugares e discursos antes isolados e incomunicáveis”¹³⁷.

¹³⁴ De acordo com Boaventura SANTOS, “a fronteira propicia um modo de comunicação marcado pelo uso seletivo das tradições, pela invenção, pela debilidade das hierarquias, pela pluralidade dos poderes e ordens jurídicas, pela fluidez das relações, sociais...”(RIBEIRO, 2002: 432)

¹³⁵ O *Ethos* em constituição, conforme SILVA “é o gerador de códigos alternativos e linguagens solidaristas que capacitam os sujeitos para o diálogo com a diversidade cultural e a alteridade, em oposição aos códigos e linguagens instrumentais que validam apenas a satisfação pessoal ou as comunidades autocentradas”. Só assim podemos admitir que o novo *ethos* se revele capaz de gerar uma consciência crítica e de resistência à caracterização do local. (pg 451).

¹³⁶ SILVA, Santos: 2002:451. Este novo *ethos* pode atuar também, no sentido de reforçar a ordem institucional global.

¹³⁷ SILVA, Santos, 2002: 450

O crescimento da *suburbanização* e a segregação espacial e racial dos indivíduos pobres e negros, na cidade de Curitiba, parecem “ser menos o das condições de acessibilidade física aos espaços públicos das cidades, e mais a sistemática criação de espaços inertes, com cada vez menos sentido de lugar”¹³⁸. Da mesma maneira, em numerosas políticas e planos urbanísticos, “os sujeitos são tratados como utentes em contínua deslocação para outros destinos, incluindo a sua residência”¹³⁹. Conforme SILVA, não há, ou há cada vez menos, políticas e planos de ocupação e partilha culturalmente significativa dos espaços públicos de co-presença nas cidades. A sua invenção é, de alguma forma, a própria reinvenção da cidade e a regeneração da cultura urbana. (SILVA. 2002)

Neste sentido, a atuação dos rappers em Curitiba e Região Metropolitana, através de organizações, com estratégias simbólicas, atentam para a importância significativa de suas atuações, no sentido de que revelam os micro-espaços da cidade dos quais o poder público e os meios de comunicação de afastam, revalorizando os espaços “ordinários” do cotidiano, ou a transformação de lugares estigmatizados em lugares caracterizados como espaços de “reapropriação das identidades, ou a integração dos marcadores históricos da cidade nos ambientes socialmente vividos”.¹⁴⁰

4.3. Identidade Cultural e Identidade Social

Em várias letras e discursos, o objeto da revolta foi tentar contrapor-se à imagem da cidade de Curitiba nos meios de comunicação, destacando, para tanto, os espaços que os meios de comunicação destacam. A representação reproduzida pelo poder local, dos espaços da cidade, segundo os atores, não reflete a sociedade como um todo. Segundo os

¹³⁸ Idem. pg.455.

¹³⁹ SILVA, Santos, 2002: 455

¹⁴⁰ SILVA, Santos, 2002: 455.

rappers, “pras periferia nada disso tem valor”. O significado mais importante para os indivíduos do rap, ao imaginar a cidade, foi a “cidadania”. Assim, o sentimento de pertença a um grupo excluído (periferia) socialmente favorece o entendimento de que a identidade dos atores parece estar assentada no significado das experiências cotidianas de uma população que sofre as mesmas características de exclusão num determinado espaço da cidade. A música abaixo aponta para essa percepção:

*Essa é a realidade da periferia
De um povo que só sofre, de uma maioria
Esse é o relato de uma vida dura
De pessoas esquecidas na rua da amargura
Falo do cotidiano de um submundo
Banidos pelo sistema e saturados no subúrbio
O que peço para Deus é que conforte nosso povo
Chega de miséria, chega de desgosto...
TREMA, MAS ESSA É A VERDADE
NA NOSSA RIMA ESTÁ CONTIDA A REALIDADE
É A REALIDADE
ESTAMOS FALANDO DA MAIS DURA VERDADE ...
(Banda Epideminas – Música Dura Verdade)*

Existe uma identidade construída entre os atores do Movimento Hip Hop, em especial os rappers, na medida em que estão caracterizados, de acordo com CASTELLS, em “um processo de construção de significação com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”¹⁴¹. Contudo, as identidades podem também serem formadas a partir de instituições dominantes, as quais os atores as internalizam, construindo seu significado com base nesta internalização. (p.23) As identidades são fontes mais

¹⁴¹ CASTELLS, 2001: 22

importantes de *significado*¹⁴² do que papéis, na medida em que as identidades organizam significados e os papéis organizam funções. Entretanto, a construção social da identidade, sempre ocorre em um “contexto marcado por relações de poder”. (CASTELLS)

A construção da identidade dos indivíduos do Movimento Hip Hop de Curitiba, em especial os rappers, é caracterizada como sendo uma “identidade de resistência”. Ou seja, porque “são criadas por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica de dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade ou mesmo opostos a estes últimos”.¹⁴³

O perfil destes indivíduos, como já assinalado, são de jovens com média de 22 anos de idade, 10 anos de estudo, negros, pobres e desempregados, residentes na periferia da cidade. Para CASTELLS, a identidade de resistência se apresenta como o tipo de construção de identidade mais importante em nossa sociedade, dando origens a formas de resistência coletiva diante de uma opressão.

Ainda que a *identidade de resistência* poderá resultar em *identidade de projeto* (quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir suas posições na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar transformação de toda estrutura social)¹⁴⁴. Não foi possível identificar entre os atores, no tempo e espaço pesquisado, a caracterização deste modelo. A estratégia de resistência, para eles, é a fomentação da “consciência” da realidade social e da sua situação

¹⁴² De acordo com CASTELLS, *significado* é definido como uma identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator. Ainda que toda identidade pode ser compreendida como uma construção social, a principal questão para CASTELLS é entender como, e a partir de quê, por quem, e por que isso acontece.

¹⁴³ CASTELLS, 2001:24. Além da *identidade de resistência*, existe a *identidade legitimadora* e a *identidade de projeto*.

¹⁴⁴ CASTELLS, 2001:24

enquanto morador da periferia. Mas não há uma estratégia central e única de conscientização através da fala, e a fala é quase sempre uma denúncia e não apresenta uma tática de organização comum, de mudança da realidade social do espaço da periferia.

Há ainda entre os integrantes a identificação de um discurso ambíguo e não consensual acerca do que venha a ser, por exemplo, a “sociedade” e quais as estratégias de resistência neste modelo de sociedade (cidade de Curitiba) ao qual eles apresentam críticas. Muitas vezes as letras e os discursos apresentam como saída para a exclusão a crença em “Deus”.¹⁴⁵ Mas, em geral, atentam para a necessidade de que os indivíduos da periferia precisam ter *atitude* como por exemplo não consumir o *crack*¹⁴⁶. Contudo, as saídas para a construção de uma sociedade justa socialmente, conforme o desejo dos atores, não foram traduzidas de forma consensual entre as várias bandas. Não obstante, assim mesmo há a observação da existência de uma conformidade nas letras de música e nos discursos da importância da *união* dos rappers e também da união da população da periferia. Porém, no que concerne às possíveis saídas para os problemas sociais, não houve a mesma apreensão. O problema social, por vezes, é apontado como sendo a falta de religião, ora é apenas o *sistema*, ora é a TV, ora é droga, ora é educação, a família, o capitalismo, ora é o voto e ora é a soma de tudo. Mas a união e a problematização das questões sociais é o que os identifica na ação conjunta, como sugerem as músicas seguintes:

Procure uma saída para esta situação,
Terá uma resposta com a metade da favela, (...)
O crack ta matando a quem ele se apodera,
(Banda: Sujeitos Contrários. Música: Realidade da Favela) (sem grifo)

*“A violência toma conta de todas as quebradas
Como uma doença vem se espalhando,*

¹⁴⁵ Nossa metodologia de pesquisa não priorizou analisar as letras de música a partir do pertencimento religioso dos atores, assim como também não selecionamos bandas de rap *gospel* para problematizar as questões religiosas no Movimento hip hop

¹⁴⁶ O repúdio ao uso do *crack* é corriqueiro nas letras de música analisadas.

*Não existe cura e nenhuma saída,
Onde estiver ela sempre está presente,
Na periferia cada vez fica mais forte”*
(Banda: Sujeitos Contrários. Música: Aqui se faz, aqui se paga) (grifo meu)

Apesar da consonância do desejo de sociedade ideal, a que os rappers devem lutar pra conquistar, ou seja, uma sociedade com igualdade de direitos, não há consenso acerca das possíveis saídas. O *crack*, como pôde ser observado, é a metáfora ou a representação do antagonismo desta sociedade desejada.

É pela fala que eles credibilizam a importância de suas ações na medida em que compreendem que estarão levando informação e consciência para a população alvo e fazendo a mobilização para a luta por este modelo de sociedade que garanta dignidade a todas as pessoas. E a fala deve estar sempre contextualizando o 5º. elemento escolhido pelos rappers da cidade que é a *questão social*:

Queremos união e respeito contra a sociedade capitalista. O movimento hip hop é do povo. Tem que rolar amizade. O MC é o mestre de cerimônia. Temos que fazer das migalhas, virar pão. Mas como vamos fazer a união? Precisa conscientização. Levar consciência para o povo. Igualdade de direitos. Lutar por nosso ideal. O bagulho (crack) é feio e truculoso. O movimento quer é que todo mundo viva dignamente. O movimento é de “Rocha”. (sentido que é muito forte).¹⁴⁷

O lema “central”, escolhido como o 5º. elemento da cidade, é a “questão social”, ou seja, a importância da cidadania e igualdade de direitos, mas os próprios atores, na sua maioria, acreditam não conseguir fazer uma leitura mais aprofundada da sociedade capitalista. O grande problema seria a falta de informação. Para tanto, eles acreditam que é muito importante a participação em cursos de formação, ainda que assumam que estes cursos não atraem muito os rappers.

¹⁴⁷ Esta foi a conclusão chegada por uma equipe de 7 rappers quando responderam a questão: “O que o Movimento quer?”

A sociedade (curitibana) para eles é um caos, e, por isso, o Movimento tem para eles o poder e o dever de fazer a revolução, criticando, mas também conhecendo a realidade¹⁴⁸:

*“ um caos, é uma sociedade confusa: Guerra, insegurança, descaso. A sociedade dita regras, mas não cumpre.”; O sistema só quer ferrar com a gente. Não tem saúde, segurança e nem trabalho. Todo mundo tá sem dinheiro . Falta consciência da desigualdade”; “E uma sociedade ilusória. Estamos na rua. “É uma sociedade corrupta (politicamente) e isso causa angústia. O povo precisa de educação e comida. E ainda falta cultura. Tudo isso, porque falta consciência”; “É uma sociedade de multífaces.”; “ É uma sociedade preconceituosa”; **Eu sou responsável pela sociedade, eu tenho o poder de revolução**”; **“Temos que criticar, mas, não é possível fazer críticas sem conhecer**”; “É uma sociedade sem paz. Vê o outro como inimigo”; **É uma sociedade incompreensiva. Eu não entendo porque ela faz isso**”; “A sociedade é racista. A criança negra é Macaco”; “É uma sociedade des governada. Falta equilíbrio na sociedade que está cheia de drogas. A família também ta des governada. Pra onde que eu vou?”¹⁴⁹ (sem negrito)*

O que os identifica no Movimento é sua situação de excluído e pertencimento a um espaço marginal na cidade, segregado pelas representações e imagens construídas acerca da cidade no que concerne a suas condições sociais expressadas nas letras e títulos das músicas. “Realidade da Favela”, por exemplo, é um dos títulos de música da Banda “Sujeitos Contrários” que pretendeu relatar a verdade do cotidiano da periferia:

Se na área abalando o sistema,/Relatando a verdade do nosso dia a dia,/Problemas que acabam com nossa periferia,/São as drogas, policia, assassinatos todo dia,/Conflitos entre gangues no meio da favela,/Torna a vida dura pra quem faz parte dela,/Irmãos se acabando, pra conseguir respeito,/Aqui onde moramos não é muito diferente,/Pessoas se matando, sofre muita gente,/Muitas mães chorando, por causa de seus filhos,/Caiu no mundo errado já sabe seu destino,/Paletó de madeira abaixo sete palmas,/Ou dentro de uma cela, esperando o julgamento/A morte ou a cadeia,¹⁵⁰ escolha seu tormento,/Então preste atenção no que agora vou falar,/Dentro da quebrada

¹⁴⁸ Segundo os atores, a maioria deles conhece a realidade. Conhecer a realidade pressupõe, para os integrantes, conhecer as desigualdades sociais. Por isso, muitas vezes, o rapper que tem ou teve um histórico social mais crítico é mais respeitado no grupo. Alguns rappers afirmam que são *PhD em realidade*. Ou seja, são formados nas ruas. O conhecimento de conceitos teóricos, assim como um entendimento do que venha a ser *Capitalismo, Mercado, Movimentos Socais*, etc., não é visto como um valor central na construção da idéia de revolução. A maioria deles, por exemplo, não sabe a diferença entre os conceitos de *preconceito, discriminação e racismo*.

¹⁴⁹ Síntese respondidas por uma equipe de 20 rappers.

¹⁵⁰ Este é o tipo de afirmação muito utilizadas nas letras dos rappers de Curitiba, sobretudo para os jovens envolvidos com drogas: “Cela ou caixaão”; “Xadrez ou cemitério”; “morte ou cadeia”. *Morte ou cadeia e sua mãe chorando* são as representações mais utilizadas. A figura do *pai* aparece quase sempre ligada à incidência de alcoolismo nas famílias ou violência doméstica. Existe, portanto, uma supervalorização da figura da mãe quando comparado ao pai.

não pode vacilar,/Se não daqui uns dias sua mãe que vai chorar. (Banda: Sujeitos Contrários. Música: Realidade da Favela) (grifo meu)

Ainda que os rappers deste movimento sejam majoritariamente negros (68%) numa cidade onde eles representam uma minoria percentual, não existiu, entre os atores, a explicitação do sentimento de pertencimento a um movimento cultural de negros, ou mesmo a um movimento que também valorize certa estética negra. Não obstante, a “etnia sempre foi uma fonte fundamental de significado e reconhecimento. Trata-se de uma das estruturas mais primárias de distinção e reconhecimento social, como também de discriminação, em muitas sociedades contemporâneas dos Estados Unidos à África subsaariana”.¹⁵¹ A raça, de acordo com CASTELLS, permanece como um dos principais significantes nos debates acerca das políticas migratórias, penas criminais, ações afirmativas e privatização suburbana, não só na sociedade norte –americana em que a “nova liderança política negra está baseada em sua capacidade de atuar como intermediária entre o mundo empresarial, o estabelecimento político e os pobres confinados a guetos”. (p 73).

O rap nos Estados Unidos, segundo CASTELLS, é produtor de uma nova cultura, que também expressa uma identidade fundada na história negra e na longa tradição norte-americana de racismo e opressão social, no entanto incorpora novos elementos: a polícia e o sistema penal como instituições centrais, a economia do crime como chão de fábrica, as escolas como área de conflito, organização social baseada em gangues, uso da violência como meio de vida. (p. 76)

Em Curitiba, os jovens majoritariamente negros se socializam e interagem em seu ambiente local, seja a vila, que eles chamam de “quebrada”, seja a cidade, que eles reconhecem como sendo “maquiada”, ou o subúrbio, formando uma espécie de rede ou

¹⁵¹ CASTELLS, 2001:73.

como eles denominam como “um tráfego” social de idéias dentro da periferia, através do rap. Contudo, ao mesmo tempo em que é possível precisar os espaços de atuação dos atores na periferia da cidade, há um padrão específico de discurso ou de comportamento que pode resultar na identificação de uma identidade absolutamente distinta das dos outros jovens não integrantes do Movimento Hip Hop, qual seja, o de pertencer a um espaço marginal em que eles credibilizam a união e a denúncia da sua realidade social como um elemento essencial na atuação dos atores que se auto-denominam rappers. Existe, conseqüentemente, um agrupamento de indivíduos em uma mesma organização comunitária que, ao longo do tempo, gera um sentimento de pertença a um movimento que tem uma identidade cultural.

CASTELLS considera que, para caracterizarmos como sendo uma identidade cultural, “faz-se necessário um processo de mobilização social”, ou seja, a participação dos indivíduos em “movimentos urbanos (não necessariamente revolucionários), pelos quais são revelados e defendidos interesses em comum, e a vida é, de algum modo, compartilhada, e um novo significado pode ser produzido”. (p.79) Mais uma vez recorramos a uma música para ilustrar o que vimos afirmando:

*Aqui também tem gente, aqui também tem vida
Relato o dia, dia não vivo no mundo dos sonhos
Sou apenas mais um guerreiro e luto pela justiça (...)*

*REFRÃO: Quem mora na favela não vive sobrevive
Quem sobrevive nela é um grande guerreiro
Lutando contra tudo, lutando contra todos*

(Banda: Sujeitos Contrários. Música: Quem Mora na Favela não Sobrevive) (grifo meu)

Os atores não só se identificam como “porta-vozes da periferia”, mas também como os “revolucionários” ou os “guerreiros na luta por justiça”, através das palavras, das letras e discursos neste espaço marginalizado, visto, por eles, muitas vezes como um “inferno”. A sobrevivência é mérito dos indivíduos caracterizados como *grandes guerreiros*. Os rappers

consideram-se os “guerreiros-líderes” responsáveis em conscientizar a periferia, sobretudo os sobreviventes:

*E tudo isso acontece por que você desconhece a realidade periférica
Não são apenas retratos, mas verídicos fatos
Encare a realidade de frente abra sua mente
E saiba como desse inferno sobreviver...*

(Banda: R.N.P : Realidade Nua e Crua. Música: Voz Mensageira)

CASTELLS considerou que os movimentos urbanos¹⁵² estariam voltados a três conjuntos de metas principais: necessidades urbanas de condições de vida e consumo coletivo; afirmação da identidade cultural local; e conquista da autonomia política local e participação da qualidade de cidadãos. (2001:79) Contudo, as análises levaram à compreensão de que em muitos casos, independentemente das conquistas mais evidentes do Movimento, “sua própria existência já produziu algum significado, não apenas para os atores sociais, mas para toda comunidade.”¹⁵³. Tal produção de significado é “um elemento essencial das cidades, ao longo da História, pois o ambiente construído, bem como o seu significado são engendrados por um processo de conflito entre os interesses e valores de atores sociais antagônicos.” (CASTELLS, 2001:80) Ainda usando as palavras do autor:

Os movimentos urbanos certamente abordam as verdadeiras questões de nosso tempo, embora não o façam na escala nem nos termos adequados a essa empresa. Entretanto, não há saída, pois tais movimentos representam a última reação à dominação e à exploração renovada nas quais nosso mundo se encontra submerso. São mais que um último baluarte simbólico e um grito desesperado: são sintomas de nossas próprias contradições, sendo portanto potencialmente capazes de supera-las... Eles produzem nossos significados históricos – a ponto de fingir que constroem, sob a proteção das “murallas” da comunidade local, uma nova sociedade que eles próprios reconhecem ser inatingível. E conseguem fazê-lo alimentando os embriões dos futuros movimentos sociais no universo das utopias locais que constroem para que nunca se rendam à barbárie.¹⁵⁴

¹⁵² Movimentos Urbanos são: “processos de mobilização social com finalidade preestabelecida, organizados em um determinado território e visando objetivos urbanos”. CASTELLS, 2001:79.

¹⁵³ Estas observações podem ser consideradas não só para o período de duração do movimento (normalmente curto), mas para a memória coletiva da comunidade. CASTELLS, 2001:80.

¹⁵⁴ CASTELLS, 2001: 80 citando CASTELLS, 1983:331.

O pressuposto da análise dos rappers, que fazem parte do Movimento Hip Hop de Curitiba como também um movimento social e cultural, é da representação social que os próprios atores reconhecem como legítima. As práticas discursivas são sua autodefinição. Deste pressuposto atentamos para a não intenção de interpretar a “verdadeira” consciência social deste movimento como se somente sua existência se desse pela existência de contradições. No mesmo sentido, é relevante atentar para a necessidade de estabelecer uma relação entre este Movimento a partir de suas práticas, valores e discursos, juntamente com os processos sociais que poderão estar associados, como, por exemplo, a “democracia racial no Brasil”; “a construção da identidade do Paranaense” e “a idéia da harmonia racial entre todas as etnias de Curitiba e do Estado”. No mesmo sentido, a construção da imagem de que o problema das desigualdades no país é apenas social e que se, resolvendo este, o problema racial seria conseqüentemente resolvido.

4.4. Identidade Racial dos Jovens Negros do rap de Curitiba

Como pudemos observar, existe uma concentração de jovens negros no Movimento Hip Hop, em especial entre seus integrantes do rap. O índice populacional revela a existência de 8 indivíduos brancos para 2 negros em Curitiba e Região Metropolitana. No Movimento, a proporção é quase inversa, ou seja, dos 153 integrantes do rap, 68% são negros. Já entre a platéia que assiste aos shows, e frequênta as festas, segundo os atores, em média, de cada 10, pelo menos 8 são negros. Neste sentido, traduz-se uma forte incidência de negros tanto entre seus integrantes como entre os simpatizantes ou observadores.

O resultado da pesquisa não revelou ambigüidades em relação àquelas observadas no cenário nacional, que também apontam o Movimento Hip Hop como um aglutinador de

jovens pobres de periferia majoritariamente negros. A singularidade da atuação deste Movimento, que ainda é muito recente na cidade, está justamente na especificidade de sua organização e também no perfil de temas mais incidentes em suas letras de rap, quando pretenderam revelar os micro-espços da periferia da cidade de Curitiba e Região Metropolitana ¹⁵⁵ .

A prioridade do Movimento, como se observa em suas letras e discursos, é traduzir, como porta-voz da periferia, a realidade da periferia da cidade, sobretudo no que concerne ao uso de drogas por parte dos jovens, à criminalidade, à falta de emprego, à violência policial (em especial a atuação da RONE) ¹⁵⁶, às estratégias do poder local na construção de uma cidade “modelo” de “Primeiro Mundo” e uma “capital social”, à corrupção, à falta de espaço de lazer, à falta de esperança, à importância da educação etc. O Movimento, de modo geral, imagina conseguir contrapor-se ao poder local e à mídia, revelando a real situação da periferia da cidade, ora sem e ora com ironia. A informação deve ser levada a todos os cantos da cidade. Um “tráfego” de informações, uma espécie de relato que a TV não mostra.

Credibiliza, em muitos casos, a TV como co-responsável pela construção de uma imagem falseada da cidade e mesmo do país. Destaca o uso das drogas como um grande problema a ser combatido na periferia – assim como o convívio diuturno com a morte no cotidiano da periferia. Morte resultante da violência, da violência policial, pelo uso de drogas, mas também pela precária situação de moradia em que vivem: casas improvisadas

¹⁵⁵ Nossa pesquisa não priorizou bandas de rap *gospel* e ou letras de cunho religioso.

¹⁵⁶ RONE é uma polícia especializada. Muitos atores desta pesquisa descredibilizam a atuação desta polícia. Identificam nas suas ações, estratégias de abuso de poder e violência extremada contra os jovens de periferia, assim como e atitudes corruptas.

na beira do rio e/ou medo da morte pelo frio ou em consequência do frio. Ou pela fome, pela falta de emprego- salientam os rappers

Estes procuram revelar o cotidiano dos micro-espacos onde as relações de poder são construídas. Seja a troca de drogas por dinheiro ou objetos roubados, a coerção da polícia e a naturalização das cenas de violência. As valetas a céu aberto, a falta de saneamento, as brigas de *ganges*, etc.¹⁵⁷

Nos seus discursos, aparentam reconhecer o grau de manipulação sofrida pela população, por parte do poder local, que constrói representações que não refletem a realidade social. É neste sentido que os atores do rap se sentem comprometidos em acordar “a massa silenciosa”¹⁵⁸, reiterando quase sempre que a saída para a periferia deve ser a conquista do seus direitos com igualdade.

As análises identificaram que, no entendimento dos atores (no caso das letras de rap), a construção da paz, num primeiro momento, poderia ser entendida como o alcance da cidadania. A periferia é o *slogan* central, cujos lemas são a *união, atitude, humildade e respeito*.

Neste sentido, a característica das letras dos rappers curitibanos é de priorizar um estilo reconhecido pelos seus simpatizantes como um rap *realista*, ou rap *de protesto*: um rap que fala de violência, que traduz enredos nos quais a violência é sua principal temática e a morte sua consequência. É relevante salientar que, nas festas, o *MC* tem o dever de interpretar as músicas e o compromisso de levantar os problemas sociais daquela comunidade, apontando tais problemas e as possíveis propostas de solução. Num mesmo

¹⁵⁷ O termo *ganguê* é utilizado pelos atores do Hip Hip para caracterizar alguns grupos de jovens existentes na periferia de Curitiba que disputam territórios geográficos na cidade tendo como estratégia principal o uso de violência.

¹⁵⁸ Conforme BAUDRILLARD: 1994. BAUDRILLARD não considera que “a massa” esteja dormindo ou silenciada. Ela está silenciosa. A sua resistência é o seu silêncio e o que a move, são os espetáculos, os signos que são recuperados pelos seus desejos.

sentido, as análises de discurso de seus integrantes e o entendimento de algumas ações que visariam a estratégias de inclusão da “comunidade” – a quem eles acreditam representar.

Por outro lado, alguns de seus discursos e letras apresentam uma perspectiva de mudança baseada em valores religiosos e “tradicionais” como o machismo e a homofobia.

Entretanto, o cerne do debate, nesta análise, diz respeito ao processo de construção e consolidação da invisibilidade do negro em Curitiba. Ou seja, acreditamos que uma das características mais singulares e específicas da atuação dos rappers em Curitiba seja o fato de que o rap curitibano, ao revelar os conflitos existentes na periferia, através de discursos e letras, não revela de forma explícita a situação de racismo sofrido pelos negros, que são excluídos das representações da cidade, e são majoritários no rap.

O rap só fala a verdade, o sofrimento... liberdade de expressão é a única arma... “rap é uma grande conversa”... essa é uma capital social que não faz nada pelo social ... o rap troca o calibre pela caneta... nós não somos pobres, somos empobrecidos. Não somos marginais, somos marginalizados... estudamos a vida, se formando em realidade. Hip Hop não tem cor e não tem idade. Nossa questão é social e não racial. É o pobre, é a periferia é a questão social.¹⁵⁹(entrevista) grifo meu.

Ainda que o Movimento, visto de fora, seja rapidamente identificado como uma movimento de negros, um espaço de auto-estima e identidade dos jovens negros e de visibilidade negra na cidade, os atores acreditam que “o movimento Hip Hop não tem cor e não deve ter”. Reconhecem, portanto, que o slogan do movimento deve ser “o da periferia”. A questão central para eles é o combate à pobreza ou a “questão social”, que é defendida por uma vertente do movimento como sendo o 5º. elemento do Movimento Hip Hop de Curitiba e Região Metropolitana. Existe a crença de que a pobreza seja um problema idêntico para brancos e negros, mesmo para banda como a “Conexão Fami Black”, que expressou em sua letra a compreensão de que pretos e brancos da periferia

¹⁵⁹ Esta entrevista realizada com uma grande liderança do rap mereceu destaque, pela reincidência deste discurso encontrado nas outras lideranças. Aliás, em geral, são discursos repetidos quase sempre nas mesma ordem das frases escritas. Há, portanto, uma reprodução de discursos como uma espécie de organização mais fechada.

são caracterizados como sendo “um mesmo membro” humilhado num espaço geográfico da cidade de Curitiba. A música abaixo

Só somos certos de uma única certeza, que um dia morreremos, mais enquanto vivemos, sobrevivemos, sempre convivendo, preto ou branco somos todos da periferia de um mesmo membro humilhado e esquecido num beco de um gueto ...” (Banda: Conexão Fami Black – Música: Mulheres De Responsa).(grifo meu)

Ainda que verificamos objetivamente os *traços raciais* entre os atores sociais, neste determinando espaço da periferia de Curitiba, para D’ADESKI (2001), é necessário saber em que proporção esses traços diferenciais (raciais) dão lugar à tomada de consciência e às reivindicações coletivas de uma determinada identidade. Assim, a “reivindicação e a ideologia pela qual ela se expressa não são, por sua vez, compreensíveis quando não se conhece a história de inserção desse grupo na nação, o grau de crença dos seus membros em sua unidade e a vontade de serem eles mesmos diferentes de todos os demais grupos”.¹⁶⁰ Compreende, que, assim como a “etnia”, a identidade coletiva não é fácil de captar e, para bem compreendê-la, “é necessário apelar para a noção de identidade individual que lhe empresta grande parte de seus conceitos”, uma vez que “a ausência completa de unidade exclui toda identidade”. A identidade, assim, implica um processo constante de identificação do “eu” ao redor do outro e do outro em relação ao “eu”.¹⁶¹

O fato de não existir uma identificação dos rappers como um grupo excluído também racialmente implica numa visão de mundo até muito pouco tempo anunciada pelos movimentos sociais urbanos do país, em que as especificidades dos grupos vulneráveis (mulheres, negros e portadores de deficiência) não eram identificadas como centrais na análise das desigualdades sociais e na promoção de sociedade justa e igualitária.

¹⁶⁰ D’ADESKI, 2001: 39.

¹⁶¹ D’ADESKI, 2001:39 e 40.

Algumas bandas, por exemplo, se manifestaram extremamente contrárias ao fato de que nosso estudo levasse em conta o fator cor/raça, existindo inclusive bandas com 100% de integrantes negros que se auto-declararam como cor “indefinida”, como forma de protesto.

As raras letras encontradas (3 letras no universo de 150) que falavam de racismo apresentam um enredo nacional sobre a situação dos negros no Brasil ou escravidão, outras criticam o racismo e a sua cordialidade e na sua maioria comparam discriminação racial com discriminação social. Entretanto, uma única música, encontrada na pesquisa, confirmou o pertencimento racial do rap, ainda que não exista uma localização com a cidade de Curitiba.

*... eu continuo a viagem mostrando a quem não sabe que os mestres já fizeram os alunos ainda fazem com determinação muito respeito tentando fazer direito/ **minha cor indica tudo sou um tanto suspeito** mas mesmo com receio te dou meu conselho rap, reggae, funk , jazz, blues e samba enredo.*

Uma cultura só/ tudo coisa de preto

rap, reggae, funk , jazz blues e samba enredo (Banda: Auradiel. Música: Samba Enredo) (grifo e negrito meu).

Curiosa foi a percepção de que esta banda também tenha se recusado a informar a cor de seus integrantes. Todos da Banda Auradiel se consideraram de cor “indefinida”.

Há mínima identificação de enredos que traduzem alguma situação de racismo na cidade. Ainda que seja prática constante em grande número de letras a contextualização da cidade delimitando os bairros e ruas.

Tal visão corrobora para o entendimento de que, mesmo em vários sentidos a atuação desses atores majoritariamente negros tenham conseguido apontar alguns problemas sociais na cidade que possibilitam uma crítica à construção de uma imagem de cidade de Primeiro Mundo, eles não conseguiram em suas ações manifestar, seja no discurso ou em letras de rap, uma crítica a exclusão racial existente na cidade, da qual

possam ser vítimas preferenciais. Duas estrofes da música *Periferia seja aqui* nos servirá de análise:

*Periferia eu sempre digo
Negro sofrido negros encardidos
Drogas em excesso
Sobreviventes sem sucesso (...) (estrofe 15)*

*Negros ainda escravizados pelo vício
Fundo do poço verdadeiro precipício
Buraco negro sem chance de voltar
Periferia é o Satanaz que comanda. (estrofe 22).*

(Banda: Sobreviventes do Gueto. Música: Periferia Seja Aqui.)

Na verdade, este é perfil de letra que até pode ser encontrado, ainda que raramente. Esta letra tem 25 estrofes. É uma conversa sobre a cidade de Curitiba, identificando vários bairros e suas mazelas. Enfatiza o uso de drogas e as suas conseqüências. No entanto, sem nenhuma explicitação da visibilidade da problemática do racismo e sem contextualizar. Inclusive, nenhuma categoria como *preconceito* ou *discriminação* é identificada nestas duas estrofes que citaram a palavra *negro*: a 15 e a 22. Mas esta letra não sugere, pelo nosso olhar, nenhum debate acerca do racismo e muito menos da discriminação racial. A questão central foi o uso das drogas (entendida como o “Satanaz”). E os negros, segundo os atores, são indivíduos pobres que na periferia também são vítimas.

No universo de 150 letras, em apenas 3 (2% do total) foi possível localizar os indivíduos negros na periferia, num espaço determinado quando falam explicitamente da cidade de Curitiba. Mesmo assim, essas letras não têm como característica a explicitação do racismo ou da negritude. São letras que podem ser identificadas como corriqueiras, na medida em que a intenção delas todas é revelar os problemas sociais da periferia.

Outras letras que falam de racismo não localizam a situação com a cidade de Curitiba, identificando o bairro. No caso desta letra, que é exceção, é possível localizar a cidade porque está falando da polícia especializada – RONE:

*Por causa da minha cor, eu sou humilhado
Se eu ando de madrugada na rua, a RONE preta me cata
Já era um abraço, uns tiro na cabeça
É mais um corpo no asfalto.*

(Clandestino Zap. Música Jogo de Xadrês) (grifo meu).

Além disso, verificamos outras especificidades que mereceriam ser contextualizadas a fim de apresentar um melhor resultado da pesquisa. Uma delas diz respeito à preferência da categoria “afrodescendente” e não “negro” entre os atores, e ao fato de que o Hip Hop não seja identificado como um movimento “negro” – já que para os integrantes o Movimento “não tem cor”. Outra característica importante na atuação destes indivíduos é a consideração de que o racismo não é o elemento mais importante na mobilização do Movimento, mas a “questão social”, que foi considerada pela maioria dos integrantes como o 5º elemento da cidade. Ou seja, no que diz respeito à “pobreza”, os indivíduos acreditam que “pobreza é igual para negros e brancos”; a cidade de Curitiba “não discrimina só o negro, discrimina sim, é pobre”.

Chamou atenção, por outro lado, o fato de que os jovens apresentaram um grau de escolaridade muito acima da média dos indivíduos negros de suas idades, sendo que, neste caso, a maioria deles se encontram desempregados e/ou subempregados o que pode ser o resultado do racismo no mercado de trabalho..

Como na vertente nacional, o machismo é muito forte dentro do movimento. O sentimento dos indivíduos masculinos parece ser, na sua maioria, identificar o rap como “coisa de homem”, ainda que, muitas vezes, observa-se a atuação das “meninas” na organização dos shows, na escrita dos Projetos Sociais que os “meninos” apresentam nas instituições. Em geral, elas se expõem muito menos. Os atores negros do sexo masculino, na maioria dos casos, têm como sua preferência afetiva as meninas brancas. Poucos são os integrantes que namoram ou são casados com negras.

4.5. “Pretos” que passam em “branco” no imaginário dos rappers negros de Curitiba

*...quem tem poder não tem cor. O Racionais defendem o 4 P : Poder Para o Povo Preto. Isso eu não concordo. Poder é Para o Povo Pobre. Racismo sim é só defender o negro. O negro tem discurso mais preconceituoso que o branco...*¹⁶² (Entrevista – grande liderança do rap)

No decorrer da pesquisa, identificamos que os rappers de Curitiba e Região, que se apresentam como porta-vozes da periferia, conseguiram através de suas letras e discursos contrapor a imagem construída acerca da cidade de Curitiba, por se tratar de uma cidade modelo, a cidade que deu certo, a Capital de Primeiro Mundo. Tais discursos são compreendidos por eles como falaciosos, e que não representam a realidade da maioria da população da cidade que vive na periferia. Ou seja, os meios de comunicação e o poder local reconhecem e valorizam, segundo os atores sociais, somente o espaço urbano das camadas ricas da cidade, conforme observou GARCIA Sanches(1997), Souza, N. (2001), OLIVEIRA (2000).

Para os integrantes rappers, traduzir a cidade de Curitiba implicaria em revelar a “verdadeira realidade da periferia”, qual seja, a de que os seus indivíduos não gozam das mesmas representações sociais construídas pelo poder local: seus parques, bosques, portais, monumentos.

Os rappers sentem-se responsáveis em levar a consciência da verdadeira realidade social da cidade, através de suas letras, acompanhadas dos discursos que traduzem as mazelas, os conflitos sociais, o tráfico de drogas, o desemprego, a violência, a falta de esperança, etc.

¹⁶² Entrevista realizada com uma reconhecida liderança do rap que é visto como um branco, mas que considera um *afrodescendente*. As frases ditas por esta liderança são rapidamente repetidas pelos rappers. Como a que, em Curitiba, o *Poder é Para o Povo Pobre*.

O que os identifica enquanto um movimento de jovens de periferia é a consciência de sua situação de indivíduo excluído no espaço de periferia. A *união* e a *fala* entre os atores é reconhecida como uma das mais eficazes estratégias.

Mas insistimos em problematizar não a eficácia do discurso acerca da capital que “deu certo”, da cidade modelo do país, que como observado, não alcançou sucesso no imaginário dos atores, mas justamente em problematizar o resultado da pesquisa que apontou que os rappers, mesmo sendo na sua maior parte de negros, não conseguiram (ao revelar seus cotidianos de jovens excluídos) também contrapor a imagem construída da cidade acerca da idéia de que seja um Capital Européia onde todos os indivíduos convivem na mais perfeita harmonia racial.

Os atores sociais do rap não conseguiram, enfim, traduzir sua realidade como pertencentes a um grupo excluído duplamente pela condição de negro e pela condição de pobre. Em vez disso, reforçaram a crença na existência de igualdade de tratamento dos indivíduos independentemente da cor.

Tais percepções foram sintetizadas na afirmação dos atores de que o problema da discriminação atinge brancos e negros da mesma forma. Assim como a compreensão de que os alvos preferenciais sejam os pobres residentes num espaço marginalizado pela cidade, ou seja, a periferia.

Portanto, as representações e imagens europeizadas da cidade (sejam nas arquiteturas, monumentos, parques e bosques que homenageiam os imigrantes europeus com os únicos responsáveis pela história e cultura da cidade, reforçada inclusive pela educação nas escolas, que resulta no processo de invisibilização dos negros na cidade) não foram entendidas pelos atores como um problema.

Neste sentido, atentamos para dois pressupostos centrais na análise deste resultado. Primeiro: a própria característica do racismo brasileiro no âmbito nacional, que, apesar de ser um dos mais perversos do mundo¹⁶³, se apresenta como camuflado e cordial, fortalecido pela idéia de democracia racial e da inexistência, portanto, de conflitos raciais. Ou seja, em outras palavras, a da negação da existência do racismo.

Entretanto, como observado em outras cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, que também convivem com o discurso de democracia racial, os rappers de lá, ao traduzirem suas realidades de periferia, acabam elencando a discriminação racial e racismo também como centrais em suas ações.

Não se trata de propormos uma comparação da atuação dos rappers nestas cidades com a cidade de Curitiba, mas tornar a percepção de que existe uma especificidade na atuação dos rappers em Curitiba, que, mesmo sendo na maioria negros, não problematizam a situação de violência e racismo sofridos enquanto negros. Mais do que isso, não existe a percepção, entre os atores, de que o Movimento congrega mais jovens negros e que a estética do movimento é quase absolutamente uma estética que obedece a valores culturais negros, como a música, o vestuário, o penteado, a dança, etc. Assim como a própria origem do Movimento Hip Hop.

O que nos permite atentar para uma outra hipótese não desenvolvida na pesquisa: o fato da existência de certa “fragilidade” na organização do Movimento Negro organizado de Curitiba, que não conseguiu realizar parcerias efetivas com o Movimento Hip Hop, que é identificado para quem os olha de fora como um movimento de negros.

¹⁶³ A população Negra do Brasil vive em piores condições de acesso à igualdade de oportunidade quando comparada aos negros dos Estados Unidos ou da África do Sul em histórico de apartheid. (IPEA, 2001)

Segundo: a especificidade dos efeitos da construção da idéia de Capital Européia onde todos os indivíduos convivem na mais perfeita harmonia racial, resultando na negação da população negra no Estado e na cidade, uma vez que, desta *ágora* da democracia curitibana, os negros não chegam a fazer parte. Ou seja, não é afirmar que eles não têm tido a garantia de direito à igualdade. Mas em negar a sua existência. O que impediria que os rappers tivessem a percepção de que eles não são apenas jovens pobres, mas também com um pertencimento racial que os torna duplamente excluídos.

É neste contexto que voltamos a destacar um fator histórico crucial na análise, que é a construção da identidade europeizada do Estado e, conseqüentemente, de Curitiba, que resulta no processo de invisibilização da população negra por meio de um discurso plurirracial e democrático.

A concepção do rapper (na entrevista acima), que é uma liderança muito respeitada na cidade, supõe que o “poder não tem cor”, assim, pode-se pressupor, na análise do rapper, que a pobreza também não tem cor, o que justificaria a percepção de que a grande discriminação seja mesmo contra os pobres, num país cuja desigualdade social é enorme. Assim, ao contrapor os argumentos do grupo Racionais MC’s, que defende os 4 P: Poder Para o Povo Preto, pressuporia, em sua análise, uma espécie de discriminação racial contra os brancos no País. Sua compreensão, portanto, sugere o entendimento de que não há desigualdades raciais, somente sociais. Porque, no dizer do rapper, “racismo sim é só defender o negro”. Contudo, quando ele afirma “que o negro sim é mais preconceituoso do que o branco”, ele não pareceu partir do entendimento de que os negros se discriminam mais do que os brancos os discriminam; para ele, são os negros que mais discriminam os brancos.

Esta análise poderia sugerir uma outra pesquisa de campo, quando se nota que esta liderança, que tem seus discursos repetidos por integrantes, inclusive o discurso dos “4 P: Poder Para o Povo Pobre”, é vista pelos integrantes do Movimento Hip Hop como um branco (a liderança tem traços caucasóides: pele clara, cabelo claro e olhos azuis). A interpretação poderia ser a de que os poucos atores brancos se sentem identificados como tal. Ou seja, eles compreendem que estão num movimento de negros. E a auto-afirmação cotidiana do pertencimento racial (do grupo negro) favoreceria que os integrantes brancos se sentissem excluídos do Movimento. Se nossa pesquisa tivesse avançado nesta percepção, a interpretação poderia ser, quem sabe, de que os atores brancos reconhecem que o Movimento é majoritário de negros, mas os atores negros não reconhecem que o Movimento é minoritário de brancos.

5.0. Considerações Finais

Na medida em que pretendemos identificar que sentidos os rappers de Curitiba e Região Metropolitana apreenderam dos ideais construídos acerca da cidade de Curitiba como sendo uma cidade de Primeiro Mundo e Capital Européia, um discurso, enfim, plurriracial e de uma harmonia racial, intentamos apontar algumas análises que pudessem possibilitar um novo olhar acerca da cidade de Curitiba na década de 1990, identificada pelos meios de comunicação como a cidade que deu certo, a cidade modelo do país, a capital européia da convivência harmoniosa entre seus indivíduos, independentemente do pertencimento racial.

Alguns autores que se dispuseram a analisar o mito da cidade que deu certo também identificaram a idéia de uma capital européia, mas não necessariamente fizeram um recorte racial, ainda que tenham identificado a supervalorização, do discurso oficial, do imigrante

européu, e sobretudo no que tange ao planejamento urbano de Curitiba nos anos de 1960 e 1970.

Acreditamos que a originalidade desta pesquisa esteve, justamente, em considerar também a população negra num debate também central na análise desta cidade. Como já observamos, algumas das características da modernização da cidade de Curitiba na virada do século XIX para o XX., do ponto de vista dos seus ideais, fundamentaram a construção da identidade cultural paranaense embasada também no “meio físico” e sua raça superior (como pensava a elite nacional), o elemento branco (o imigrante europeu). Ao mesmo tempo, esses ideais corroboraram para a construção, pelo “poder local”, de uma idéia assentada numa “democracia racial” firmada num discurso plurirracial, em que se constituiria uma harmonia racial entre todos os indivíduos, mas com características singulares daquelas construídas na vertente brasileira. No que concerne às “teorias do branqueamento”, no caso curitibano, somente as “etnias” européias e raramente as asiáticas participam desta “democracia racial”, resultando num processo de “invisibilização” da população negra, não só nos discursos oficiais da cidade na década de 1990, pois se reflete inclusive nos livros didáticos.

A construção dessa imagem europeizada e branca da cidade projetada para o futuro produziu uma realidade a-histórica, que nega o passado escravocrata, privilegiando um perfil de urbanização que atende a certos estratos sociais e de cor.

Neste contexto é que enfatizamos a atuação do Movimento Hip Hop em Curitiba e Região Metropolitana, em especial os rappers, que são jovens de periferia, na sua maioria negra, que se consideram porta-vozes da periferia, e de como estes atores sociais que

residem na cidade, de acordo com algumas características, sobretudo raciais e espaciais, podem apreender os discursos construídos acerca da identidade cultural da cidade.

Através das análises das letras de música e dos discursos dos rappers, foi possível detectar que não houve uma apreensão do discurso da representação e imagem da cidade de Curitiba como sendo uma capital de Primeiro Mundo, uma cidade que deu certo, modelo para o país. Os rappers fazem críticas a esta imagem da cidade não só nas suas letras, como também nos seus discursos.

Já no que diz respeito ao processo de invisibilização da população negra, num discurso de Capital Européia e da harmonia racial, pudemos concluir que o que move os rappers de Curitiba e Região Metropolitana, entre 2001 e 2002, não é sua situação de indivíduo negro vivendo em Curitiba, mas sim a sua condição de pobre. Não é a sua condição de negro pobre, porque sua descendência africana não é o significado mais importante na análise de sua exclusão social e da violência sofrida na periferia.

Tal conclusão nos chama atenção para a singularidade do racismo curitibano, que nos parece ter uma especificidade, quando comparado a outras cidades: não é negar os direitos dos “diferentes” – é justamente negar a sua existência.

6.0. Referência Bibliográfica:

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de **O Trato dos Viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul**. São Paulo: Companhia das Letras.2000.
- ANDRADE, Eliane Nunes- **Hip Hop: movimento negro juvenil** in **Rap e Educação: Rap é Educação**.ANDRADE, Elaine Nunes (org). Selo Negro. São Paulo.1999.
- AZEVEDO, Célia Maria Marinho de - **Quem Precisa de São Nabuco?** in **Revista Afro Asiáticos**. No. 01 ano 23, 2001.
- AZEVEDO, Thales de. – **Democracia racial: ideologia e realidade**. Petrópolis, Vozes, 1975.
- BANTON, Michel. **A Idéia de Raça**. Trad. Antonio Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 1977
- BAZIN, Hugues- **La Culture Hip Hop** . Desclée de Brouwer, Paris. 1995.
- BIGG-WITHER , Thomas P – **Novo Caminho no Brasil Meridional: A província do Paraná, três anos em suas florestas e campos.(182-1875)**. Rio de Janeiro, J. Olímpio; Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1974
- BONILHA-SILVA-Eduardo. **Rethinking racism:toward a structural interpretation** **American Sociological Review**. Vol. 62, 1996. Pp. 465-480
- BOURDIEU, Pierre - “Espaço social e gênese das ‘classes’ “, in **O poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- CARONE, Iray - “**Breve Histórico de uma Pesquisa Psicossocial Sobre a Questão Racial Brasileira.**” In **Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (org) . Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- CASTELLS, Manuel – **O Poder da Identidade. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. Vol. 2, 3ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- CHIAVENATO- Julio J- **O Negro no Brasil: da senzala à Guerra do Paraguai**. 4ª. ed São Paulo: SP: Brasiliense., 1987.
- CHIAVENATO, Julio J.- **O Negro no Brasil: da senzala á Guerra do Paraguai / Editora brasiliense 1980.**
- D’ ADESKI, Jacques . **Pluralismo étnico e multi-culturalismo : racismo e anti-racismo no Brasil** – Rio de Janeiro : Pallas, 2001.
- DA SILVA, Maria Ap.- **Projeto Rappers: uma iniciativa pioneira e vitoriosa de interlocução entre uma Organização de Mulheres Negras e a juventude do Brasil** in **Rap e Educação: Rap é Educação**. ANDRADE, Elaine Nunes (org). Selo Negro. São Paulo.1999.
- GARCIA DE SOUZA, Marcilene Garcia- **O Papel das Lições Curitibanas na Produção da Invisibilidade do Negro em Curitiba**. Monografia de Conclusão do Bacharelado em Ciências Sociais no Departamento de Ciências Sociais, do Setor de Humanas, Letras e Artes da UFPR. 1999.
- DURKHEIM, E - **As regras do método sociológico**. São Paulo: Cia E. Nacional, 1976.
- FOUCAULT, Michel : **Microfísica do Poder**, 11 edição, Rio de Janeiro: Graal,1993.
- FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- GARCIA, Fernanda Éster Sanches, **Cidade espetáculo: política, planejamento e city marketing**. Curitiba: Palavra, 1997.

- GORENDER, Jacob – **Brasil em Preto e Branco: o passado escravista que não passou** – São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo : **Racismo e anti-racismo no Brasil**. – São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 1999.
- GUIMARÃES.- Maria E. Araújo- **Rap: transpondo as fronteiras da periferia** in Rap e Educação: Rap é Educação. ANDRADE, Elaine Nunes (org). Selo Negro. São Paulo.1999.
- HASENBALG, Carlos Alfredo - **Estrutura social, mobilidade e raça/** Carlos A. Hasenbalg e Nelson do Valle Silva - São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais; Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, 1988.
- HERSCHMANN, M- **O Funk e o Hip-Hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2000.
- IANNI, Octavio- **As Metamorfoses do Escravo: apogeu e crise da Escravatura no Brasil Meridional**. 2 edição. São Paulo: Hucitec Curitiba: Scientia estrutura Labor, 1988
- MARTINS, Romário- **História do Paraná**. 3ª. Edição. São Paulo: Editora Guairá 1952.
- _____ **Paranista. A divulgação**. Curitiba. 1946. pg.
- MARTINS, Wilson - **A Invenção do Paraná: estudo sobre a presidência Zacarias de Góes e Vasconcelos**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1999
- MARTINS, Wilson - **Um Brasil diferente: ensaio sobre o fenômeno de aculturação no Paraná**. 2a. edição, São Paulo: T.A. Queiroz, 1989.
- MORAES, Pedro R. Bodê & GARCIA DE SOUZA, Marcilene - **Invisibilidade, Preconceito e Violência Racial em Curitiba** in Revista de Sociologia e Política: *Cidadania e Violência*. No. 13, UFPR 1999.
- MUNANGA, Kabengele- **Negritude Usos e sentidos** / São Paulo 1988
- NABUCO, Joaquim -**Minha Formação**. Livraria José Olympio Editora, 1957.
- _____ **O Abolicionismo**. 2ª. ed Petrópolis: RJ: Vozes, 2000.
- NOGUEIRA, Oracy - **Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.
- OEA, **Comissão Internacional dos Direitos Humanos-** Relatório sobre a situação de Direitos Humanos no Brasil ,1997.
- OLIVEIRA, Dennison de- **Curitiba e o Mito da cidade modelo**. Curitiba: Ed. Da UFPR. 2000.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso - **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira Ed. 1976.
- PEREIRA, Luis Fernando Lopes **Paranismo: Cultura e Imaginário no Paraná da I República**. Dissertação de Mestrado, apresentada aos Cursos de Pós-Graduação em História, Linha História das Idéias, UFPR, 1996
- _____ *O espetáculo dos maquinismos modernos: Curitiba na virada do século XIX ao XX*. Tese de doutorado em História Social. São Paulo: USP. 2002.
- RIBEIRO, Souza Antônio – **A retórica dos limites. Notas sobre o conceito de fronteira**. In SANTOS – Boaventura de Souza (org)– **A Globalização e as Ciências Sociais**. 2ª, ed.- São Paulo – Cortez, 2002.
- RODERJAN, Rosely Vellozo, Coleção: **História do Paraná**. GRAFIPAR 1969. Capítulo: **Formação Étnica no Paraná**.
- SALLAS, Luísa Fayet (et al) **Os jovens de Curitiba: desencantos e esperanças, juventude, violência e cidadania**. Brasília: UNESCO, 1999 (Edições UNESCO).
- SANTOS, Boaventura. **Reinventar a democracia:entre o pré-contratualismo e o pós - contratualismo**”. In: Francisco de Oliveira e Maraia Célia Paoli. Op. Cit.

- SANTOS, Gislene Aparecida dos - **A invenção do “Ser Negro”: um percurso das idéias que naturalizam a inferioridade dos negros.** São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.
- SCHMIDT, M. Auxiliadora M. S. **Histórias do Cotidiano Paranaense.** Editora Letraviva, 1996.
- SILVA, Augusto Santos e FORTUNA, Carlos- **A cidade do lado da cultura: Espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural** In SANTOS – Boaventura de Souza SANTOS (org)- **A Globalização e as Ciências Sociais.** 2ª, ed.- São Paulo – Cortez, 2002.
- SILVA, José Carlos Gomes da.- **Arte e educação: a experiência do movimento Hip Hop paulistano.** in Rap e Educação: Rap é Educação. ANDRADE, Elaine Nunes (org). Selo Negro. São Paulo.1999.
- SILVA, Salloma & AZEVEDO, Amilton.- **Os sons que vem das ruas** in Rap e Educação: Rap é Educação. ANDRADE, Elaine Nunes (org). Selo Negro. São Paulo.1999.
- SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento Brasileiro.** 2ª ed. Rio de Janeiro: RJ. Paz e TERRA, 1976.
- SODRÉ, Muniz **Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil.** Petrópolis: RJ: Vozes, 1999.
- SOUZA, Nelson Rosário de - **Planejamento Urbano em Curitiba: Saber Técnico, Classificados dos Cidadãos e Partilha da Cidade.** In **Revista de Sociologia Política.** Junho de 2001.
- TORRES, Alberto - **O problema nacional brasileiro.** 4a. educação. São Paulo: Educação. Universidade de Brasília, 1982.
- TOURAINÉ, Alain - **Iguais e Diferentes: Poderemos Viver juntos?** Lisboa:Portugal: Instituto Piaget. Epistemologia e Sociedade. 1997.
- TREVISAN, Dalton, “Curitiba Reinventada” In Dinorá: **Novos Mistérios.** Rio de Janeiro: Record, 1994.
- WACHOWICZ, Ruy Christovam -**História do Paraná.** 6ª ed. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina Ltda, 1988 e 2000.
- WACQUANT, Loïc - **Os condenados da cidade: estudo sobre a marginalidade avançada.** Rio de Janeiro: Revan; FASE, 2001.